

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO COLETIVA
DE SABERES E PRÁTICA**

ANA CAROLINE FRANCO

**PIRACICABA, SP
2021**

ESTUDOS DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES E PRÁTICA

ANA CAROLINE FRANCO

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a LUCIANA HADDAD FERREIRA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

**PIRACICABA, SP
2021**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecário: Fábio Henrique dos Santos Corrêa – CRB: 8/10150

F825e Franco, Ana Caroline
Estudos de gênero e construção coletiva de saberes e prática /
Ana Caroline Franco. – 2021.
161 fls.; il.; 30 cm.

Orientador (a): Prof. Dra. Luciana Haddad Ferreira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2021.

1. Estudo de Gênero. 2. Gênero na Escola. 3. Gênero e
Educação. I. Ferreira, Luciana Haddad. II. Título.

CDD – 305.3071

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Haddad Ferreira

**Prof.^a Dr.^a Andreza Barbosa (Titular)
Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)**

**Prof.^a Dr.^a Rita de Cassia Antonia Nespoli Ramos (Titular)
Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)**

**Prof.^a Dr.^a Claudia da Silva Santana (Suplente)
Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)**

**Prof.^a Dr.^a Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha (Suplente)
Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)**

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus sobrinhos, Kauã, Enzo, Mikaelly e Heithor que, em meio à insanidade da pandemia, estavam comigo e mesmo sem saber ou entender me davam forças a cada sorriso, olhar, abraço, beijo. Ainda que trabalhando dobrado, triplicado, eu sempre estava ali para levar ou buscar em hospitais, para ajudar com a pilha de lições para casa, para mimar, porque a tia não é de ferro também.

Kauã, mesmo com tantos quilômetros nos separando, está sempre presente em meu coração, pensamento e em minhas orações. Morro de saudade diariamente, meu anjo, e embora nossos encontros sejam raros durante o ano, sempre aproveitamos muito bem.

Enzo nunca estive tão perto de mim, além de tia e de todos os outros títulos, tornei-me também sua professora, com as tarefas infinitas realizadas semanalmente, nossos filmes de terror (seu gênero preferido, mesmo ficando com medo depois) recheados de muitas comidas gostosas para compensar o esforço e a dedicação.

Mikaelly com sua expressão brava, séria, como todos dizem: “igual a tia”, nem sabe que faz meu coração transbordar de amor quando grita “Tiiiiia”, abraça, beija, pede benção. Você irradia minha vida, minha pessoinha, miniatura de mim.

Heithor resolveu nascer em meio a essa loucura, entre tantas idas e vindas ao hospital, nasce não nasce, finalmente veio ao mundo, repleto de saúde, cercado de muito amor, carinho e proteção divina, sobretudo quando a Mika resolve carregá-lo ou enchê-lo de beijos com toda sua “delicadeza”.

Vocês são pedacinhos de mim correndo por aí, é uma honra acompanhar e fazer parte de cada descoberta, cada aprendizado, cada aventura, cada momento importante da vida de vocês. Sempre terão meu amor, meu carinho, meu respeito e minha proteção. Agradeço a Deus pela vida de vocês, bem como peço a Ele que guie e abençoe cada passo de suas caminhadas.

Vocês são tudo para mim, amores!

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que contribuíram para que eu caminhasse até aqui. Meus pais, João e Marli, principalmente minha mãe, foram fundamentais para a conclusão de mais essa vitória tão importante. Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família e amigos, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil concluir essa trajetória.

Agradeço à minha pessoa favorita, entre “todos os universos”: Aline, muito obrigada por tornar as dificuldades mais leves, por me amparar quando precisei, por se alegrar com cada pequena conquista minha, você tem toda minha admiração e respeito, como pessoa e como profissional. Da mesma forma que estive e está sempre comigo, eu sempre estarei com você.

Agradeço a Deus pela força, perseverança, amor, cuidado e, sobretudo, saúde, se cheguei até aqui é porque minha fé me sustentou e me guiou.

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já, peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas de que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço a todas as professoras que passaram pela minha vida e deixaram um pouquinho de si, que me olharam como ser humano, que me respeitaram como pessoa.

Em especial, agradeço à Prof.^a Dr.^a Andreza Barbosa, que me acompanhou no término da graduação e ingresso na pós-graduação. Agradeço imensamente à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Luciana Haddad Ferreira pela compreensão, paciência e sabedoria com que me conduziu nesta pesquisa, nós sabemos o quanto foi sofrido e ao mesmo tempo libertador.

Agradeço à Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Como tem sido difícil ficar longe do campus e de tudo o que ele possibilita, é uma honra fazer parte e pertencer a este lugar, seja como aluna ou funcionária. Assim como, agradeço ao Colégio Anglo – Liceu Capivari, pela oportunidade de lecionar pela primeira vez no ensino regular, na educação básica, podendo colocar em prática tudo o que me constitui como professora.

Para finalizar, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil, pois, sem esse apoio, eu não poderia realizar esta pesquisa.

Que a força do medo que tenho
Não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tape os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito
Mas a outra metade é silêncio
[...]
Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela mesma não saiba
E que ninguém a tente complicar
Porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
Porque metade de mim é plateia
A outra metade é canção
E que a minha loucura seja perdoada
Pois metade de mim é amor
E a outra metade também

Canção de Oswaldo Montenegro, Metade.

Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?

Frida Kahlo

RESUMO

Esta é uma pesquisa de intervenção que investiga a compreensão que se tem a respeito das vivências relacionadas ao estudo de gênero no chão da escola. Nesse sentido, o estudo tem por objetivo compreender as conjunturas e as dificuldades referentes ao estudo de gênero que são vivenciadas no contexto escolar, partindo dos registros produzidos por profissionais da educação, do interior do estado de São Paulo, em encontros promovidos em um curso de extensão. Nesta pesquisa, busca-se responder qual é a importância da discussão e do estudo de gênero no contexto educacional, e como as práticas sociais contribuem para o reconhecimento da igualdade de gênero. A dissertação é ancorada nas perspectivas defendidas por autores do campo dos estudos de gênero em educação, pautada nos princípios humanistas e fundamentada pela metodologia narrativa, à luz da Teoria Histórico-Cultural. A formação proposta, situada na prática, possibilitou a participação de profissionais no processo de construção do conhecimento de maneira coletiva. Em vista disso, a análise do material produzido no curso, respaldada pelo paradigma indiciário, possibilitou a criação de três eixos, a saber: turbulências que representam nossas lutas e angústias; trabalho coletivo que enfatiza como é potente trabalhar em conjunto, priorizando o diálogo; e práticas pedagógicas, que é realizar aquilo que estudamos e acreditamos, por meio da construção coletiva de saberes, com o intuito de unir a teoria à prática. A partir da análise de tais registros compreendemos que o chão da escola ainda conserva preconceito e intolerância, entretanto, é um meio potente de transformação social que pode reverter essa realidade, e promover a luta por igualdade de gênero e pelo respeito à diversidade. Por meio dessa formação foi possível ressignificar o eu, assim, com uma interpretação de sentido transformada, essa sensibilização refletiu na prática pedagógica.

Palavras-chave: Estudo de Gênero. Gênero na Escola. Gênero e Educação.

Abstract

This is an intervention research that investigates the understanding of the experiences related to the study of gender in the school. Therefore, this study aims to understand the circumstances and difficulties related to the study of gender that are experienced in the school context, starting from the records produced by education professionals from Piracicaba and region in meetings promoted in an extension course. The research aimed to answer what the importance of the discussion and study of gender in the educational context is, and how social practices contribute to the recognition of gender equality. The dissertation is anchored in the perspectives defended by authors in the field of gender studies in education, based on humanist principles and the narrative methodology, in the light of the Historical-Cultural Theory. Such training, situated in practice, enabled the participation of professionals in the collective process of knowledge construction. Therefore, the analysis of the material produced in the course, supported by the evidential paradigm, made it possible to create three axes: turbulences that represent our struggles and anxieties; collective work that emphasizes how powerful it is to work together, prioritizing dialogue; and pedagogical practices, which is to accomplish what we study and believe, through the collective construction of knowledge, in order to unite theory to practice. From the analysis of such records, we understand that the school still retains prejudice and intolerance, however, it is a powerful means of social transformation that can reverse this reality and promote the fight for gender equality and respect for diversity. Through this training it was possible to reframe the self, thus, with a transformed meaning interpretation, this awareness reflected in pedagogical practice.

Keywords: Gender Studies. Gender at School. Gender and Education.

LISTA DE SIGLAS

AAP	Avaliação de Aprendizagem em Processo
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GEERGE	Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero
GEPAE	Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar
GF	Grupo Focal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LAGEDIS	Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades
MPB	Música Popular Brasileira
PCCTAE	Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação
PIBIC-EM	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROUNI	Programa Universidade para todos
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SEE-SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNB	Universidade de Brasília
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: dados Scielo	30
Tabela 2: dados Capes	31
Tabela 3: inventário	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: descritor Gênero na Escola.....	31
Quadro 2: descritor Estudo de Gênero	33
Quadro 3: descritor Gênero e Educação	37
Quadro 4: descrição <i>Scielo</i>	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação – Novos aprendizados	82
Figura 2: Apresentação – Importância do tema.....	82
Figura 3: Microconto - Dedicção.....	83
Figura 4: Microconto - Educação	83
Figura 5: Microconto - Acúmulo de função	84
Figura 6: Poema – Professora.....	85
Figura 7: Poema - Ensino	85
Figura 8: Verbete - Dedicção.....	87
Figura 9: Verbete - Resistência	87
Figura 10: Narrativa - Transformação	91
Figura 11: Narrativa - Brinquedos.....	91
Figura 12: Carta – Construção social	93
Figura 13: Carta - Reflexões.....	95
Figura 14: Coletânea com amor.....	109
Figura 15: Coletânea com humor	110
Figura 16: Prática pedagógica - Frente.....	138
Figura 17: Prática pedagógica - Verso	139

SUMÁRIO

1.	VOO 19-21	14
1.1.	Dados da aviadora.....	15
1.2.	Dados do avião	25
1.3.	Conhecendo outros destinos/ horizontes de outras janelas.....	29
2.	PRINCIPAIS CABINES DE ASSISTÊNCIA	49
2.1.	Propriedades da Pesquisa Narrativa junto ao Paradigma Indiciário.....	50
2.2.	Teoria Histórico-Cultural.....	54
2.3.	Estudo de Gênero.....	65
3.	DESTINO: CURSO DE EXTENSÃO.....	75
3.1	Preparativos para decolar.....	76
3.2	Escala de voo	81
3.3	Bagagem cultural após aterrissar	95
4.	COGNIÇÃO DAS ENGRENAGENS	100
4.1	Turbulências	101
4.2	Trabalho coletivo	110
4.3	Práticas pedagógicas	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
	REFERÊNCIAS.....	147
	APÊNDICE 1 A	158
	APÊNDICE 1 B	159
	APÊNDICE 2.....	160
	APÊNDICE 3 A	161
	APÊNDICE 3 B	162

1. VOO 19-21

Queridas passageiras, desejamos uma boa viagem!

Avião ME: F²

Neste breve comunicado, vocês terão informações sobre esta aviação, começando pela aviadora Ana, o nome é pequeno, mas o coração não, formada em Letras, comprometida com o ambientalismo e com a ecologia, porém escorrega na alimentação, enfim ela é atravessada por ideologias. Apaixonada por livros, pela educação e pelo processo de construção do conhecimento, adora um desafio, propaga o empoderamento, afinal ela é repleta de sentimentos.

Mas a Ana não está sozinha, Nana é a sua parceira de pilotagem, vigotskiana, crossfiteira que topou toda essa viagem.

Pedagoga por formação, também doutora em educação e cá entre nós adora um inventário, pilotaram juntas, eram os mesmos controles em mãos, ela até assumiria se fosse necessário. Por isso, não são cabíveis os termos piloto e copiloto, para equipe de voo vamos ressignificar. Ela foi fundamental na tomada de decisões, acolhimento, referências, em suma para frutificar.

Após apresentação de parte da tripulação, vamos à aeronave, Me. de mestrado, F² de Franco e Ferreira, essas são as chaves. Além dos sobrenomes, 19-21 representa o ano de ingresso e defesa, até porque essa equipe aprecia os detalhes, não é só luta, é também sutileza. O tempo previsto de viagem realmente voa, são dois anos que sem dúvida formam sujeitos mais humanos.

Na próxima página você encontrará mais informações sobre a pesquisadora, em seguida, sobre a pesquisa, já adianto que elas lutam por uma educação emancipadora. Tudo começou com uma inquietação pessoal, que foi inflamada por uma leitura, depois ganhou força em uma palestra, e constantemente se alimenta da realidade que é dura. Para terminar, aproveitem as vistas das janelas e a luz solar, apertem os cintos, vamos decolar.

1.1. Dados da aviadora

O presente texto tem por objetivo compartilhar a minha trajetória pessoal e acadêmica, para atribuir não só sentido, mas também sentimento às minhas escolhas, “pois metade de mim é amor e a outra metade também”.

Todo o meu percurso na educação básica foi em escola pública, tenho grande respeito e admiração pelo ensino público, pelos profissionais, sobretudo pelos professores à frente dele. Tive o privilégio de não mudar de escola frequentemente, apenas quando se encerravam os níveis e era necessário mudar. Os meus ciclos escolares foram vividos muitas vezes com os mesmos profissionais, os mesmos espaços partilhados, o que permitiu, ao menos para mim, conforto, aproximação, relações estáveis e duradouras. Ao longo do percurso, havia novas pessoas, novidades em todos os aspectos, o que é natural, mas foi possível construir uma base sólida, que trazia segurança.

Sentir acolhimento e segurança em uma unidade escolar faz com que nos reconheçamos como sujeitos ativos, que fazem parte, que têm opinião, que podem se expressar. Sempre participei de projetos da escola com diversos temas, reciclagem, arrecadação de roupas e de alimentos, propostas do grêmio estudantil, competições esportivas, fui representante de sala em todos os anos do Fundamental II, participava do conselho da escola e não era só assinar a ata, participava das reuniões, das votações, dos conselhos de classe. Essa representatividade, esse pertencimento faz toda diferença na vida dos discentes, não é só ter voz, é também ser ouvida.

Já nos dois ciclos finais, a rotatividade e a itinerância dos docentes foram muito presentes. Até o último ano do Ensino Fundamental II, a disciplina de Língua Portuguesa era uma das que eu menos me envolvia, muitas professoras¹ haviam passado por mim, como é a realidade das escolas estaduais, porém nenhuma dessas docentes havia me tocado. Além disso, sempre gostei da exatidão, adorava matemática, tenho facilidade com fórmulas, esquemas e tive professoras muito boas nessa disciplina, sempre terminava as tarefas e ajudava os colegas que tinham mais dificuldade.

Em 2011, houve um marco, uma mudança repentina e muito importante, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II, conheci uma Professora de Língua Portuguesa comprometida com o ser humano por trás do uniforme de estudante e com a educação para a vida acima dos conteúdos específicos da matéria por ela ministrada. Professora Aline é a protagonista por eu

¹ Escolhemos fazer o uso dos termos flexionados no gênero feminino, pois as mulheres representam maior número na profissão docente e no curso de extensão realizado por meio desta pesquisa.

ter escolhido ser professora, por eu ter me descoberto professora. A partir desse ano, 2011, eu estava certa de que cursaria Letras.

Recordo de momentos em que a sala estava um caos, na maioria das vezes, nas trocas de professores havia tumulto, ela entrava na sala e todos já se organizavam, não por medo, porque nunca houve qualquer ameaça ou tom rude, nada disso, mas por respeito. Em poucos minutos já estávamos prontos para a aula, concentrados, atentos, era uma aula muito esperada, que se por algum motivo não a tivéssemos, fazia falta. Também os momentos em roda, que não eram poucos, permitiam um ambiente diferente, especificamente essa professora tinha esse hábito e era muito agradável, poderia ser uma avaliação oral ou uma simples leitura coletiva, o envolvimento e o interesse dos alunos eram muito particulares nessa relação.

Os anos se passaram, porém nunca perdi o contato com a Aline, temos uma parceria consolidada até hoje, construímos uma amizade muito verdadeira, temos o hábito de cozinhar juntas, trocar indicações de livros, filmes, séries e afins. Além da aproximação na vida pessoal, também compartilhamos materiais, conteúdos e similares relacionados ao trabalho, ela continua professora na rede estadual paulista e eu leciono na rede privada.

Em 2014 terminei o Ensino Médio, prestei vários vestibulares, já conhecia a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e por diversos motivos foi a minha melhor escolha. Já em 2015, ingressei na graduação, cursando Letras – Língua Portuguesa, na Unimep, como bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni). Sou muito grata a essa bolsa de 100% que possibilitou o meu acesso ao Ensino Superior, bem como ressalto a importância desse Programa não só na minha vida, mas na vida de todas as pessoas que conseguiram cursar uma faculdade por esse meio. É inquestionável a relevância do Prouni para a sociedade, especificamente no que diz respeito à educação, sempre defendendo essa bolsa e evidencio a representação dela na minha trajetória acadêmica.

Ainda em 2015, surgiu uma oportunidade de estágio na Editora da Universidade, fiquei cinco meses como estagiária, fui efetivada como funcionária e trabalho na instituição desde esse período. A Editora era um segmento da Coordenadoria de Extensão, existia um projeto, muito especial para mim, chamado “Unimep na Comunidade”, participei de várias edições, em toda a organização e realização do evento, e outras diversas ações desse segmento, principalmente em escolas, com atendimento jurídico, de saúde, educação e outros, tudo disponível gratuitamente aos alunos, suas famílias e a comunidade local, por tudo o que eu vi, vivi, aprendi e desenvolvi, tenho muito respeito por esse pilar da universidade.

Na graduação, temos as horas necessárias como atividades complementares, o que na vida de muitos alunos é complicado, há a necessidade dos certificados e demais documentos

para comprovar a participação em atividades, como eu trabalhava na Coordenadoria de Extensão e tinha contato direto com as Coordenadorias de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa, por estar dentro da universidade, acessando o site e os outros canais de comunicação diariamente, essas horas foram preenchidas com facilidade, eu participava de todos os eventos possíveis, gosto de me envolver na organização e depois comparecer também.

Minha função predominante é administrar a publicação de livros e a dos periódicos da instituição, em relação a prazos, publicações, processos editoriais, suporte técnico, assistência, assim como colaborar com as comissões editoriais. Isso possibilitou estreitar relações com o corpo docente da universidade e com a Pós-Graduação em vários aspectos, ainda cursando a graduação eu já investigava a Pós. Eu trabalhava nos períodos da manhã e da tarde e estudava à noite, todas essas horas diariamente no campus foi cultivando esse carinho, esse respeito, essa vivência, essa relação afetiva que eu tenho com essa universidade.

Muitas disciplinas e professoras me marcaram ao longo da graduação, Professora Josiane, coordenadora do curso, é uma referência importante no que diz respeito ao estudo da Literatura, Professora Sônia na Linguística, Professora Rita na Gramática e Professora Ligiane na Produção Textual, essas mulheres são inspirações que eu busco colocar em prática na minha atuação docente. Além delas, a Professora Andreza, que foi fundamental para que eu me inscrevesse na Pós-Graduação, foi orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e ministrou as disciplinas de Política, Educação e Docência (2º semestre) e Estágio Supervisionado em Gestão Escolar (7º semestre).

O último ano do curso foi um tanto conturbado, a Professora Josiane era minha orientadora de TCC a princípio, entretanto, foi desligada, assim como a Professora Sônia, eram as docentes mais antigas e as que coordenavam o curso; foi um acontecimento marcante, o sentimento de luto predominava tanto no corpo docente quanto no discente, precisamos de um tempo para nos recompor e conseguir nos reorganizar novamente. Além disso, a turma de 2015 foi a última do curso de Letras Língua Portuguesa na Unimep, o que é muito representativo para nós, considerando a ausência de procura e de interesse pelos cursos de licenciatura, assim como o investimento e a relevância que as instituições estabelecem para os cursos da área de educação.

No último ano, lidando com as adversidades mencionadas anteriormente, tivemos a vivência da prática, o aprendizado que o estágio proporciona é singular, estar no chão da escola, como professora regente pela primeira vez, produzindo e aplicando o plano de aula, conduzindo uma classe, é indispensável para a formação. Optei por realizar os meus estágios na mesma unidade, no ensino público, em uma escola estadual paulista, no município de Piracicaba. O

apoio das docentes nesse momento foi essencial, a Professora Ligiane teve ainda mais destaque durante esse período, acabou assumindo a responsabilidade e nos conduziu da melhor maneira, mesmo diante de todas as dificuldades.

Em 2018, concluí o curso, ciente de que precisava de mais, com sede de um Mestrado em Educação, em conjunto com o amor resiliente digno de uma unimepiana, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), em 2019, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Aproveito para destacar, mais uma vez, a importância do investimento financeiro dos órgãos públicos, sejam bolsas, cotas, descontos e outros, a transformação que esses recursos promovem na vida de um estudante é muito importante. O acesso à educação abre uma diversidade de caminhos, escolhas, trabalhos, conquistas que necessitam de respeito, preservação, manutenção e investimento.

Ingressei no PPGE, sob orientação da Professora Andreza, com um projeto de pesquisa que tinha como objetivo investigar como as avaliações externas têm afetado o cotidiano da organização escolar, tendo como foco principal a Avaliação da Aprendizagem em Processo (AAP), ressaltando o método de composição mercadológica, por meio do gerencialismo e da competitividade que tem transfigurado a escola, tornando-a refém da publicitação e exposição dos resultados das avaliações externas, que estão se convertendo, cada vez mais, em um eixo estruturante das políticas educativas por meio desse controle por resultados. A escolha por esse debate foi pela presença significativa dele nas rodas de conversa do estágio, fazíamos o relato semanal e esse destaque era constante, estávamos atuando em escolas e cidades distintas e eram as mesmas implicações.

A AAP foi implementada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP) em 2011 em todas as escolas da rede, objetivando identificar o nível de aprendizado dos estudantes, era aplicada no formato de um caderno de questões com perguntas objetivas de língua portuguesa e matemática, tendo como base o conteúdo do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, aplicados quatro vezes por ano, sendo o primeiro caderno uma avaliação diagnóstica, de entrada e referente ao 4º bimestre do ano anterior, as outras três eram uma por bimestre (1º, 2º e 3º). Segundo a SEE/SP, os resultados obtidos visavam produzir orientações aos professores, desenvolver programas e projetos que atuassem nas dificuldades dos alunos.

No entanto, no início de 2019, com a posse do atual governo, esses exames foram suspensos por um período, e, embora o cenário tenha mudado posteriormente, pois as avaliações foram retomadas, bem como ganharam força e espaço, ficamos com receio de investir no estudo de um objeto que se encontrava frágil e instável naquele momento, com isso a discussão poderia ter pouca contribuição no futuro.

Diante dessa instabilidade, nós já estávamos analisando a necessidade de repensar o projeto de pesquisa, principalmente pelo fato de o objeto de estudo estar comprometido. Em seguida, a Professora Andreza foi chamada em um concurso de outra instituição de ensino, como esse estudo havia sido planejado com ela, eu não vi mais sentido em dar continuidade sem sua orientação.

É válido evidenciar que esses desligamentos de docentes importantes, assim como a busca desses profissionais por melhores condições de trabalho, considerando a perspectiva financeira e o contexto das instituições, não é uma coincidência ou algo por acaso, é o reflexo da complicada e desestruturada situação política brasileira, sobretudo no que diz respeito aos planos e investimentos públicos em Educação.

Há uma forte ideia, mundialmente difundida, fruto das políticas neoliberais, de que a educação deva ser considerada como mercadoria e colocada como bem de consumo. Isso acontece há tempos e tem ganhado incrível força com a ascensão dos governos ultraconservadores ao redor de todo o mundo. A Educação passa a ser medida pelo quanto custa e não por sua efetividade na atuação social, o que leva instituições tradicionais (no que diz respeito ao tempo em que se dedicam a praticar a educação superior e os compromissos selados) a cederem em relação àquilo que consideram valores e proporem reorganizações, em nome da competitividade de mercado e de uma suposta sobrevivência, ações que descaracterizam a filosofia universitária e desvalorizam o sério trabalho há tanto tempo realizado pelos colaboradores.

De acordo com Gentili (1996), um argumento crucial na retórica elaborada pelas tecnocracias neoliberais é que

[...] atualmente, inclusive nos países mais pobres, não faltam escolas, faltam escolas melhores; não faltam professores, faltam professores mais qualificados; não faltam recursos para financiar as políticas educacionais, ao contrário, falta uma melhor distribuição dos recursos existentes. Sendo assim, transformar a escola supõe um enorme desafio gerencial: promover uma mudança substantiva nas práticas pedagógicas, tornando-as mais eficientes; reestruturar o sistema para flexibilizar a oferta educacional; promover uma mudança cultural, não menos profunda, nas estratégias de gestão (agora guiadas pelos novos conceitos de qualidade total); reformular o perfil dos professores, requalificando-os, implementar uma ampla reforma curricular, etc. (GENTILI, 1996, p. 04).

Nesse contexto, a precarização do ensino público está ainda mais exposta, com o oferecimento de menos vagas, os espaços estão cada vez mais precários, se contrata o mínimo de profissionais, os investimentos têm sido insuficientes. Muitos dos estudantes que acabam tendo que optar pelo ensino privado, não possuem a mínima condição financeira de arcar com essa despesa, a maioria se sujeita a financiamentos absurdos por ser a única possibilidade de

estudar. Por consequência, há um aumento da procura pelas instituições particulares, que estão perdendo a essência do ensino e brigam de forma atroz por número de pagantes e, conseqüentemente, ingressam numa disputa centrada em custos e valores de mensalidades, não em princípios e compromissos formativos.

É uma disputa constante de comercialização de cursos entre as instituições de educação superior, que tratam as graduações como produtos banais, competindo em valores, rapidez e menos burocracia, é um retrocesso grotesco e uma realidade vergonhosa. As universidades estão forçosamente tendo que se enquadrar nesse âmbito comercial de suas concorrentes, baixando preços de mensalidades, como efeito tendo que desligar professores renomados e dispensar a qualidade do ensino.

Além da situação de desmonte há muito anunciada, somam-se na atualidade os constantes ataques sofridos pelas instituições de Ensino Superior, desde 2016, com base em uma nova política de governo nacional que se pauta no obscurantismo, na negação da ciência e da Educação. Cortes de verbas para pesquisa, supressão arbitrária de bolsas e a clara intenção de controlar e censurar o que se produz na Universidade são alguns dos golpes que ferem gravemente as instituições brasileiras.

Retomando a mudança do tema de pesquisa, contudo, sem excluir esse aspecto relevante que atingiu diretamente a instituição em que eu trabalho e estudo, as minhas professoras e a mim. Desde muito nova sou sensível em relação à desigualdade de gênero, percebo com facilidade os dilemas considerados naturais por estarem estabelecidos culturalmente, e no Ensino Superior isso ganhou mais força.

Por isso, acredito que a minha família é um dos meus grandes desafios, sou a única filha, tenho cinco irmãos, sempre questionei o fato de eles não terem a mesma obrigação com as tarefas domésticas que eu, com a minha mãe era dividido igualmente, já com o meu pai era o oposto, um machismo enraizado culturalmente difícil de lidar.

Ingressei na faculdade sem saber o significado do termo feminismo ou não conhecia por esse nome especificamente, mas sempre questionei a desigualdade; embora não soubesse que existem vários feminismos, já havia vivenciado muitas situações em que o gênero determinou o que eu “poderia” fazer, porém, na minha resistência, eu disse não; desde que conheci o movimento, a luta, não parei mais de pesquisar, ler e compartilhar assuntos relacionados.

A universidade é um espaço mais democrático, viabiliza discussões como essa, uma parte considerável dos estudantes são comprometidos com questões sociais, políticas, culturais, principalmente em relação às temáticas mais debatidas no momento, como homofobia, racismo, igualdade de gênero, aborto e outras.

No primeiro semestre do Mestrado, algumas leituras da disciplina intitulada Políticas Educacionais e Trabalho Docente, ministrada pela minha então orientadora, foram inflamando essa mesma temática em mim, especificamente o texto *Processo de Trabalho na Escola: algumas categorias para análise*, de Álvaro Moreira Hypolito. Eu li no final de semana e fiquei bastante incomodada, dois dias antes do encontro em que esse artigo foi debatido, eu assisti à aula inaugural do Curso de Direito, que teve como tema *Feminicídio: crime e manifestação de poder*, a palestrante foi a Professora Emanuela Oliveira de Almeida Barros, advogada militante, pós-graduada em direito constitucional. Ver o Teatro da Unimep, que comporta quase 800 pessoas, lotado em plena segunda-feira foi comovedor. A linguagem clara, objetiva e acessível da professora, a apresentação das estatísticas de mortes, da lei, de como registrar, que órgão procurar, as perguntas feitas e respondidas conseguiram tocar muitas mulheres que estavam ali, a palestra foi gratuita, aberta à comunidade. Essa noite foi marcante para mim.

Desde o final de semana eu já estava inquieta com o que havia lido, fiquei ainda mais após o evento, na quarta-feira foi o dia de debater o texto, em uma disciplina ministrada por uma mulher, sendo as alunas também todas mulheres. O artigo abordava as relações capitalistas presentes na escola e conceitos como: trabalho produtivo e improdutivo, mais-valia, trabalho material e não-material, ambivalência entre profissionalismo e proletariado, entre outros. Após esse panorama, o autor menciona que é necessário acrescentar a discussão sobre gênero, pois

A conformação do professor em assalariado, em trabalhador, coincide com a feminização da profissão. Hoje a grande maioria do professorado é constituída por mulheres. A análise de classe é insuficiente para interpretar o trabalho de ensinar se não levar em conta a questão de gênero. Numa sociedade patriarcal o trabalho feminino é sempre considerado de menor prestígio, menos profissional (HYPOLITO, 1991, p. 15).

E o autor segue levantando uma série de questões relacionadas à docência e gênero, por exemplo, que esse trabalho sempre foi considerado uma extensão das atividades domésticas e a grande maioria sendo mulher possibilita a diminuição do salário. Esse foi o ponto culminante do meu interesse em pesquisar, ler e me aprofundar nessa vertente. Entendo e considero que o texto foi escrito na década de noventa e que muitos acontecimentos se passaram, provocando certa evolução nesse âmbito, no entanto, estamos falando de cerca de trinta anos atrás e de escolas preenchidas em massa por professoras e tendo como diretores pessoas do sexo masculino.

Hoje é possível dizer que houve uma certa alteração nesse contexto, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), publicada em março de 2020: “A educação básica brasileira é gerida,

predominantemente, por mulheres. Nas 180,6 mil unidades escolares do país, mais de 80% dos gestores são do sexo feminino. É o que mostram os dados do Censo Escolar da Educação Básica 2019 (INEP, 2020)”.

No entanto, é necessário ter um cuidado com a interpretação desse dado, porque ele revela uma média, que como todas as outras não diz tudo, não considera particularidades, pois não é a sua função de fato. Além do mais, houve uma expansão do atendimento na educação infantil, assim como a separação de escolas em níveis, com isso, em determinadas faixas etárias, a predominância é feminina na direção, mas é preciso considerar os contextos para não criar uma ilusão de que isso é uma conquista exclusivamente relacionada à igualdade de gênero.

Voltando à minha trajetória, com a saída da Professora Andreza, aconteceu a troca de orientadora. Em nossa primeira conversa, já consideramos a fragilidade do projeto anterior e decidimos não seguir com ele. Durante esse diálogo, a partir da minha mobilização e interesse sobre o assunto, as duas palavras-chave do encontro foram gênero e gestão; mesmo o final do semestre estando próximo, decidimos elaborar um novo projeto de pesquisa com essa temática, o que me possibilitou ler e estudar ainda mais sobre a questão que estava tão presente na minha vivência. Além disso, foi possível agir, colocar em prática, usar esse sentimento de maneira produtiva, com todo apoio da minha orientadora, Professora Luciana, que caminha comigo no estudo que nos propusemos a fazer.

Extrapolando as questões específicas da sexualidade (mas sem as excluir), a questão de gênero também se refere à divisão do trabalho, às relações de poder e ao exercício da vida pública, bem como da cidadania. Neste sentido, vivemos na atualidade um momento importante de luta pela (re)construção social dos sujeitos e de reconhecimento de diferentes papéis sociais, questionando preconceções e rótulos, trazendo ao debate o papel das mulheres e dos homens no contexto educacional.

Nossa escolha se fundamenta no entendimento de que a escola é um espaço essencial para romper com as relações verticalizadas e predefinidas em relação ao gênero, já que pode reconhecer e minuciar as diferenças e possibilidades de atuação social em um contexto mais democrático e justo, assim, viabilizando a atuação das professoras de diversas maneiras nas vivências do cotidiano escolar, tendo em vista a equidade (PEREIRA et al., 2007).

A disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Abordagem Histórico-Cultural, cursada no primeiro semestre de 2020, foi essencial para compreender que as relações de gênero resultam de um processo cultural e histórico, que se inicia antes mesmo do nascimento e perdura ao longo de toda a vida, oferecendo aos indivíduos importantes modelos e situações de prática social nas quais estão claramente definidas as atribuições, papéis e modos de agir para homens

e mulheres. À luz da Teoria Histórico-Cultural, evidencia-se o estudo do indivíduo considerando o processo histórico e a constante transformação articulados aos aspectos culturais e de meio que possibilitam o desenvolvimento e o aprendizado. Além desses conceitos, a vivência e as relações sociais também estarão fortemente presentes nesta pesquisa.

Dentre as inúmeras possibilidades de olhar para as relações de gênero vivenciadas no chão da escola, sabendo que a mulher constantemente está associada à maternidade, emoção e sensibilidade, valores considerados femininos, propomo-nos a discutir especificamente os dilemas e enfrentamentos vivenciados pelas profissionais que atuam na gestão escolar. Inicialmente, o foco era relacionado à gestão escolar, algo que foi alterado e será descrito posteriormente.

Diante do exposto, após a elaboração do novo projeto de pesquisa, também foi necessário produzir o projeto do curso de extensão que faz parte deste estudo, aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, bem como pelo Comitê de Ética (CEP) e pela Diretoria de Extensão da Unimep. Após as aprovações necessárias e a elaboração dos principais documentos, trabalhamos inteiramente em todos os aspectos que envolviam a realização do curso.

Por meio desse curso, criamos um espaço de conversa acerca do estudo de gênero, dessa maneira, foi articulado um grupo focal. O método de Grupo Focal (GF) iniciou no fim da década de 1940, esse procedimento tem sido aplicado em diversos tipos de pesquisa. Na área das ciências sociais, sua inserção ocorreu por meio do âmbito político. GF é uma técnica de pesquisa qualitativa que produz dados, sobre um determinado tema, por meio da interação entre participantes de um grupo específico (TRAD, 2009).

Nessa metodologia não se procura especificamente a unanimidade das ideias, mas sim a diversidade dessas concepções. Além disso, trabalhar com grupo focal, de acordo com Minayo (1998, p. 22), exige

[...] considerar o sujeito de estudo [como] gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implicaria também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação.

Considerando o exposto, com o curso de extensão foi possível conhecer e experienciar as adversidades relacionadas a gênero vividas na escola, por isso, os sujeitos da pesquisa são as participantes do curso, que formaram o grupo focal e são profissionais vinculadas à educação. Assim, proporcionamos um espaço para que pudessem conversar, compartilhar, viver e sentir os aspectos, sejam positivos ou negativos, com que lidam diariamente.

Com o intuito de reforçar o rigor metodológico desse tipo de pesquisa, destacamos alguns dos recursos necessários para a qualidade da produção de dados pretendida, a saber: planejamento e organização de modo amplo; preparação da mediadora; definição do público que se pretende atingir; tempo de duração dos encontros e do curso todo; etapas de divulgação e inscrição; seleção dos materiais utilizados; processo de curadoria da literatura abordada e dos gêneros textuais utilizados; escolha de um espaço confortável e apropriado; organização das cadeiras de modo a promover a participação e a interação do grupo; definição dos equipamentos de registro; elaboração de relatório após cada encontro; emissão de certificados, entre outros.

O curso foi realizado em cinco encontros, na universidade, assim como foi supervisionado pela orientadora da pesquisa e mediado pela pesquisadora, contou com aproximadamente dezoito participantes, a essência principal foi compartilhar relações de gênero vividas no cotidiano escolar, partilhar experiências e narrar vivências. Após a realização do curso, todo o material produzido foi inventariado. Fiz questão de registrar de várias formas, com muito cuidado, para não perder nada, contei com os meios possíveis e viáveis que foram áudios, fotos e produções escritas. Ademais, o curso de extensão será descrito de forma detalhada no terceiro capítulo que é destinado especialmente a essa etapa da pesquisa.

Indubitavelmente, essa formação para mim foi única, ela me fez pesquisadora, a minha conexão com o grupo colaborativo que crescia mais a cada encontro, os sentimentos de gratidão, de paz, de empatia após o último momento juntas foi incomparável. A cada dia que elas chegavam contando algo que havia acontecido durante a semana e como uma leitura, vídeo, debate ou reflexão surgida no curso, havia feito com que agissem diferente, com que repensassem certas atitudes, que muitas vezes são mais fáceis, porém são mais justas e representativas, materializava-se a certeza de que a semente frutificou.

Entre o final de 2019 e o início de 2020 muitas mudanças aconteceram na minha vida profissional e pessoal, entre elas, tive a oportunidade de iniciar como docente em um colégio privado, assumindo as aulas de Gramática do Ensino Fundamental II. Não deixei meu trabalho na Unimep, assim como muitas mulheres, estou conduzindo a dupla jornada de trabalho, além de conciliar a atividade de pesquisa e estudo no contraturno. Atuar como professora, durante a pesquisa, tem sido ainda mais intenso, não só pela divisão do tempo para conseguir comportar tudo, mas também por ter a possibilidade de colocar em prática, desenvolver e realizar aquilo que eu defendo, acredito e pesquiso.

O primeiro semestre de 2020 foi de muitas leituras, de muito estudo, mas com muitas adversidades também, entre a pandemia, que ocasionou o isolamento social para diminuir a propagação da doença infecciosa causada pelo coronavírus (COVID-19), acidente de moto,

adaptação ao novo trabalho, adaptação aos dois trabalhos de forma remota, as disciplinas do mestrado também não presenciais e o encadeamento que a junção disso provoca psicologicamente, emocionalmente e fisicamente. No meio de tudo isso, óbvio que tive inúmeras dificuldades de organizar os dados, selecionar os conteúdos, sistematizar o texto para a qualificação, não vejo como poderia ser diferente. No entanto, na medida do possível, essa escrita foi se consolidando e passou a ser a minha prioridade.

No segundo semestre de 2020 e no início de 2021, foram realizadas as alterações pertinentes indicadas na qualificação, assim como foi produzido o capítulo de análise e toda a preparação da versão final do texto para a defesa.

1.2. Dados do avião

A análise do estudo de gênero relacionada à educação é essencial para entender questões históricas, lutas diárias que ainda são necessárias. Para exemplificar, no século XIX, existiam escolas para meninos e escolas para meninas. Além disso, nas classes menos favorecidas, quase em sua totalidade, as meninas aprendiam trabalhos domésticos, cuidado e responsabilidade pelos irmãos menores, entre outras obrigações, essas incumbências eram consideradas superiores a qualquer atividade de escolarização.

No século XX, uma proposta de abertura de escola primária para todas as crianças foi apresentada por um grupo de trabalhadores anarquistas, sendo esse um avanço significativo no que diz respeito à figura da mulher. Posteriormente, passou-se a entender que as mulheres precisavam de conhecimento, pois eram as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos (SILVA; AGUIAR, s/d).

Nessa época, a fundamentação cristã conservava um valor expressivo, sendo a religião predominante o catolicismo. Esperava-se que as mulheres tivessem a imagem de Maria como exemplo, tanto em relação à maternidade como preservação da virtude familiar. Baseado nessa castidade, pureza e valores maternos foi que se deu início à feminização do magistério. De acordo com os apontamentos de Louro (1997),

[...] as mulheres tinham, "por natureza", uma inclinação para o trato com as crianças, elas eram as primeiras e "naturais educadoras", portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a "extensão da maternidade", cada aluno era visto como um filho ou filha "espiritual" [...] Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como

uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem "vocação" (LOURO, 1997, p. 450).

No decorrer ainda do século XX, escolas voltadas à forma o docente foram constituídas para ambos os sexos, gradativamente, o número de mulheres na docência foi crescendo. Entretanto,   válido mencionar que ocorria também o processo de industrializa o, viabilizando outras possibilidades de trabalho para o homem, uma vez que os procedimentos industriais, maquinários, de obras e afins eram mais atrativos financeiramente, bem como de maior prestígio, e praticamente restrito exclusivamente ao gênero masculino (SILVA; AGUIAR, s/d).

  vista disso, as particularidades do magistério passaram a ser relacionadas às mulheres, considerava-se que eram singularidades especificamente femininas. Justificava-se essa ideia por ser um trabalho de apenas um período, assim, as obriga es domésticas seriam cumpridas sem qualquer impedimento.

Dessa forma, os trabalhos realizados, não apenas em escolas, sempre eram chefiados pelo homem, que eram as autoridades, mantendo a submissão da mulher seja em casa, na escola ou em qualquer lugar. Diante disso, mesmo que se por uma brecha conseguisse trabalhar fora, toda mulher que optasse por isso deveria conseguir administrar o lar (incluindo afazeres domésticos, filhos e demais fun es) e trabalhar, sem contar com a ajuda do sexo oposto, pois a escolha foi dela, por isso não havia cobrança, responsabilidade, ou qualquer obriga o de o companheiro ajudá-la.

Na década de sessenta (século XX), os movimentos feministas começaram a ganhar força, da mesma maneira que, posteriormente, ocorreu a primeira greve de professoras em diversos estados brasileiros, que lutavam por seus direitos, entre eles, principalmente, pela igualdade de s lario na docência (CORONEL, 2015).

Progressivamente, a liberdade, a autonomia e a autossuficiência feminina foram expandindo e ganhando força em outros campos também, posto que "  o feminismo que emerge nos anos sessenta que traz o questionamento radical da forma como as rela es de gênero estão estruturadas" (BRUSCHINI, 2002, p.128). Diante disso, no Brasil, a palavra gênero começa a ser utilizada nos discursos e concep es da época por estudiosas feministas.

Vemos, assim, que a história de nosso país é marcada por julgamentos e constru es desiguais para homens e mulheres. O fato de atualmente termos mulheres na televisão, no meio esportivo, protagonistas de peças culturais, condutoras de ônibus e caminhões, falando com propriedade a respeito de política, religião, esporte e assuntos anteriormente restritos aos detentores do poder (homens), s    possível por uma luta iniciada há muito tempo e que ainda

é vivida diariamente por todas as mulheres em qualquer meio. Para mais, as conquistas do feminismo foram alcançadas também pela organização social relativa às identidades de gênero.

Conforme descreve Mello (1987, p. 42): “É o saber já existente na sociedade, a partir do qual o fazer do dominado poderá construir um saber novo, uma vez que o novo passa pela incorporação e superação do conhecimento. Afirmo neste caso, com relativa segurança, que para ultrapassar é preciso passar por”. Isto posto, mesmo considerando a época, o contexto histórico, a cultura e toda a conjuntura do passado, a sociedade construída com valores patriarcais pelos portugueses durante a colonização não deve embasar a sociedade de hoje. Dessa forma, não se pode refletir a respeito de educação sem, anteriormente, dedicar-se a estudar considerações sobre as concepções culturais e sociais de gênero.

O debate sobre a importância do estudo de gênero nas escolas se manifesta de muitas maneiras e em diferentes contextos educacionais, indo além do previsto e prescrito, sabemos que há muito o que ponderar acerca do que os corpos falam, as relações afetivas denunciam e as convenções sociais estipulam. Neste sentido, compreendemos que estudar gênero na escola é exercitar a cidadania para o reconhecimento da igualdade.

É importante diferenciar estudo de gênero, do termo “ideologia de gênero”, pois nossa pesquisa é marcada pelo estudo de gênero como campo de conhecimento. Tal esclarecimento se faz necessário por compreendermos que o termo “ideologia de gênero” tem se tornado bastante popular em cenários políticos e religiosos, especialmente quando utilizado de forma oportunista por grupos conservadoristas para desinformar a opinião pública e tentar impedir que a discussão sobre a igualdade de condições entre homens e mulheres aconteça.

A expressão, inicialmente utilizada por grupos católicos, aponta para uma interpretação de naturalidade e desejo divino da desigualdade dos papéis entre homens e mulheres, ainda retratando que a luta por condições mais justas e pela equidade social seria parte de um projeto político de grupos da esquerda para destruir a família cristã heterossexual e impor uma nova ordem mundial. Portanto, “ideologia de gênero” tem sido uma expressão depreciativa usada por grupos conservadores contrários às discussões relacionadas ao feminismo, à sexualidade e à diversidade, seja nas escolas ou fora delas.

Isto posto, o presente estudo tem por objetivo compreender as conjunturas e as dificuldades referentes ao estudo de gênero que são vivenciadas no contexto escolar, partindo dos registros produzidos por profissionais da educação, do interior do estado de São Paulo, em encontros promovidos em um curso de extensão.

Do mesmo modo, os objetivos específicos são relacionados ao que foi produzido no curso de extensão e à participação dessas profissionais, sendo eles: investigar como

compreendem os atravessamentos da discussão de gênero na escola; analisar o que elas destacam acerca do estudo de gênero; identificar práticas sociais, possíveis de serem realizadas na escola, que contribuem para o reconhecimento da igualdade entre os gêneros.

Perante o exposto, esta é uma pesquisa de intervenção que representa uma inquietação a respeito da compreensão que se tem sobre as experiências vivenciadas na escola, relacionadas à temática do estudo de gênero. Uma das questões mais importantes que perpassam essa pesquisa é entender qual a importância da discussão e do estudo sobre gênero no contexto educacional, e como as práticas sociais contribuem para o reconhecimento da igualdade de gênero.

Sendo assim, o Curso de Extensão intitulado *Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências partilhadas, narrativas vividas*, destinado inicialmente aos profissionais da gestão que são os sujeitos da pesquisa, teve como objetivo geral identificar, contrastar e refletir a respeito das relações de gênero na experiência da coordenação e direção escolar, por meio do debate da historicidade do conceito de gênero no trabalho docente e suas aproximações com o contexto educacional na atualidade.

É válido destacar que, a princípio, a formação foi pensada e planejada para receber somente diretoras, coordenadoras e demais membros representantes da gestão escolar, entretanto, ao receber pedidos de outras profissionais ligadas à educação, também os aceitamos, pois entendemos que a gestão se faz democraticamente, pelo coletivo da escola.

Logo, foi possível perceber a potência de promover espaços como este, aproximar diretoras e coordenadoras intencionalmente, enfrentar o debate, refletir sobre isso, lidar com esses dilemas, pensar e planejar maneiras de mudar, de transformar as práticas excludentes em ações inclusivas, que incentivem, de fato, a igualdade.

No entanto, como houve o acolhimento das demais profissionais da área da educação, e por conseguinte não tivemos somente a presença e a participação de diretoras e coordenadoras, foi necessário rever algumas particularidades da pesquisa, como o nosso olhar diante do que foi produzido, os objetivos, os pressupostos e afins. Com isso, nosso trabalho foi direcionado para o estudo de gênero na escola e não especificamente relacionado à gestão escolar.

Em face do exposto, o trabalho foi organizado da seguinte maneira, o primeiro capítulo se divide entre a narrativa do processo de formação profissional e pessoal da pesquisadora e a apresentação da pesquisa.

Em seguida, o segundo capítulo é composto pela fundamentação teórica, são apresentadas as justificativas pelas escolhas da pesquisa narrativa e do paradigma indiciário; também são mencionados os principais conceitos da Teoria Histórico-Cultural que respalda a

pesquisa, principalmente, com base em Lev Semionovich Vigotski. Da mesma forma, compõe o referido capítulo as contribuições no que diz respeito ao Estudo de Gênero.

O terceiro capítulo é constituído pelo percurso metodológico, no qual é relatado todo o processo de organização que antecedeu o curso, em seguida, há o desenvolvimento detalhado da formação realizada, assim como é apresentado o que essa vivência reverberou e o número de produções que constituem o material empírico que embasa a análise da presente pesquisa.

No quarto capítulo será analisado o material empírico produzido à luz da Teoria Histórico-Cultural. Por fim, serão feitas as considerações finais, seguidas das referências e dos apêndices.

1.3. Conhecendo outros horizontes

O levantamento de pesquisas pertinentes relacionadas à temática foi realizado no período dos últimos dez anos, para a investigação foram utilizados a plataforma *Scielo*, o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como o banco de teses e dissertações da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

Dessa forma, foram utilizados os seguintes descritores: Estudo de Gênero, Gênero na escola, Gênero e Educação. As produções se alternam entre resenhas (R), artigos (A), dissertações (D) e teses (T), no período de 2010 a 2020.

No banco de teses e dissertações da UNIMEP, os descritores foram inseridos sem aspas na ferramenta de busca do PPGE de Mestrado e Doutorado em Educação; não foram necessários mais filtros, pois apenas um trabalho foi indicado, mesmo utilizando os três descritores. A dissertação encontrada foi correspondente com os termos Gênero na escola e Gênero e Educação, o descritor Estudo de Gênero não apresentou nenhum resultado.

Como o resultado foi único e o programa de pós-graduação é o mesmo ao qual eu pertenço, tomei a liberdade de descrever um pouco mais sobre essa pesquisa. A dissertação intitulada *Relações de Gênero no Cotidiano Escolar de Professoras da Educação Infantil no Contexto das Mudanças Sociais* é recente, de 2019, a autora é a Marinália Lemos Gonçalves Vidal, Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba.

O texto é dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro centrado nas relações de gênero relacionadas à educação e questões do tema que atravessam o cotidiano escolar; o segundo tem

como foco a temática especificamente no âmbito da educação infantil; o terceiro descreve o percurso teórico e metodológico; e o quarto se concentra na análise, baseia-se na investigação de tensões e situações referentes às relações de gênero na educação infantil. O primeiro e o terceiro capítulos são os que mais se aproximam da presente pesquisa, até mesmo pela escolha comum da abordagem histórico-cultural, respaldada por Vigotski.

A dissertação aborda a formação de professores da educação infantil e busca compreender como essas profissionais identificam as relações de gênero no contexto escolar, considerando aspectos como a cultura e a formação social, por isso o uso da teoria histórico-cultural, fundamentada por Vigotski. A produção de dados foi baseada nas respostas de um grupo de professoras, do ensino infantil da rede municipal, por meio de questionário e um encontro. Por fim, a análise indicou a percepção das profissionais em relação a diferenças de gênero que são impostas por influências culturais, realçando o estudo de gênero ainda como um tabu e disputa entre pontos de vista divergentes. As docentes tentam práticas mais igualitárias, porém, até um certo limite, para evitar o confronto.

Na plataforma Scielo, os descritores foram inseridos entre aspas; em seguida, foram filtrados pelo período determinado; por fim, os trabalhos lidos e analisados foram determinados pela seleção das Ciências Humanas como grande área de conhecimento. No descritor Gênero na escola, o resultado seis se divide em 4 artigos (A) e 2 resenhas (R), já nos outros dois descritores há apenas artigos. A partir do exposto, os números encontrados no processo, conforme a Tabela 1, são:

Tabela 1: dados *Scielo*

SCIELO				
Descritores	Início	2010 a 2020	C. Humanas	Descrição
Estudo de Gênero	15	9	2	2 A
Gênero na Escola	12	9	6	4 A / 2 R
Gênero e Educação	18	11	9	9 A

Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito às pesquisas do banco de teses e dissertações da CAPES, os descritores foram inseridos entre aspas; em seguida, foram filtrados pelo período de tempo determinado; a partir do novo resultado, foi selecionada como grande área de conhecimento as Ciências Humanas; por fim, os trabalhos lidos e analisados foram determinados pela área de conhecimento da Educação. Os trabalhos alternam entre teses (T) e dissertações (D), os números encontrados no processo são, conforme a Tabela 2:

Tabela 2: dados Capes

CAPES					
Descritores	Início	2010 a 2020	C. Humanas	Educação	Descrição
Estudo de Gênero	86	46	22	6	2 T / 4 D
Gênero na Escola	53	35	16	11	3 T / 8 D
Gênero e Educação	123	75	55	44	4 T / 40 D

Fonte: elaboração própria.

Abaixo estão expostos os quadros com mais detalhes sobre as pesquisas encontradas, como autor, título, palavras-chave e outros, tanto da plataforma *Scielo* quanto da CAPES. Em seguida, estão as sínteses dos trabalhos.

Quadro 1: descritor Gênero na Escola

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	DESCRIÇÃO
2019	Maria Flor Oliveira Di Piero	Violência Baseada em Gênero na Escola: análise a partir de textos jornalísticos	Violência Baseada em Gênero na Escola (VBGE). Violência Escolar. Direitos Humanos das Mulheres. Feminismo Pós-Colonial. Jornalismo para a Paz	Tese
2017	Pedro Henrique Vieira	Identidade de Gênero na Escola: estigma e diversidade	Gênero. Identidade. Escola	Dissertação
2013	Ariane Camila Tagliacolo Miranda Correa	Relações de Gênero na Escola e Violência Contra as Mulheres: a construção social e cultural do masculino e feminino e sua reprodução na educação	Gênero. Relações de Gênero. Violência de Gênero contra as Mulheres. Escola. Delegacia.	Dissertação
2015	Fabiane Borges Pavani	O Programa Mais Educação Face aos Desafios para Viver as Diversidades e Enfrentar as Desigualdades de Raça e Gênero na Escola: de como aprender a dizer a sua palavra	Escola. Gênero. Mais Educação/Educação Integral. Opressão. Raça.	Dissertação
2016	Luciano Pereira dos Santos	Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola	Gênero. Sexualidades. Homofobia. Formação Docente. Trabalho Docente.	Dissertação
2016	Flavia Volta Cortes de Oliveira	Participação Feminina no Futsal Escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero	Futsal. Esporte. Gênero. Educação.	Dissertação
2012	Alexandre Silva Bortolini de Castro	Diversidade Sexual na Escola: currículo e prática pedagógica	Educação. Homofobia. Sexualidade. Currículo. Didática.	Dissertação
2014	Fabiane Lopes Teixeira	Gênero e Diversidade na Escola - GDE: investigando narrativas de profissionais da educação sobre diversidade	Escola. Diversidade Sexual. Diversidade de Gênero. Profissionais da Educação.	Tese

		sexual e de gênero no espaço escolar		
2017	Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino	Relações de Gênero em Práticas Educativas no Ensino Médio: contribuições para uma cultura de paz	Relações de Gênero. Práticas Educativas. Cultura de Paz.	Tese
2010	Diana Lusa	Anos Iniciais da Escolarização e Relações de Gênero: representações de docentes sobre gênero	Educação e Relações de Gênero. Docência e Relações de Gênero. Representações de Docentes. Anos Iniciais da Escolarização.	Dissertação
2017	Thais Resende Araujo Borges Bonfim	Relações de gênero, violência escolar e políticas públicas de educação	Educação e Diversidade. Gênero. Violência Escolar. Políticas Públicas de Educação.	Dissertação

Fonte: elaboração própria.

Em relação aos onze estudos selecionados pelo descritor Gênero na Escola: nos trabalhos de Pavani (2015) e Bonfim (2017) apenas o resumo das dissertações está disponível *online*; quanto a Piero (2019), há uma versão parcial acessível, a completa será disponibilizada no segundo semestre de 2021; Vieira (2017), Miranda (2013), Santos (2016), Oliveira (2016), Castro (2012), Teixeira (2014), Laurentino (2017) e Lusa (2010) possuem os trabalhos disponíveis na *internet* na íntegra.

As pesquisas de Piero (2019), Bonfim (2017) e Miranda (2013) possuem a palavra violência no título, e discorrem articulando as relações de gênero no contexto escolar à violência, cada uma em seu recorte. Sendo Piero (2019) com base de análise em textos jornalísticos; Bonfim (2017) com especificidade nas políticas públicas; Miranda (2013) com foco na reprodução da construção social e cultural do masculino e feminino na educação.

Do mesmo modo, o termo diversidade aparece nos títulos dos estudos de Pavani (2015), Vieira (2017), Castro (2012) e Teixeira (2014). Pavani (2015) desenvolve sobre o enfrentamento no que diz respeito às desigualdades de raça e gênero na escola; a dissertação de Vieira (2017) aborda as questões de identidade e analisa narrativas e práticas de professores em relação à diversidade e identidade no contexto escolar; nessa mesma perspectiva, a tese de Teixeira (2014) também investiga narrativas de profissionais da educação no tocante a diversidade sexual e gênero; Castro (2012), de forma semelhante, desenvolve sua dissertação sobre diversidade sexual considerando o currículo e a prática pedagógica.

A dissertação de Oliveira (2016), intitulada *Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero*, investiga e retrata a compreensão de jogadoras de futsal escolar da cidade de Ribeirão Preto em relação às questões de gênero implicadas nesse esporte, no qual no contexto histórico-cultural predomina a prática masculina. A partir desse estudo qualitativo, que contou com entrevistas

semiestruturadas com alunas do ensino médio da rede privada, foi identificado que ainda há o preconceito, mas também foi indicado o início de uma mudança para melhor nesse sentido.

A tese, qualitativa de natureza sociocultural, *Relações de gênero em práticas educativas no ensino médio: contribuições para uma cultura de paz*, de Laurentino (2017), por meio de metodologia feminista e entrevistas semiestruturadas, assim como observação e diário de campo com todo o grupo da comunidade escolar, analisou os processos de relações de gênero existentes entre docentes, discentes e equipe diretiva, de uma unidade da rede estadual de tempo integral de Teresina.

O estudo de Santos (2016) teve como objetivo investigar a colaboração de disciplinas sobre gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada. A pesquisa é qualitativa e quantitativa e os sujeitos foram docentes das redes públicas de ensino básico da rede estadual e municipal da cidade de Pelotas. Por meio de aplicação de questionário, conclui-se que essas disciplinas sensibilizam e provocam mudanças na prática docente, porém a ausência dessas temáticas nas formações mostra que ainda há um longo percurso para que uma quantidade significativa de público seja alcançada.

A dissertação *Anos iniciais da escolarização e relações de gênero: representações de docentes sobre gênero*, de Lusa (2010), analisou os discursos, as práticas e interações docentes no que diz respeito as relações de gênero. Os sujeitos foram duas professoras e um professor, por meio de entrevistas semiestruturadas e observação, notou-se que apesar dos docentes terem conhecimento sobre as questões de gênero ainda há determinadas representações de que esse trabalho é uma ocupação feminina, há uma luta para mostrar o oposto, porém deixam transparecer em alguns momentos o que seriam papéis femininos e masculinos.

No que diz respeito aos seis trabalhos filtrados pelo descritor Estudo de Gênero: Moura (2010) não tem resumo, palavras-chave ou outras informações sobre a pesquisa disponíveis, o trabalho é anterior à Plataforma Sucupira; Alencar (2017) apresenta apenas resumo e palavras-chave; Marzola (2013), Tatit (2013), Florencio (2016) e Diniz (2011) estão disponíveis na íntegra.

Quadro 2: descritor Estudo de Gênero

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	DESCRIÇÃO
2017	Vania Roseli de Alencar	Desamarrando o preconceito: um estudo de gênero, a partir do dispositivo da fotolinguagem	Gênero. Educação. Fotolinguagem. Grupo. Engenharia.	Dissertação
2010	Marco Antonio Moura	Vivências de mulheres educadoras de creches do município de Cuiabá na construção de emancipação e autonomia	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.	Dissertação

2013	Maria do Socorro Oliveira Marzola	Gestão e Gênero: reflexões sobre o PCCTAE e a mobilidade funcional de mulheres na UNB	Gênero. Gestão. Plano de Carreira. Qualificação. Cargos de chefia.	Dissertação
2013	Diana Ribeiro Tatit	Aluno "difícil": por quê? Para quem?: um olhar para a educação escolar contemporânea a partir da relação professor-aluno	Comportamento na Sala de Aula Criança-Problema. Educação Escolar Básica. Ensino e Aprendizagem. Ensino Fundamental. Interação Professor Aluno	Dissertação
2016	Lourdes Rafaella Santos Florencio	O reino da glória e a moral católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato CE	Educação. Memória. Prostituição.	Tese
2011	Carmen Regina Bauer Diniz	Representações de gênero de docentes do instituto de artes e design da Universidade Federal de Pelotas	Representações de Gênero. Identidades de Gênero. Educação e Relações de Gênero. Arte e Gênero.	Tese

Fonte: elaboração própria.

A dissertação *Desamarrando o preconceito: um estudo de gênero a partir do dispositivo da fotolinguagem*, de Alencar (2017), investigou a compreensão de gênero no contexto escolar, bem como as conexões entre feminino, educação e área tecnológica. O estudo ocorreu com um grupo de adolescentes do Projeto Meninas Velozes, que tem como finalidade incentivar estudantes, de uma região periférica do Distrito Federal, a ingressarem em cursos de áreas tecnológicas; as meninas que participam possuem uma bolsa de cem reais de contribuição do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM).

A pesquisa promoveu cinco encontros com debates relacionados à temática de gênero e educação, assim como a contribuição do projeto para o ingresso no ensino superior; para o desenvolvimento da análise foram utilizados a fotolinguagem e o diário de campo. Em conclusão, foi identificado que as participantes não querem reproduzir algumas vivências de suas mães e avós, como relacionamentos, estudo e trabalho, também ressaltaram a importância do projeto e as dificuldades enfrentadas referentes a gênero e residir na periferia. Essa produção também foi selecionada pelo descritor Gênero e Educação.

O estudo de Marzola (2013), intitulado *Gestão e Gênero: reflexões sobre o PCCTAE e a mobilidade funcional de mulheres na UnB*, pesquisou as dificuldades e os limites da inserção do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE) na Universidade de Brasília (UnB), no período de 2006 a 2011. A análise foi fundamentada por documentos como dados e relatórios de gestão, leis e decretos, assim como entrevistas estruturadas; e os sujeitos foram profissionais da educação que ocupam cargos de chefia. O desfecho revelou que a discrepância entre homens e mulheres, também no contexto

universitário, é um problema não solucionado, em termos de formação as mulheres são mais preparadas, porém continuam em posições de menor poder e prestígio e com salários inferiores.

Na pesquisa de Tatit (2013), *Aluno "difícil": por quê? Para quem?: um olhar para a educação escolar contemporânea a partir da relação professor-aluno*, o objetivo foi analisar o motivo de alguns alunos serem considerados “difíceis” e a relação do professor e da escola com eles. Após indicado pela equipe pedagógica os alunos com essa característica, foi realizada uma observação por dois anos consecutivos na sala de dois discentes sugeridos. Além da observação, também foram realizadas entrevistas com as professoras, com o intuito de identificar a causa de serem marcados como “difíceis”, investigar as dificuldades que causavam e como as docentes enfrentavam as situações. Para a realização do estudo foi escolhida uma escola da rede privada, a hipótese que foi confirmada era que o problema analisado era associado a condições estruturais e a métodos didáticos.

A tese *O “Reino da Glória” e a Moral Católica: memórias sobre educação feminina e a prostituição na cidade de Crato – CE*, de Florencio (2016), tem como propósito investigar o vínculo entre a educação não formal feminina e a prostituição, no período de 1950 a 1970, na cidade de Crato. É uma pesquisa qualitativa que utiliza como base jornais locais e entrevista. Esse estudo de gênero analisa o lugar social de homens e mulheres nos momentos de socialização, especificamente no contexto de prostituição, em uma cidade do interior cearense em que é evidente a influência da moral cristã.

Diniz (2011), em sua tese *Representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas*, pesquisa sobre as representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, com o intuito de analisar as intervenções que uma escola de arte pode realizar nas diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. O estudo de gênero foi qualitativo e fez uso de entrevistas semiestruturadas, teve como sujeitos sete docentes, sendo quatro professoras e três professores. Concluiu-se que uma escola de arte visual colabora na (re)construção e (re)produção das representações de gênero. A pesquisa também foi selecionada pelo descritor Gênero e Educação.

No que concerne ao descritor Gênero e Educação, o maior número de trabalhos, sendo 44 no total, com quatro teses e quarenta dissertações, houve repetição de uma tese *Representações de gênero de docentes do instituto de artes e design da Universidade Federal de Pelotas*, de Diniz (2011), e de uma dissertação *Desamarrando o preconceito: um estudo de gênero, a partir do dispositivo da fotolinguagem*, de Alencar (2017), ambas foram detalhadas anteriormente no descritor Estudo de Gênero.

A pesquisa de Ricardo de Souza Oliveira, anterior à Plataforma Sucupira, não possui disponível nem mesmo o resumo e as palavras-chave. Além disso, há poucos estudos que não estão disponíveis na íntegra na *internet*, como Oliveira (2010) em que há apenas uma versão parcial e Moura (2013) que possui somente o resumo e as palavras-chave, o restante possui as versões completas à disposição.

Quadro 3: descritor Gênero e Educação

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	DESCRIÇÃO
2019	Vanessa Cristina Sossai Camilo	Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores	Educação Sexual. Formação Docente. Sexualidade. Educação Infantil. Gênero	Dissertação
2014	Tiago Zeferino dos Santos	Quando o “Estranho” Resolve se Aproximar: a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar	Gênero. Professora Transexual. Transfobia. Ensino Fundamental. Educação.	Dissertação
2015	Jesualdo da Silva	Gênero e Sexualidade no Ambiente Escolar: concepções das diretoras frente a preconceitos e discriminações com estudantes LGBTT	Educação. Formação Humana. Diretoras. Gênero. Sexualidade.	Dissertação
2015	Joao Fabricio Guimara Somariva	A Prática Pedagógica do Futebol nas Aulas de Educação Física sob uma Perspectiva de Gênero	Educação. Metodologia de Ensino. Esporte. Gênero. Coeducação.	Dissertação
2016	Adriana Zomer de Moraes	Relações de Gênero e a Formação de Engenheiras e Engenheiros	Gênero. Engenharias. Subjetividade. Educação e Trabalho. Divisão Sexual do Trabalho.	Dissertação
2014	Marcelo Salvador Martins	As Relações de Gênero entre Crianças nas Brincadeiras	Educação. Relações de Gênero. Jogos e Brincadeira. Coeducação. Educação Física.	Dissertação
2014	Tayane Dias Gomes Pessoa	Os Impactos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) para a Formação de Pedagogas(os): o caso UFRJ	REUNI. Pedagogia. UFRJ.	Dissertação
2016	Mayris de Paula Silva	Memórias de Mulheres de Movimentos Estudantis: participação, gênero e educação	Memórias. Gênero. Movimento Estudantil.	Dissertação
2016	Jaqueline Aparecida Barbosa	Feminilidades na Escola: a teoria da prática e a discussão sobre gênero e desempenho escolar	Feminilidades na Escola. Teoria da Prática. Pierre Bourdieu. Gênero e Educação.	Dissertação
2010	Andreia Fernandes Oliveira	Gênero e Educação: uma análise da produção do GT 23: gênero, sexualidade e educação da ANPED	Gênero. Sexualidade. Educação. Política Pública. ANPED.	Dissertação
2014	Leonardo Dias Ferreira	Gênero e Educação Física Escolar: limites e possibilidades quando se trabalha o eixo temático esportes	Gênero. Educação Física. Esporte.	Dissertação
2015	Teresinha Baldo Volpato	Juventude Rural, Gênero e Educação: reflexões sobre jovens catarinenses e seus projetos de futuro	Juventude Rural. Gênero. Educação. Campo.	Dissertação
2017	Ludimila Correa Bastos	Trabalho Doméstico, Relações de Gênero e Educação: um estudo com educandas/os da EJA	Trabalho Doméstico. Gênero. EJA.	Tese
2016	Juliana Aparecida Zago	Gênero e Educação Infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do oeste paulista	Educação Infantil. Relações de Gênero. Trabalho Pedagógico.	Dissertação

2014	Marcela Pastana	Muito Prazer!?. Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas	Prazer. Gênero. Sexualidade. Educação Sexual. Revistas Femininas. Revistas Masculinas.	Dissertação
2017	Yaneth Duran Baron	Meninas da Guerrilha: gênero e educação em situação de conflito armado na colômbia	Educação. Conflito Armado. Guerrilha Colombiana. Meninas da Guerrilha.	Dissertação
2016	Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz	Gênero e Educação nas Escrevivências de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória	Conceição Evaristo. Literatura Afro-Brasileira. Educação. Gênero. Identidade.	Dissertação
2017	Fabiana de Lima Leite	Interseções entre Cinema, Gênero e Educação: a experiência do Cineclube Sabotage na escola municipal Professora Alcida Torres	Educação. Cinema. Gênero. Juventudes. Cineclube Sabotage.	Dissertação
2014	Lilian Borges dos Santos	Gênero e Educação Infantil: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil	Educação Infantil. Docência Masculina. Gênero	Dissertação
2014	Fátima Aparecida Coelho Gonini	A Produção em Sexualidade, Gênero e Educação Sexual na ANPED: estudo analítico-descritivo a partir do estado da arte como opção metodológica	Sexualidade. Educação Sexual. Estado da Arte. Produções Acadêmico-Científicas.	Tese
2010	Líria Ângela Andrioli	Relações de Gênero e Educação: um estudo sobre a presença da temática de gênero no currículo real da 7ª e 8ª séries de uma escola pública do município de Ijuí - RS	Relações de gênero. Currículo. <i>Habitus</i> .	Dissertação
2013	Maria Célia Macedo Araújo Melo	Gênero e Universidade: a presença da mulher aluna nos cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão	Mulher. Relações de Gênero. Cursos Tecnológicos. Universidade.	Dissertação
2013	Ana Regina de Oliveira Moura	Educação Sexual e Gênero: um estudo da visão de professores/as do ensino fundamental I	Educação Sexual. Sexualidade. Educação para a Sexualidade. Gênero.	Dissertação
2012	Tatiane de Lucena Lima	Currículo, Formação e Gênero: uma compreensão densa dos atos de currículo do curso de gênero e diversidade do NEIM-UFBA	Gênero. Currículo. Atos de Currículo. Formação. Experiências Formativas.	Tese
2011	Magda Elaine Sayão Capute	A Dama dos Diamantes Negros e a Educação em Vassouras: um estudo sobre o Instituto Profissional Feminino e Masculino Doutor Joaquim Jose Teixeira Leite (1930-1959)	Educação. Eufrásia Teixeira Leite. Instituto Profissional Feminino e Masculino Doutor Joaquim Jose Teixeira Leite. Vassouras.	Dissertação
2013	Daiane de Macedo Costa Conti	O Estado do Conhecimento sobre Gênero na Bibliografia Internacional	Gênero. Educação. Estado Do Conhecimento. Pesquisa Internacional.	Dissertação
2010	Ricardo de Souza Oliveira	"Minha Vida": autobiografias femininas no contexto da Educação de Jovens e Adultos	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.	Dissertação

2013	Ana Paula Rodrigues do Nascimento	Da "Queixa" ao Fracasso Escolar: um estudo sobre a predominância do encaminhamento de meninos aos serviços de psicologia	Queixa Escolar. Fracasso Escolar. Meninos.	Dissertação
2016	Claudio Manoel Person	Curso de Pedagogia e Educação Sexual em Questão: a visão de licenciandos/as	Educação Sexual. Sexualidade. Formação de Professores	Dissertação
2016	Raquel Borges Salvador	O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e as Professoras: reflexos na sala de aula	Feminismos. Educação. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Relações de Gênero.	Dissertação
2010	Jalusa Oliveira da Silveira	Família e Educação: um olhar sobre as relações entre o especialista e a mãe/cuidadora especial	Maternidade/Cuidado. Expertise. Relações de Saber e Poder. Governo.	Dissertação
2014	Fatima Lucia Dezopa Parreira	Diálogos sobre Sexualidade: aproximações e distanciamentos nos discursos de licenciandos/as de Ciências Biológicas Bolsistas do PIBID/UFU	Sexualidade. Licenciandos/as em Ciências Biológicas. PIBID	Dissertação
2012	Rosânia Maria Silvano Bittencourt	Meninos e Meninas: uma análise do Menino Maluquinho, O Filme, sob o olhar do gênero	Escola. Infância. Gênero e Sexualidade. Cinema.	Dissertação
2016	Jacqueline Nascimento Gonçalves	“Vocês acham que me corto por diversão?” adolescentes e a prática da automutilação	Automutilação. Corpo. Adolescente. Escola.	Dissertação
2014	Patricia Lemos Campos	Caderneta de Saúde do(a) Adolescente: uma contribuição na educação para a sexualidade?	Sexualidade. Corpo. Caderneta do Adolescente.	Dissertação
2015	Natalia Hosana Nunes Rocha	Questões de Gênero e Sexualidade na Escola: discutindo políticas públicas e formação pedagógica.	Educação. Identidade de Gênero na Educação. Sexualidade. Políticas Públicas.	Dissertação
2010	Fernanda Gabriela Soares dos Santos	Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras	Professoras Negras. Trajetórias. Histórias de Vida. Formação.	Dissertação
2017	Ribbyson Jose de Farias Silva	Quando a matéria tem gênero: sobre masculinidades e feminilidades na docência em física no agreste de Pernambuco	Discurso. Docência. Física. Gênero.	Dissertação
2017	Marcilene Mendes de Souza	Educação em Sexualidade: A Web Educação Sexual Em Ação	Educação em Sexualidade. Formação Continuada. Professoras. Tecnologias Digitais. Webinar.	Dissertação
2015	Adriano Souza Senkevics	Gênero, Família e Escola: socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo	Desempenho Escolar. Feminilidades. Masculinidades. Relação Família-Escola. Sociologia da Infância.	Dissertação
2017	Ingrid Grace de Souza Trivelato	A questão de gênero no curso de Ciências Contábeis: visão de docentes	Gênero. Ensino Superior. Ciências Contábeis.	Dissertação
2017	Tais Ritter Dias	Ensino de Arte e Feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências	Ensino De Arte. Estudos de Gênero. Feminismo. Relações de Poder. Práticas de Resistência.	Dissertação

Fonte: elaboração própria.

Camilo (2019) e Zago (2016), em suas dissertações, abordaram o estudo de gênero com o recorte para a educação infantil. Em contexto semelhante, Martins (2014) investigou as relações de gênero nas brincadeiras entre crianças. Além da pesquisa de Santos (2014), que estudou o cuidado de um auxiliar do sexo masculino e os desafios enfrentados a partir dessa realidade.

O contexto esportivo é representado pelas dissertações de Somariva (2015) e Ferreira (2014). Por meio de grupo focal e entrevista semiestruturada com docentes e discentes dos anos finais do ensino fundamental, Ferreira (2014) investigou as questões de gênero que atravessam a disciplina de Educação Física. Já Somariva (2015) trabalhou com a mesma disciplina com foco na modalidade de futebol, e respaldo teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético; a pesquisa de intervenção teve como objetivo produzir um percurso didático/pedagógico vinculado às questões de gênero.

As dissertações de Santos (2014) e Silva (2015) são da Universidade do Sul de Santa Catarina e possuem a mesma orientadora. O estudo de Santos (2014) envolve a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade a partir dessa integração. Já a pesquisa de Silva (2015) abrange o contexto da direção escolar em relação ao preconceito e a discriminação com discentes LGBTT.

As pesquisas de Oliveira (2010) e Gonini (2014) envolveram o Grupo de Trabalho (GT) 23 *Gênero, Sexualidade e Educação* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). A dissertação de Oliveira (2010), de caráter quantitativo e qualitativo, teve como finalidade mapear a produção do GT 23, de 2004 a 2009. Já a tese, de caráter bibliográfico, de Gonini (2014), investigou os trabalhos apresentados nas reuniões, no período de 2004 a 2013, com o intuito de desenvolver o que caracteriza Estado da Arte ou do Conhecimento referente aos temas sexualidade e educação sexual.

No que diz respeito ao estudo de gênero articulado às memórias, as dissertações de Silva (2016) e Cruz (2016) se fazem presente. As memórias de mulheres do movimento estudantil na década de 1990 foram o objeto de análise, com a metodologia da história oral, da pesquisa de Silva (2016). Já no estudo de Cruz (2016), o foco era compor reflexões, fundamentadas pelos conceitos de alteridade, dialogismo e polifonia de Bakhtin, a respeito de duas obras da poetisa e romancista Conceição Evaristo, sendo elas Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2013).

Além dos trabalhos mencionados, há a dissertação de Capute (2011) que pesquisa a construção de saber escolar, no período de 1930 a 1959, em Vassouras. O recorte é específico para a figura de Eufrásia Teixeira Leite que deixou um valor expressivo em seu testamento

destinado à educação; a dissertação investiga as iniciativas educacionais implantadas após o seu falecimento.

Ainda na perspectiva de memórias, é preciso mencionar a dissertação de Oliveira (2010), intitulada "*Minha Vida*": *autobiografias femininas no contexto da Educação de Jovens e Adultos*, porém não há mais informações sobre a pesquisa disponível na *internet*. No tocante à Educação de Jovens e Adultos (EJA) citada no título anterior, há também a tese de Bastos (2017) que aborda a EJA articulada ao trabalho doméstico. O estudo analisou, por meio de entrevistas semiestruturadas, as relações de gênero produzidas e vividas por estes discentes e trabalhadores, com o intuito de compreender as interpretações de atividades, geralmente, destinadas à mulher e consideradas como algo natural.

Em contexto semelhante, a dissertação *Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras*, de Santos (2010), aborda memórias com um recorte para a formação de professoras negras. O estudo investigou a trajetória, tanto no âmbito pessoal como profissional, de quatro professoras de gerações diferentes. Além da narrativa autobiográfica também foram utilizadas gravações de entrevistas semiestruturadas.

Também no contexto da formação, há a dissertação *Os impactos do programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) para a formação de pedagogas(os): o caso UFRJ*, de Pessoa (2014). A pesquisa é pautada no método materialista histórico e analisou as complicações da reforma, por meio de análise documental e de representações do movimento estudantil, bem como da coordenação e direção do curso.

As pesquisas desenvolvidas por Silva (2017), Trivelato (2017), Moraes (2016) e Melo (2013) abordam as relações de gênero no que concerne as Ciências Exatas. De forma breve: Silva (2017) com foco na docência de Física em Pernambuco; Trivelato (2017) investiga as questões de gênero no curso de Ciências Contábeis; Moraes (2016) com um recorte para a formação de engenheiras e engenheiros; Melo (2013) estuda a presença da mulher nos cursos da área de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão.

No âmbito da Educação Sexual e Sexualidade, as dissertações de Pastana (2014), Person (2016), Moura (2013), Parreira (2014) e Souza (2017) abordam a temática. O estudo de Moura (2013) é baseado na visão de docentes do Ensino Fundamental I; já o de Person (2016) é sob a ótica de licenciandos(as) de Pedagogia; em contexto semelhante, Parreira (2014) analisa discursos de graduandos(as) de Ciências Biológicas, bolsistas do PIBID, referentes a temática; Pastana (2014) investiga os debates a partir de revistas femininas e masculinas; e Souza (2017) pesquisa com intermédio de um projeto chamado Projeto Web Educação Sexual.

As dissertações de Senkevics (2015) e de Silveira (2010) investigam as relações de gênero articuladas à escola e à família. O estudo de Senkevics (2015), de cunho qualitativo, tem como sujeitos de pesquisa 25 crianças de uma escola pública da cidade de São Paulo e abrange as construções de masculinidades e feminilidades tanto na escola quanto nas residências. Silveira (2010) analisa a especificidade da educação especial, a mãe como cuidadora e responsável por atender as necessidades dos membros da família, e como os discursos culturais e sociais reforçam essa responsabilidade e sobrecarregam a mulher.

Na esfera das políticas públicas foram encontradas as pesquisas de Salvador (2016) e Rocha (2015). A dissertação de Salvador (2016) investigou o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e como ele repercute na sala de aula, por meio de entrevistas semiestruturadas com professoras. O estudo de Rocha (2015) articulou as políticas públicas à formação pedagógica e às questões de gênero e sexualidade que as envolvem no contexto escolar; os sujeitos foram bolsistas graduandos, professoras e discentes de escolas públicas.

As pesquisas de Andrioli (2010) e Lima (2012) versaram sobre as relações de gênero e currículo. Andrioli (2010) delimitou um recorte para as 7ª e 8ª séries de uma escola pública do município de Ijuí – RS, o estudo é qualitativo e contou com entrevistas de seis professoras titulares das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Educação Física e com a diretora. Lima (2012) investiga os atos de currículo do curso de bacharelado em Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia e as complicações nas experiências formativas, por meio de observação assistemática e entrevista individual semiestruturada com a coordenadora e com as professoras do curso.

No que diz respeito ao conteúdo de filmes e cinema, as dissertações de autoria de Leite (2017) e Bittencourt (2012) se destacam. Leite (2017) investiga como as relações de gênero se evidenciam no contexto do cinema, por meio do projeto Cineclubes Sabotage, no período de 2010 a 2015, em Belo Horizonte. Já o estudo qualitativo de Bittencourt (2012), desenvolvido em Criciúma, analisou “Menino Maluquinho, o filme” com o objetivo de entender a interpretação infantil referente às relações de gênero e sexualidade, a partir de um grupo focal constituído por oito crianças de oito e nove anos.

As produções de Campos (2014) e Gonçalves (2016) contribuem em relação à articulação de temáticas da área da saúde e do estudo de gênero. Campos (2014), com a pesquisa intitulada *Caderneta de saúde do(a) adolescente: uma contribuição na educação para a sexualidade?*, investiga a percepção e a repercussão das crianças e adolescentes referente à caderneta distribuída nas unidades que participam do Programa Saúde na Escola. Já a

dissertação de Gonçalves (2016) estuda, sobretudo, a automutilação, por meio de aplicação de questionário, observação e grupos de debates com adolescentes de duas escolas de Uberlândia.

Nascimento (2013) e Barbosa (2016) relacionam a temática do estudo de gênero ao mau desempenho escolar. Porém, a pesquisa de Nascimento (2013) tem como finalidade interpretar como as meninas enfrentam o mau desempenho escolar, com respaldo teórico em Bourdieu, por meio de entrevistas e observação. E Barbosa (2016), por intermédio da metodologia de pesquisa bibliográfica, estuda a assiduidade do encaminhamento de meninos aos serviços de psicologia.

No tocante ao estudo de gênero articulado a pesquisas internacionais, destacam-se as produções de Conti (2013) e Baron (2017). A dissertação intitulada *Meninas da guerrilha: gênero e educação em situação de conflito armado na Colômbia*, de Baron (2017), tem por objetivo compreender as dificuldades e as potencialidades da educação formal de meninas e adolescentes que lutaram, por meio de análise documental, estudo de caso e entrevistas semiestruturadas. Conti (2013) delimitou como objeto de pesquisa os estudos internacionais sobre gênero, e teve como propósito investigar como o gênero tem sido discutido nas pesquisas externas, quais as argumentações e conceitos desenvolvidos a respeito.

A pesquisa de Dias (2017), *Ensino de arte e feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências*, analisou a conexão entre estudos de gênero e o ensino de artes visuais em unidades escolares, com respaldo teórico em Foucault, do mesmo modo que em teorizações feministas pós-estruturalista. E, sob outra perspectiva, a dissertação de Volpato (2015) investigou a relação entre educação e trabalho, articulando ao estudo de gênero quando possível, de um grupo de jovens de área rural, com o objetivo de analisar o contexto sociocultural que atravessa a idealização de seus projetos futuros.

A seguir, estão os trabalhos encontrados na plataforma *Scielo*, pelo fato de o número ser menor, estão agrupados apenas no Quadro 4, com os descritores indicados na primeira coluna, à esquerda.

Quadro 4: descrição *Scielo*

DESCRITOR	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	DESCRIÇÃO
ESTUDO DE GÊNERO	2018	Wagner Xavier de Camargo	O armário da sexualidade no mundo esportivo	Esporte LGBT+. (Homo)sexualidades. Saída do Armário. Estudos de Gênero.	Artigo
ESTUDO DE GÊNERO	2010	Amparo Novoa P. Olga Consuelo Vélez C.	A Categoria de Cenose: uma leitura de uma perspectiva de gênero	Kenosis. Gênero. Esvaziamento. Mulheres. Cristianismo.	Artigo
GÊNERO NA ESCOLA	2020	Tatiane Lima	Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior	Educação básica. Educação superior. Transexualidade Travestilidade.	Artigo
GÊNERO NA ESCOLA	2019	Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas Adan Renê Pereira da Silva	Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola		Resenha
GÊNERO NA ESCOLA	2020	Gregory da Silva Balthazar	Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar	Gênero. Feminismos. Homossexualidade. Feminilidade. Escola.	Artigo
GÊNERO NA ESCOLA E GÊNERO E EDUCAÇÃO	2018	Erineusa Maria da Silva Eliza Bartolozzi Ferreira	Os movimentos das professoras da educação básica na constituição das políticas de gênero na escola	Política Educacional. Estudos de Gênero e Educação. Política de Gênero. Movimento Pedagógico de Gênero.	Artigo
GÊNERO NA ESCOLA	2018	Lina Martínez Natalia Serna	Disparidades na porta de entrada: lacunas de gênero no ensino fundamental	Escola Primária. Decomposição do Intervalo. Disparidades de Gênero. Matemática	Artigo
GÊNERO NA ESCOLA	2013	João Manuel de Oliveira	Como se faz o gênero na escola? – uma etnografia		Resenha
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2020	Tania Mara Campos de Almeida Katia Tarouquella Brasil Dianne Magalhães Viana Simone Lisniowski Valérie Ganem	A passos largos: meninas da periferia rumo à universidade e seus dilemas psicossociais	Gênero. Educação. Saúde Mental. Extensão Universitária.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2017	Jackeline Susann Souza da Silva Francisca González-Gil	Acessibilidade, Gênero e Educação Superior: Indicativos Procedentes das Investigações Científicas	Educação Especial. Revisão de Literatura. Educação Superior.	Artigo

GÊNERO E EDUCAÇÃO	2016	Maria Isabel Alonso Alves Heitor Queiroz de Medeiros	Gênero e educação em contextos indígenas na Amazônia: as relações que constituem a produção identitária das mulheres professoras Arara-Karo do Estado de Rondônia	Gênero. Sociedades Indígenas. Identidades/ Diferenças.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2015	Celina de Jesús Trimiño Velásquez	Gênero (s) e educação: abordagens ao contexto da América Latina e do Caribe	Revista História da Educação Latino-americana. Feminismos. Categorias Feministas. Gênero e Perspectiva da Educação. América Latina e Caribe.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2013	Márcia Ondina Vieira Ferreira Georgina Helena Lima Nunes Márcia Cristiane Völz Klumb	As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006	Relações de Gênero. Sexualidade. ANPED. Produção Científica.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2014	Carlos Manoel Pimenta Pires	As mortificações da carne e o desejo exposto: controle sobre meninas em instituições católicas	História da Educação. Manuais Escolares. Gênero e Educação. Metodologia Arqueológica Foucaultiana.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2013	Márcia Terezinha Trotta Borges Regina Helena Simões Barbosa	Confluindo gênero e educação popular por meio de uma pesquisa-ação para a abordagem do tabagismo feminino em contextos de vulnerabilidade social	Hábito de Fumar. Identidade de Gênero. Educação Popular. Pesquisa-ação.	Artigo
GÊNERO E EDUCAÇÃO	2011	Claudia Pereira Vianna Marília Pinto de Carvalho Flávia Inês Schilling Maria de Fátima Salum Moreira	Gênero, Sexualidade e Educação Formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006	Gênero. Sexualidade. Educação Formal. Levantamento Bibliográfico.	Artigo

Fonte: elaboração própria.

Em relação ao descritor Estudo de Gênero são apenas dois artigos. O trabalho de Camargo (2018) se refere a gênero e sexualidade no mundo esportivo. A proposta é articular a literatura que aborda a temática com o que foi coletado no trabalho de campo com atletas do meio LGBT+, sobretudo relacionado a se assumir publicamente como se reconhece. Além

disso, aborda essa separação hostil como se houvesse esportes considerados femininos ou masculinos. Já Novoa P. e Vélez C. (2010) em seu artigo, com respaldo teórico teológico, tem por objetivo estudar a categoria de *Cenose* por meio da temática de gênero e do feminismo.

No que concerne o descritor Gênero na escola são quatro artigos e duas resenhas. A resenha *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola* foi que me apresentou o livro de Lins, Machado e Escoura, que está presente como referencial teórico nos capítulos 4 e 2.3, que são respectivamente a análise e o item destinado ao respaldo conceitual do estudo de gênero.

No tocante ao descritor de Gênero na Escola, a pesquisa de Lima (2020) tem por objetivo debater sobre as temáticas de gênero e sexualidade, relacionadas ao acesso e permanência dos travestis e transexuais na educação básica e ao acesso à educação superior, fundamentada em dados de políticas e programas públicos. O texto indica questões relevantes no que diz respeito à temática e reforça a importância do investimento na formação inicial e continuada do corpo docente.

O artigo de Balthazar (2020) aborda os desafios de crianças viadas, por meio de relatos de infância de oito amigos do autor, relacionando paradoxos feministas, no que diz respeito ao lugar de fala, autoras feministas e fragilidades do feminismo.

Martínez e Serna (2018) investigam a diferença de desempenho entre os gêneros na disciplina de matemática. A pesquisa mostra que no ensino infantil a diferença é insignificante, porém no ensino fundamental a diferença é relevante, são indicadas algumas informações que podem interferir, como a escolaridade dos pais, perfil socioeconômico e afins.

O artigo *Os movimentos das professoras da educação básica na constituição das políticas de gênero na escola*, de Silva e Ferreira (2019), coincidiu em dois descritores, sendo eles: Gênero na Escola e Gênero e Educação. O estudo quali-quantitativo aborda as políticas educacionais relacionadas a Gênero do Espírito Santo. Assim como, analisa material produzido em grupos focais e *survey*; os sujeitos do estudo são professoras que participaram do curso Gênero e Diversidade na Escola, nos anos de 2011-2012 e 2013-2014.

A resenha intitulada *Como se faz o gênero na escola? – uma etnografia*, de Oliveira (2013), apresenta a obra de Maria do Mar Pereira, que segundo o autor é um marco referente ao estudo sobre a temática no país. O livro aborda inovação no campo de estudos de gênero em Portugal, especificamente em uma escola de Lisboa.

Em relação ao descritor Gênero e Educação, Almeida et al. (2020) indica dados positivos relevantes relacionados ao projeto de extensão *Meninas Velozes* conduzido pela Universidade de Brasília (UnB), com atuação em escola pública periférica do Distrito Federal.

O texto traz ao debate a discriminação existente na divisão sexual do trabalho, a influência dessa problemática no ingresso do mercado de trabalho, no ensino superior e na escolha de cursos por essas meninas. Foi realizado um levantamento das aprovadas em cursos de graduação da UnB entre 2014-2018, assim, foram contatadas dezesseis estudantes que participaram do projeto e possibilitaram a construção de dados, por meio de entrevista, para essa pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva.

O artigo de Silva e Gonzalez-Gil (2017) é uma revisão de literatura, em nível de doutorado, sobre as condições de acessibilidade de mulheres com deficiência na educação superior. O mapeamento de pesquisas é feito de 2013 a 2017, incluindo trabalhos de diversas línguas. O silenciamento de alguns termos como gênero e mulher entre as palavras mais encontradas nas pesquisas é um dado destacado e marcado como importante a ser investigado.

O estudo de Alves e Medeiros (2016) teve por objetivo compreender tópicos culturais construídos na área das sociedades indígenas, que geralmente são colocados como naturais, mas possuem influência do contexto cultural e podem ser ressignificados. É investigado a constituição das identidades/diferenças das mulheres professoras Arara-Karo e as relações de gênero implicadas nas sociedades indígenas.

Trimiño Velásquez (2015) fez uma revisão crítica especificamente do contexto da América Latina e do Caribe com relação ao estudo de Gênero, a partir de uma concepção feminista, com destaque ao ensino superior. Já o artigo de Vianna et al. (2011) sistematiza as produções acadêmicas nacionais entre 1990 e 2006 sobre educação relacionada com temáticas de gênero, mulheres e sexualidade.

Ferreira, Nunes e Klumb (2013) apresentam resultados de um estado da arte em relação a educação, gênero e sexualidade. Foi realizado um levantamento quantitativo de trabalhos considerando o contexto da ANPEd de 2000 a 2006.

O artigo de autoria de Pires (2014) busca compreender a gênese da educação especificamente voltada às mulheres, por meio de análise do livro didático "Manual de piedade da donzela cristã" utilizado em internatos e conventos de meninas, entre os séculos XIX e XX. A ideia foi percorrer uma composição do modo de ser feminino na contemporaneidade, tendo como respaldo teórico Foucault.

Borges e Barbosa (2013) descrevem a capacitação de seis mulheres ex-fumantes, moradoras de uma comunidade do Rio de Janeiro, para combater o tabagismo feminino em contextos de vulnerabilidade social. É uma pesquisa-ação pautada no diálogo e na participação ativa no campo, que por meio de um processo educativo conectou o saber popular ao acadêmico gerando resultados positivos no que diz respeito ao objetivo deste trabalho.

Em face do exposto, com o intuito de articular a revisão de literatura apresentada com a presente pesquisa, é preciso ressaltar que o estudo de gênero ainda é um campo de investigação visto como tabu ou complexo. Contudo, isso é uma informação que vem se alterando gradativamente; com o passar dos anos, mais pesquisas têm sido realizadas referentes à temática com exploração em distintos recortes.

Conforme a revisão elaborada, muitos estudos com esse tema são qualitativos e utilizam como objeto de pesquisa entrevistas, geralmente semiestruturadas, e questionários. Em menor quantidade são as investigações que utilizaram encontros e grupo focal, assim como essa dissertação; também há algumas que utilizaram como base diário de campo e observação.

Em relação às aproximações que podem ser feitas, destaco a integração de correntes e autoras feministas relacionadas ao estudo de gênero, bem como correspondências da temática que incluem aspectos que envolvem a cultura, etnia, classe social e o contexto histórico. Alguns textos deste levantamento foram utilizados como referências ao longo deste estudo, como: Camargo (2018), Lima (2020), Silva e Ferreira (2019), Almeida et al. (2020), e Mascarenhas e Silva (2019).

Camargo (2018) contribuiu em relação ao estudo de gênero associado ao meio esportivo, especificamente a homossexualidade nesse cenário; Lima (2020) colaborou com o enfoque na travestilidade e transexualidade na educação básica e no acesso ao ensino superior; Silva e Ferreira (2019) fundamentaram a questão da profissão docente como trabalho feminizado e as influências da cultura sobre os papéis atribuídos ao gênero; Almeida et al. (2020) ajudaram com a relação do estudo de gênero na vida de meninas com sobrecargas domésticas e fatores que indicam a desigualdade; e Mascarenhas e Silva (2019) que me apresentaram, por meio de sua resenha, o livro *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*, bastante utilizado nesta pesquisa.

Diante do mapeamento desses textos, foi possível perceber que pesquisar o estudo de gênero tem sido cada vez mais recorrente no contexto atual, e, da mesma forma, o tema tem sido discutido com mais profundidade e extensão na área educacional, sobretudo na esfera da educação básica.

2. PRINCIPAIS CABINES DE ASSISTÊNCIA

Parte da nossa estrutura interna que reflete na infraestrutura externa

Ressalto que não fizemos nada sozinhas, tivemos o apoio de muitos conceitos e pessoas, direta ou indiretamente, sendo assim, aproveito para destacar nossas boas escolhas.

Temos a cabine da pesquisa narrativa e mostraremos o quão é potente e formativa, constituída pelas experiências e vivências, isso já indica que a pesquisa é também qualitativa.

Temos a cabine do paradigma indiciário, o que indica a importância do inventário, é uma metodologia de análise pautada nos sinais, indícios, considerando todo o cenário.

Temos a cabine da teoria histórico-cultural que valoriza os contextos inclusive o social, baseia-se na singularidade de cada sujeito, na sua história e vivência com muito respeito.

Temos também a cabine do estudo de gênero que é o nosso orgulho em exagero, as profissionais da educação são ligadas à maternidade o que contribui para a desigualdade.

De forma breve, seguimos os princípios humanistas, isso não inclui o método tecnicista, intencionamos a produção de novos conhecimentos e que isso nos possibilite outras vistas, valorizamos o trabalho em equipe, as decisões coletivas, para que a educação de fato emancipe, também aceitamos críticas construtivas até porque é um jeito de fazer parte, então participe, visamos o ensino pautado na democracia, práticas inclusivas e não apreciamos a meritocracia.

Nosso estudo preza pelas ações, pela teoria aplicada na prática, por uma educação culturalmente contextualizada, didática.

O ato de narrar, o ato de ouvir narrativas e a reflexão que isso promove, sem dúvidas, é uma parte essencial do que nos move.

Temos muito apreço pelo respeito, pela individualidade de cada sujeito, nos posicionamos e lutamos contra qualquer preconceito.

Espero que estejam apreciando o percurso que é tão importante quanto o nosso discurso.

A pesquisa narrativa pressupõe um pensamento narrativo, o que reflete uma construção teórica realizada, revista, questionada e reelaborada ao longo de toda a investigação, pois o processo é concomitante, o diálogo da teoria com os materiais de análise é constante. Desse modo, por ser uma pesquisa narrativa, a construção teórica aconteceu ao mesmo tempo em que a produção de dados, e o desenvolvimento da teoria está presente na análise do material elaborado. Contudo, destacamos os conceitos primordiais neste capítulo, é válido ressaltar que essas escolhas não foram definidas antes da produção do material empírico, mas sim a partir dele.

2.1. Propriedades da Pesquisa Narrativa junto ao Paradigma Indiciário

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, pautada nos princípios humanistas, fundamentada pela metodologia narrativa. Objetivamos compreender as concepções históricas e culturais, de forma individual e coletiva, sem considerá-las estáticas e inalteráveis. Em conformidade com os dizeres de Prado, Soligo e Simas (2014, p. 414),

Se considerarmos o estudo feito por Esteban (2010, p. 128 a 144) sobre os vários tipos de pesquisa qualitativa, a partir de classificações propostas por diferentes autores, o “enquadramento” geral do tipo de pesquisa que desenvolvemos seria o seguinte: humanista; aberta e flexível; culturalmente contextualizada; pautada na análise contínua e progressiva das informações disponíveis para a produção de dados; holística; constituída a partir da experiência do/s sujeito/s tal como é vivida e sentida por ele/s; interpretativa e focada na compreensão das pessoas dentro de seu próprio âmbito de referência; pautada na convicção de que todos os cenários e perspectivas têm valor e são dignos de estudo; voltada aos indícios, às singularidades; válida pela coerência epistemológica; comprometida ética e esteticamente com a produção de novos conhecimentos; construída a partir de um pensamento metacognitivo do pesquisador; pressupõe um processo de implicação do pesquisador/autor; tomar a si mesmo como fonte importante de dados, pelo exercício de reflexão sobre o percurso da pesquisa.

Sendo assim, compreendemos que a narrativa é uma parte importante, que constitui a história da humanidade, logo, é fundamental estudá-la considerando os seus contextos, sejam eles históricos, sociais, econômicos, políticos e educativos. Além disso, as narrativas são compostas de experiências e vivências produzidas ao longo da história de vida de cada ser humano, não são uniformes, cada sujeito tem suas marcas e sentimentos; esses elementos são essenciais para a qualidade do processo de formação, sobretudo em relação ao docente que é sujeito ativo de sua trajetória pessoal e profissional, portanto, caracteriza-se como professora e narradora (SOUSA; CABRAL, 2015).

O ato de narrar já é formativo por si só, quando compartilhado entre profissionais de área semelhante, os quais também vivem, comemoram e sofrem os mesmos dilemas diários há o sentimento de fazer parte, pertencer, acolher e ser acolhida, tanto o falar quanto o ouvir é relevante nesse processo de transformação da prática pela troca de experiência.

Por meio do debate coletivo foi possível encontrar caminhos significativos, não somente considerando recursos financeiros, funcionais ou materiais, mas sim priorizando o processo de construção do conhecimento dos estudantes. Assim, utilizando a própria história como ensino e aprendizado, de acordo com a Sahagoff (2015, p. 06),

[...] a pesquisa narrativa pode provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Distanciando-se do momento de sua produção, é possível fazer uma nova leitura de si mesmo. A pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado.

É possível perceber as diferentes reações de cada sujeito diante das particularidades do processo de narrar, como falante e ouvinte, justamente pela bagagem cultural específica que traz consigo. No grupo colaborativo, por exemplo, no início, havia certa dificuldade em narrar por não se considerarem protagonistas ou por acreditarem que a narrativa não seria tão formativa, entretanto, no decorrer do curso, o processo formativo possibilitou que enxergassem como é potente compartilhar o que desenvolvem e partilhar o que vivem. Seguindo esse mesmo entendimento, os dizeres de Ferreira (2014) são fundamentais, pois afirmam que

Narrar, neste contexto, é modo de exprimir-se com grande intensidade, deixando transparecer os conflitos, as polaridades e as percepções sensíveis que estes desencadeiam. Destaco, entretanto, que, se por um lado, as ressonâncias do gênero narrativo o aproximam do romance, por outro, rompem com a ilusão de um mundo ingênuo e fantástico, convocando o professor a incluir-se em seu registro, marcando posição diante do vivido. Por ter compromisso com atitudes propositivas e com o cotidiano, sem abrir mão da complexidade e dos contextos densos, a narrativa traz o encantamento para o campo das possibilidades e mobiliza os professores a repensarem suas práticas (FERREIRA, 2014, p. 240).

Diante disso, cada um que fala traz em si o seu contexto e as vozes que o constituem, assim como também provoca um eco naquele que ouve; esse processo de construção do conhecimento representa o cotidiano, a realidade, os contextos, os profissionais (com suas vivências profissionais e pessoais), valoriza o sujeito e a sua história, defende o trabalho coletivo, posto que não é possível e aconselhável tentar melhorar uma unidade escolar individualmente.

A narrativa é uma escolha como recurso de escrita, da mesma maneira que é um método formativo. Escrever narrando a pesquisa contribui no que diz respeito à organização do texto, todavia também possui adversidades, por ser, muitas vezes, comparada ao que é considerado “padrão”. É necessário entender que a pesquisa não trará resultados, esse nunca foi o propósito, mas sim ensinamentos, o tempo todo nos deparamos com julgamentos e temos que justificar teoricamente a cientificidade da pesquisa narrativa.

Além disso, antes de lidar com o externo foi necessário lidar com o interno, com a minha percepção desse método de pesquisa, conhecer, entender e defender esse campo, assim como no curso também foi fundamental valorizar os saberes compartilhados, para que os sujeitos também se convencessem de que o ato de narrar era formativo, não estávamos ali para julgar, o intuito era aprender uns com os outros e todos tinham algo a ensinar.

Dessa maneira, o diálogo entre os sujeitos ativos da pesquisa, a vivência dos conflitos, a busca por alternativas coletivamente, por práticas que não fossem excludentes, é um modo de pesquisar que provoca uma ruptura na linearidade e na ordem cronológica, pois se estabelece no tempo da própria pesquisa, dos acontecimentos cotidianos e do contexto em que cada sujeito está inserido. Ademais, ao realizar essa pesquisa com presença atuante, tendo como escolha metodológica a narrativa, além de contribuir para a formação dos demais, também me formei professora e pesquisadora.

Outrossim, considerando o que foi posto a respeito do processo de construção do conhecimento à luz da pesquisa narrativa, acrescento a conexão com a escolha do paradigma indiciário para fundamentar a análise, por ser uma metodologia que favorece o estudo crítico e dialógico das narrativas e do material empírico elaborado. Assim, possibilitando a criação de categorias que se entrecruzam e dão visibilidade aos saberes produzidos pelo próprio grupo.

De forma breve, paradigma indiciário, respaldado pelo autor Carlos Ginzburg, é um método de investigação que prioriza os dados marginais, os indícios, as pistas, os sinais, é um conjunto de procedimentos e princípios que tem o detalhe como essência. Ginzburg nasceu em 1939, filho de Leone Ginzburg (tradutor) com Natalia Ginzburg (romancista), é um historiador e antropólogo italiano, renomado por ser um dos precursores no estudo da micro história, uma de suas obras de grande destaque é *O queijo e os vermes*, por ela se tornou mundialmente conhecido, o livro foi publicado em 1976.

Nessa obra, um de seus conceitos mais importantes é o de “jaula flexível”, considerando os contextos históricos, sociais, culturais e políticos há um campo diverso de possibilidades, que não necessariamente precisa ser visível, nessa perspectiva é possível praticar a liberdade pessoal, essa jaula oportuniza determinada autonomia, liberdade, movimentos aos indivíduos,

que dependendo de suas ações podem ou não sofrer consequências. Diante disso, o estudo do micro possibilita alcançar o macro no que diz respeito às universalidades sociais e estruturais, assim como o micro historiador não estuda efetivamente os sujeitos, mas sim a partir dos sujeitos (GINZBURG, 1976).

Além dessa produção do autor, também é muito significativo para esta pesquisa apresentar o texto *Sinais – raízes de um paradigma indiciário*, o qual faz parte do livro *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*, publicado em 1979. Ginzburg discorre a respeito do surgimento de um modelo epistemológico que se manifestou no século XIX, bem como explora os paradigmas indiciários e questiona,

Mas pode um paradigma indiciário ser rigoroso? A orientação quantitativa e anti-antropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. Só a lingüística conseguiu, no decorrer deste século, subtrair-se a esse dilema, por isso pondo-se como modelo, mais ou menos atingido também para outras disciplinas (GINZBURG, 1979, p. 178).

Em seguida, o historiador aborda que no saber indiciário, o rigor é flexível e intuitivo, e “entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1979, p. 179). Dessa forma, entende-se que o saber indiciário pode ser utilizado nas pesquisas, considerando as pistas, no intuito de se empenhar em decifrar a realidade, uma vez que, “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1979, p. 177). Por conseguinte, Ginzburg afirma que

[...] o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada (GINZBURG, 1979, p. 177).

Dessa forma, destacando que algumas pistas eram consideradas como aspectos indicadores de fenômenos gerais, por exemplo, a visão de mundo de uma determinada classe social, de um autor, ou de toda uma comunidade. Para o autor, não é possível retirar a história do estudo a respeito do paradigma indiciário, afirma ainda que a sabedoria por meio dos sinais é tão antiga quanto a humanidade, por isso compreendemos e consideramos a importância do método indiciário para essa pesquisa, assim como a interação dele com a pesquisa narrativa.

À vista disso, os indicadores principais da análise foram investigados e escolhidos considerando todo o material empírico produzido na formação, pois não havia o mínimo de

possibilidade de prevermos, mesmo com toda a organização prévia, as situações mais comentadas, os contextos em que os sujeitos estariam inseridos. Por essa razão, antes do curso não era possível definir quais seriam as categorias de análise, os autores essenciais que fundamentariam a pesquisa, entre outras escolhas que só foram asseguradas após a elaboração das produções.

2.2. Teoria Histórico-Cultural

Por Vigotski é como conhecemos o tão famoso psicólogo, trabalhou em uma área nomeada 'pedologia', uma ciência da criança, a qual envolve elementos biológicos, psicológicos e antropológico.

O pensador nasceu em 1896, filho de bancário e de professora, estudou direito, história, filosofia, medicina, literatura, pedagogia, mas nada disso o livrou da censura provocada pela sociedade opressora.

Em 1934, por tuberculose ele se foi, deixou esposa e duas filhas, entretanto deixou também muita sabedoria, suas ideias se multiplicaram com o apoio de suas crias.

Luria e Leontiev eram destaque entre elas, juntos ao professor construíram a teoria Histórico-Cultural, a qual nos marcou com *perejivanie* sua mais bela sequela.

O importante conceito está intimamente ligado ao sujeito, com particularidades sociais, históricas e culturais é a vivência de cada um no seu tempo, com todo respeito. Esse prisma, como chama o professor, reflete todo o cenário ao redor do sujeito, tudo que ele vive e sente com ou sem dor.

É um processo de desenvolvimento individual, é marcado pelos significados e seus contextos, a transformação ocorre para cada ser de maneira desigual.

Nesse estudo temos a criança em evidência,
o papel da infância é determinante,
sobretudo para a formação de sua essência.

A relação da criança com o meio é o alicerce,
em cada faixa etária as mudanças acontecem,
um novo mundo, um novo meio, a cada dia estabelecem.

O humano é um ser social, a linguagem, seja ela qual for,
promove a interação, não é possível e viável generalizar,
a unidade de cada indivíduo devemos respeitar e valorizar.

As condições não são estáticas e merecem atenção,
cada interior reage diferente diante do mesmo exterior,
a vivência influencia no grau de compreensão.

As circunstâncias interferem na unidade,
a unidade pode se revelar no conjunto,
mas não há equivalência na sociedade.

Nenhum ser é neutro diante de qualquer realidade,
considerando que o meio é variável e dinâmico,
a forma inicial, final e ideal não possui homogeneidade.

Vigotski nos apresentou com essa e muitas outras lições,
os pesquisadores seguem o representando fielmente,
escrevendo, traduzindo e divulgando suas contribuições.²

O autor principal referente à Teoria Histórico-Cultural é Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), foi o psicólogo que apresentou a Psicologia cultural-histórica. Nascido em Orsha, a capital da Bielo-Rússia, membro de uma culta família judia, era o segundo filho de oito

² Poema produzido para compor o texto reflexivo apresentado a disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da abordagem Histórico – Cultural, fundamentado pelo texto *A questão do meio em Pedologia* (VIGOTSKI, 2010).

irmãos, a mãe era professora e o pai trabalhava como chefe de departamento de um banco. Os pais eram intelectuais e preocupados com a formação cultural dos filhos. Vigotski estudou Medicina, Direito, Filosofia, Pedagogia, Literatura e História da Arte, entre outros. Em 1924 se casou com Roza Smekhova, tiveram duas filhas. Desde 1920 conviveu com a tuberculose, motivo de seu falecimento aos trinta e sete anos.

Devido a uma certa tolerância política, a perspectiva histórico-cultural ganhou força nos anos finais de trabalho do autor (1928-1934), é relevante evidenciar a atuação de alguns companheiros significativos para o desenvolvimento de seu estudo, antes e depois de seu falecimento, Luria e Leontiev fazem parte desse corpo de colaboradores importantes (TOASSA, 2009).

De modo amplo, essa teoria que respalda a presente pesquisa é pautada no desenvolvimento histórico e cultural do indivíduo, respeitando as singularidades e os contextos, sobretudo histórico e social. De acordo com Luria (1979, p. 73), “[...] A grande maioria dos conhecimentos e habilidades do homem se forma por meio da assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível por meio da aprendizagem”. Essa citação diz muito a respeito da base da Teoria Histórico-Cultural, pois o processo de construção do conhecimento é fundamentado pelo meio, bem como a apropriação da vivência que se transforma na experiência, é um dos pontos mais importantes para impulsionar as habilidades e o interesse por mais estudo.

Além disso, de acordo com Demenech e Paula (2009), a Teoria Histórico-Cultural

[...] supera a compreensão de que o ser humano ao nascer, traz um conjunto de aptidões e capacidades. Proporciona-nos um pensamento de que a pessoa vai se desenvolver de acordo com o meio em que vive e suas possibilidades e potencialidades de desenvolvimento. Pois cada ser humano adquire habilidades, qualidades disponíveis e necessárias para o seu tempo a partir da sua socialização na cultura (DEMENECH; PAULA, 2009, p. 03).

Diante do exposto, entendemos que se apropriar da Teoria Histórico-Cultural, como respaldo teórico para refletirmos a respeito da construção da individualidade e dos processos de desenvolvimento humano, possibilita evidenciar a socialização como fundamento primitivo e essencial, considerando desde o início da vida (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011). Sendo assim, os principais conceitos de Vigotski que fundamentam essa pesquisa são: **desenvolvimento humano, social e cultural, meio e *perejivanie***.

O trabalho e a educação são fatores determinantes para diferenciar os humanos dos outros animais, para realizar essas atividades funcionais, com o intuito de suprir as próprias necessidades, é necessário aprender, conseqüentemente ocorre o desenvolvimento. Vigotski

contribuiu significativamente para o entendimento do processo de aprendizagem e da linguagem, relacionando os aspectos naturais aos culturais, pois evidentemente influenciam no desenvolvimento humano.

No seu estudo sobre as relações entre a cultura e o desenvolvimento, considera também que todo e qualquer aprendizado possui influência do meio e das pessoas ao entorno, uma vez que os contextos nos quais estão inseridos implicam nesse processo. Dessa maneira, a construção e o domínio da cultura associado ao contexto histórico interferem no ensino. De acordo com o autor, não há desenvolvimento sem a educação, considerando especialmente a diversidade cultural e histórica de cada ser, bem como suas habilidades e limitações. No que diz respeito à educação, segundo Vigotski (1993, p. 244),

Quando observamos o curso do desenvolvimento da criança durante a idade escolar e no curso de sua instrução, vemos que na realidade qualquer matéria exige da criança mais do que esta pode dar nesse momento, isto é, que esta realiza na escola uma atividade que lhe obriga a superar-se. Isto se refere sempre à instrução escolar sadia. Começa-se a ensinar a criança a escrever quando, todavia não possui todas as funções que asseguram a linguagem escrita. Precisamente por isso, o ensino da linguagem escrita provoca e implica o desenvolvimento dessas funções. Esta situação real se produz sempre que a instrução é fecunda [...]. Ensinar a uma criança aquilo que é incapaz de aprender é tão inútil como ensinar-lhe a fazer o que é capaz de realizar por si mesma.

Desse modo, é notório que a educação é fundamental para o desenvolvimento humano, assim como o ato de ensinar é edificador. É relevante destacar a importância da escola na sociedade e o quanto o país ainda precisa avançar no que diz respeito não só ao acesso, mas à permanência e às condições de ensino, não estamos nos referindo somente ao aluno chegar até a unidade escolar, mas a valorização e o investimento na formação dos profissionais, aos materiais didáticos, alimentação, transporte, espaço físico, condições dignas que possam promover um processo de aprendizagem íntegro.

Os conteúdos específicos das disciplinas é uma parte dos componentes que as instituições de ensino proporcionam, não é o único nem o mais importante, o corpo que todas as partes constituem é a principal contribuição que implica na formação do sujeito. De acordo com Moretti, Asbahr e Rigon (2011, p. 481),

[...] a educação é entendida não como mera aquisição de conteúdos ou habilidades específicas, mas como uma via para o desenvolvimento psíquico e principalmente humano. É com base nesse posicionamento que afirmamos a necessidade da presença da educação sistematizada em todas as fases do desenvolvimento, dado que ela permite uma organização consciente dos processos de formação dos indivíduos, via a organização intencional de um ensino que permita aos sujeitos a apropriação de conhecimentos, de habilidades e de formas de comportamentos produzidos pela

humanidade. Nesse sentido, a escola é instituição privilegiada no que diz respeito às possibilidades de humanização do homem [...].

Além disso, Vigotski considera o ensino dos conteúdos produzidos historicamente e socialmente essenciais, de acordo com seus dizeres tudo que é cultural é também social, sendo a cultura uma construção da vida em sociedade e das práticas sociais do ser humano. Sendo assim,

Da mesma maneira que a vida da sociedade não representa um todo único e uniforme, e a sociedade é subdividida em diferentes classes, assim, durante um dado período histórico, a composição das personalidades humanas não pode ser vista como representando algo homogêneo e uniforme (VIGOTSKI, 1994, p. 176).

Posto isso, justifica-se o uso dessa teoria para fundamentar esta pesquisa, uma vez que o intuito é o estudo de gênero no campo da educação, no chão da escola. A formação possibilitou a mudança local, a transformação, o desenvolvimento, a criação de novas práticas, a construção coletiva de conhecimento, considerando os contextos históricos e sociais, objetivando a propagação pelo efeito multiplicador, pelas vozes individuais internas que ecoaram no coletivo externo.

Além de ressaltar a importância de ouvir e produzir narrativas e o quanto isso é formativo, tanto para quem narra quanto para quem ouve, visto que o desenvolvimento ocorre por meio da aprendizagem. Desse modo, sempre é tempo de aprender e como efeito desenvolver novas formas de compreensão de mundo. As profissionais da educação se colocaram em situação de aprendizagem, desenvolveram outras perspectivas que reorientaram suas funções, provocando novas práticas em seus espaços de trabalho.

Temos também como princípio fundamental a ideia de que o humano é constituído pelo social, cultural e histórico, em vista disso, entendemos que as relações de gênero não são naturais ou herdadas, mas sim que são socialmente construídas. E da mesma forma podem ser repensadas e alteradas gradativamente, para que se possa incentivar condições justas de igualdade para todos.

Sendo assim, há uma conexão entre os conceitos social e cultural e desenvolvimento humano, pois o social seria a evolução singular do sujeito, a transformação em uma prática social representa a ideia de cultural, e, dessa forma, ambos influenciam no desenvolvimento humano, seja individual ou coletivo.

Os termos social e cultural são usados no cotidiano de forma genérica, em razão disso é necessário centralizar nosso olhar ao contexto teórico abordado e pensar a partir do que Vigotski estuda a respeito, assim, objetivando não universalizar esses vocábulos. Para esses conceitos

utilizaremos, principalmente, o trabalho desenvolvido por Pino, Doutor em Psicologia, dedicado a pesquisas direcionadas à Psicologia Educacional na perspectiva da Psicologia histórico-cultural, em desenvolvimento humano, cultura e semiótica, entre outras.

Para o autor, é fundamental o entendimento do que Vigotski chama de história para não afastar os termos social e cultural de seus contextos singulares. Em uma de suas publicações, Pino compartilha sua interpretação sobre a leitura do “Manuscrito” e considera que

História é entendida por Vigotski de duas maneiras: em termos genéricos, significa “uma abordagem dialética geral das coisas”; em sentido restrito, significa “a história humana”. Distinção que ele completa com uma afirmação lapidar: “a primeira história é dialética; a segunda é materialismo histórico” (PINO, 2000, p. 48).

A articulação dessas duas concepções de história é relevante, pois considera a história pessoal dos seres, assim como a história da espécie em si, da humanidade como um todo, o que permite uma visão com mais de um foco, há a individualidade específica do micro inserida em um panorama geral do macro. Desse modo, também é possível compreender como o termo social se relaciona com o cultural. Ainda de acordo com Pino (2000, p. 53),

[...] o social é, ao mesmo tempo, condição e resultado do aparecimento da cultura. É condição porque sem essa sociabilidade natural a sociabilidade humana seria historicamente impossível e a emergência da cultura seria impensável. É porém resultado porque as formas humanas de sociabilidade são produções do homem, portanto obras culturais (PINO, 2000, p. 53).

É como se a união das singularidades de pessoas sociais compusesse uma unidade cultural. Assim, é possível perceber que está diretamente ligada também a aspectos biológicos e naturais, mas não deve se considerar somente isso, pois não é de caráter predominante, o processo em si é mais importante, a construção das relações, a significação como sujeito e entre os sujeitos. Essa atribuição ou apropriação de sentido tem relação com a internalização de cada indivíduo, nas relações com o mundo e com ele mesmo, seja pela ótica social ou cultural.

No que diz respeito à cultura, segundo Pino (2000, p. 54), “[...] para Vigotski a cultura é a totalidade das produções humanas (técnicas, artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais). Em síntese, tudo que, em contraposição ao que é dado pela natureza, é obra do homem”. Sendo assim, o ser humano é fruto da natureza e é um agente transformador dela, a cultura é constituída por um conjunto de elementos que a espécie humana atribui sentido, função, significado, entre outras denominações, é um processo contínuo que permite diversas mudanças ao longo do tempo.

Na mesma perspectiva, para Demenech e Paula (2009, p. 03), a cultura

[...] continua e será criada ao longo da história, tanto material como não-material. Sendo a cultura material constituída pelos instrumentos de trabalho e a cultura não-material por hábitos e costumes de um povo. Então, o ser humano depende do que conhece, aprende e utiliza da cultura acumulada para ser o que foi, é e será. Assim ele se constitui do que absorve, apropria e reelabora no seu decorrer de vida e em que já está exposto para ele.

Em vista disso, o entrelaçamento entre o social e o cultural se destaca, esses conceitos trabalhados simultaneamente possibilitam que as pessoas estabeleçam relações sociais que as constituem enquanto são constituídas, assim como ensinam ao mesmo tempo em que aprendem. Dessa forma, com a multiplicidade dessas significações é possível alcançar um aprendizado rico, diversificado e, o mais importante, humanizado. Também respaldada por Vigotski, Freitas (2004, p. 03) apresenta a seguinte concepção,

Na construção teórica de Vygotsky a abordagem da cultura e sua articulação no conjunto das categorias por ele usadas pode ser percebida pelo menos em duas relações — a cultura no social (histórico) e a cultura na aprendizagem — sendo que em ambos os casos, a cultura está envolvida na mediação. O que se percebe é que Vygotsky, ao utilizar a cultura, não se dedicou a explicitar um conceito de cultura, mas a mostrar como ela está envolvida no desenvolvimento histórico-social, no desenvolvimento das funções mentais e na aprendizagem, enfim na transformação do ser humano biológico em ser humano social (cultural).

Muitos conceitos de Vigotski não foram aprofundados, sobretudo pela sua morte precoce, grande parte de suas pesquisas foi organizada e publicada por pessoas que foram influenciadas por ele, por isso, os termos não são de interpretação única, é necessário olhar uma série de elementos e tentar chegar o mais próximo possível do entendimento dele. Nessa citação, isso fica claro, assim como entre o histórico-social e a cultura, bem como a presença e a importância do meio para o desenvolvimento humano por meio do processo de aprendizagem.

Os conceitos social e cultural estão fortemente ligados ao meio, pois o espaço, os sujeitos, as situações e as vivências influenciam de forma significativa na constituição como pessoa, o meio é um fator crucial em uma série de construções de valores, princípios, ética, entre outras especificidades, de qualquer ser humano. Além disso, o meio é fundamental para o desenvolvimento, para o ensino ou para o aprendizado, pelo exemplo é possível sensibilizar.

Para Vigotski (2004, p. 71): “O meio não é algo absoluto, exterior ao homem. Não se consegue nem sequer definir onde terminam as influências do meio e começam as influências do próprio corpo”. A relação entre o indivíduo e o meio está presente durante toda a vida, quando nascemos precisamos de diversos cuidados, até nos apropriarmos da cultura, por meio das relações sociais, e conseguirmos fazer sozinhos o que faziam por nós, a interferência do meio é essencial para que esse processo de aprendizagem se concretize.

Em conformidade com o que foi exposto, também de acordo com Coelho e Pisoni (2012), as características humanas

[...] são resultados das relações homem e sociedade, pois quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo. A criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores, sendo estas o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente. O desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro que indica, delimita e atribui significados à realidade. Dessa forma membros imaturos da espécie humana vão aos poucos se apropriando dos modos de funcionamento psicológicos, comportamento e cultura (COELHO; PISONI, 2012 p. 146).

Essa representação do meio evidencia como as pessoas reagem de jeitos particulares diante de qualquer situação, mesmo que sejam criados e educados da mesma maneira, cada ser é único e é constituído de forma diferente, tanto o aspecto físico, quanto o psicológico e o emocional. Segundo Toassa e Souza (2010, p. 767), “O meio social vigotskiano, à moda de Lewin, mas de forma histórico-cultural, marxista, reveste-se de valências positivas e negativas, ou mesmo de sentidos opostos na relação da criança com um mesmo objeto”, dessa forma, mesmo que sejam vividos traumas iguais, a reação de cada sujeito é singular, essa construção do interno reflete no externo de acordo com a relação social estabelecida entre o meio e os sujeitos.

Magalhães (2014), em sua publicação sobre a constituição do sujeito por Vigotski e Moscovici, apresenta a seguinte contribuição:

Com Vygotsky e Moscovici, compreendemos que deve existir uma instância muito propriamente social da natureza humana, inerente ao modo de expressão da experiência do sujeito e vivenciada em seus processos de apropriação do mundo, envolvendo elementos da internalidade e da externalidade que o circunscreve. Suas perspectivas pressupõem que as formas humanas da cognição são peças fundamentais no estabelecimento desse jogo coconstituente, sendo a relação do sujeito com o mundo configurada pela interação de tais formas junto às contingências do meio sociocultural, elementos cruciais para o fomento de seu desenvolvimento. (MAGALHÃES, 2014, p. 248).

Sendo assim, o processo de aprendizagem é influenciado pelas relações sociais e pelo desenvolvimento cultural do meio. Além disso, o meio não é estático e uniforme: “A mudança do meio, longe de ser uma ilusão do ser humano, é um fato histórico que define a história humana” (PINO, 2010, p. 749), bem como se altera de acordo com os contextos em que o sujeito está inserido e a idade, pois faz parte da construção do conhecimento.

A formação que esta pesquisa possibilitou foi um elemento ímpar para registrar a importância do meio na aprendizagem, considerando sobretudo as pessoas e o ambiente. O

curso promoveu uma construção coletiva de conhecimento, ele foi utilizado como um espaço de debate que viabilizou o ensino entre as próprias participantes, mediado pela pesquisadora.

Estarem na universidade, com seus pares, compartilharem conflitos e dilemas cotidianos, assim como terem acesso à literatura que aborda o estudo de gênero e discutir sobre foi determinante para que compreendessem a temática e, assim, se mobilizassem a criar novas práticas e a melhorar as existentes.

Da mesma maneira, o curso estimulou as profissionais a desenvolverem novos métodos por meio dos saberes que foram construídos pelo grupo naquele meio em específico, com aquelas pessoas, com aquele material, naquele lugar, seria diferente se fosse alterada qualquer uma dessas minúcias. Segundo Pino (2010, p. 753),

Com a ideia de que a vivência constitui a unidade de análise que integra de uma forma dinâmica o meio externo à criança – meio físico, social e cultural, ou seja, o meio construído pelos homens – e o meio interior, subjetivo da criança, Vigotski está apontando para o fato de que o desenvolvimento humano, entendido como processo de constituição cultural da criança para tornar-se um ser humano, é feito do “material” social-cultural que o meio humano põe à disposição da criança e que ela vai se apropriando na convivência nas práticas sociais, mas ele é feito também da maneira como a criança converte (uma das expressões de Vigotski para explicar a apropriação da cultura) esse material em funções humanas. E nesse movimento do exterior para o interior e do interior para o exterior da criança, o mecanismo fundamental é a transformação da significação do mundo cultural em significação para a criança. Daí que Vigotski relacione a vivência com a significação que a criança se faz das situações criadas pela dinâmica do meio.

Apesar de o termo criança ser muito utilizado, entendemos como desenvolvimento humano e não apenas de crianças, pois o processo de desenvolvimento se altera ao longo da vida, mas não deixa de existir, estamos nos desenvolvendo o tempo todo. Nessa passagem, é possível compreender o encadeamento dos termos vivência, meio, sujeito, desenvolvimento, cultura e social.

Do mesmo modo, entende-se como esses conceitos estão interligados e funcionam simultaneamente, não é possível descrevê-los de forma isolada, atuam juntos como uma engrenagem organizada. Além disso, o autor cita o termo vivência várias vezes, por isso vamos adentrar ao que Vigotski chama de *pereživânie*.

Para o embasamento teórico do conceito de *pereživânie* (no singular e *pereživânia* no plural) foi utilizado principalmente o trabalho de Gisele Toassa, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, precursora no Brasil com sua pesquisa voltada ao estudo desse e de outros conceitos vigotskianos. De acordo com a autora, o termo

nasce na crítica de arte vigotskiana, a partir da “Tragédia do Hamlet” (1916) – texto em que desempenha o papel de conceito principal – e, embora com uma proporcional perda de espaço no seu quadro teórico, expande-se gradativamente para outras dimensões de debate da vida psíquica. Sob um ponto de vista epistemológico, essas mudanças evidenciam um deslocamento gradativo, repleto de enriquecimento e alterações no processo de constituição da teoria histórico-cultural. Nesse processo, vai se distanciando um tanto de seu significado dicionaresco na língua e na arte russa do início do século XX para ganhar contornos cada vez mais particulares à obra vigotskiana (TOASSA, 2009, p. 273).

Por essa questão do distanciamento do significado bruto encontrado no dicionário, é preciso evidenciar que grande parte dos conceitos de Vigotski possui muitas interpretações distintas, provocadas pelas traduções, por isso ressaltamos que, no presente estudo, quando usamos o termo vivência nos referimos ao conceito cunhado pelo autor como *pereživânie*, da mesma maneira, quando a expressão experiência é utilizada temos o intuito de abordar o que ele chama de *opit*, “A experiência (*opit*) no sentido de acúmulo, de passagem qualitativa é tanto potência como ato; realidade objetiva do meu ser, independente do encontro imediato com o meio” (TOASSA; SOUZA; RODRIGUES, 2019, p. 113). Sendo assim, os vocábulos se relacionam, no entanto, não se misturam e não são sinônimos.

Assim, diferenciando a experiência da vivência é possível passar pela primeira sem transformação, sem ser sensibilizado, há muitas que não causam sentimentos, não tocam e, por isso, acabam não tendo importância. Já em relação a segunda, no ato de vivenciar há impacto, provoca mudança na relação, seja entre sujeitos ou sujeito e objeto, e, conseqüentemente, na realidade posta, bem como permite uma construção de sentido, logo existe uma significação.

De acordo com Toassa, Souza e Rodrigues (2019), a palavra se fortalece no estudo da pedologia, ciência do desenvolvimento infantil elaborada pelo psicólogo, que é mencionada no poema que abre este capítulo. Ademais, Marques (2017) situa o surgimento da seguinte maneira:

pereživânie aparece pela primeira vez no trabalho de crítica literária “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”, escrita por Vigotski, em 1915/1916. Em Psicologia da Arte 1915-1922 – apresenta seu método analítico objetivo da reação estética (*pereživânie* estética). Nessa obra, *pereživânie* serve para explicar os processos psicológicos desencadeados pela arte. Com relação à Psicologia Sócio-Histórica, *pereživânie* toma acento quando Vigotski (2004, 1996) se propõe à explicação acerca do desenvolvimento do psiquismo humano (MARQUES, 2017, p. 6777).

Considerando a construção do vocábulo, é possível afirmar que *pereživanie* é um substantivo que se origina dos verbos *jit* que significa viver e *pereživát* que pode ser compreendido como vivenciar a existência, ou seja, esses termos em específico são sinônimos. Há as vivências do cotidiano que quando não possuem determinada importância são esquecidas logo em seguida, assim como há aquelas que possuem significado, que atribuímos sentido e

essas estão relacionadas ao conceito abordado. Já no que diz respeito ao *opit*, este está vinculado ao efeito e à ação, à atitude em si (TOASSA; SOUZA, 2010).

Seguindo a mesma concepção, de acordo com Vigotski (2004, p.188 apud PRESTES, 2010, p. 120),

Perejivanie para a criança é exatamente uma unidade simples, relativa à qual não se pode dizer que represente uma influência do ambiente sobre a criança ou uma especificidade da criança; *perejivanie* é exatamente a unidade da personalidade e do ambiente, assim como está representada no desenvolvimento. Por isso, no desenvolvimento, a unidade dos aspectos da personalidade realiza-se numa série de *perejivanie* da criança. *Perejivanie* deve ser entendida como uma relação interna da criança como pessoa com um ou outro aspecto da realidade.

Desse modo, atribuir sentido à existência, isto é, vivenciar de fato, criar e potencializar vivências é muito relevante no que diz respeito ao desenvolvimento humano, ao aprendizado, a estabelecer relações sociais, a compreensão de contextos, sobretudo histórico e cultural.

Em harmonia com os dizeres de Marques (2017, p. 6784), “*perejivânie* diz respeito a momentos históricos que indicam transformações, portanto, não se trata de analisar tudo o que foi vivido pelos indivíduos, mas, as peculiaridades constitutivas determinantes na definição das atitudes do sujeito frente dada situação”. Por isso, é de fundamental importância a presença desse conceito nesta pesquisa, associando a formação ocorrida e a transformação ecoada, por meio dela, no chão da escola.

Em conformidade com o que diz Liberali e Fuga (2018, p. 370), “é fundamental compreender a *perejivânie* como eventos dramáticos vividos e refratados pelos sujeitos, materializados por recursos que são evocados em novas configurações da vida, permitindo a eles novos modos de agir, ser, sentir e viver”. Os saberes construídos coletivamente, de acordo com os sujeitos envolvidos e seus contextos, proporcionou uma resignificação das práticas.

Assim, ampliando e enriquecendo o repertório tanto das participantes quanto da pesquisadora, considerando a transformação no aspecto individual e no coletivo, pois por meio da mudança pessoal se provocou a alteração no campo profissional. A título de exemplo, a cada semana de formação, as participantes retornavam enfatizando com orgulho as mudanças que fizeram na prática ou no discurso nas unidades escolares em que trabalham. Dessa maneira, é acentuada que a experiência da pesquisadora e das profissionais do curso foi transformada em vivência, pois se atribuiu sentido, marcou, tanto no âmbito pessoal como no profissional.

2.3. Estudo de Gênero

O principal eixo de investigação é o estudo de gênero, no chão da escola, considerando a força, a potência e a possibilidade ampla de alcance que as unidades escolares possuem. Ao longo da história é de fácil percepção a questão da submissão imposta à mulher, o poder posto ao homem, sobretudo a desigualdade de gênero, e em conformidade com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 16), “quando usamos o termo ‘desigualdade de gênero’, nos referimos à relação de poder, privilégio ou hierarquias sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres, ou entre masculinidades e feminilidades”.

O livro intitulado “Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola”, publicado em 2016, pela editora Reviravolta, é de autoria de Beatriz Accioly Lins e Bernardo Fonseca Machado, doutorandos em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP) e Michele Escoura, doutoranda em Ciência Sociais na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que agora são doutoras e doutor, e apresenta reflexões importantes a respeito do gênero na escola, que estão diluídas neste item e no capítulo de análise.

Ressalto que conheci o livro por meio de uma resenha encontrada na revisão bibliográfica, na plataforma *Scielo*, assim que li o texto efetuei a compra do livro, a obra foi significativa para esta escrita. De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 10),

Gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder.

Sendo assim, para contextualizar elementos históricos, culturais, sociais, políticos e educativos é necessário destacar a figura do homem e da mulher, no entanto, esta pesquisa não tem como objetivo aprofundar nessa especificidade do estudo de gênero, uma vez que não consideramos adequado se referir a gêneros apenas pelos termos feminino e masculino, pois além de ser excludente é preconceituoso, algo que não compactuamos.

Posto isso, de acordo com Xavier (2009, p. 37),

Homens e mulheres são diferentes entre si, assim como os homens são diferentes entre si, tal como ocorre entre as mulheres, no entanto, as diferenças foram construídas como desigualdades. A desigualdade de gênero constitui uma das agendas de luta dos movimentos feministas e é neste contexto que o conceito de equidade de gênero ganha importância. Por equidade de gênero entendo a condição de igualdade de direitos para os sujeitos, independente de gênero (masculino ou feminino).

Nossa intenção é contribuir e incentivar a pesquisa, o compartilhamento, o entendimento, a produção do conhecimento relacionados ao estudo de gênero, sobretudo na educação, o gênero como categoria social, e não como condição de gênero pessoal. O espaço ocupado pela escola na bagagem cultural de um aluno é significativo, os aprendizados, a política, o contexto social e histórico constituem esse ser. Segundo Meyer (2003, p. 19),

Isso implica, portanto, analisar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que produzem e/ou educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, sobretudo se quisermos investir em possibilidades de propor intervenções que permitam modificar, minimamente, as relações de poder e gênero vigentes na sociedade em que vivemos.

Desse modo, é muito importante que sejam discutidas, trabalhadas e praticadas ações inclusivas em todos os âmbitos, para que os estudantes além de carregarem os conteúdos específicos das disciplinas, tornem-se sujeitos conscientes, políticos e justos. A formação contribuiu de forma significativa para esse olhar mais sensível e atento; para as falas do senso comum serem repensadas; para as práticas tradicionais que pregam a segregação de gênero serem transformadas; para que o cuidado em relação à igualdade seja refletido e aplicado.

Consideramos pertinente destacar a diferença entre estudo de gênero, como campo de conhecimento, e o termo “ideologia de gênero”, cunhado propositalmente pelos grupos conservadores que pregam a intolerância à diversidade. Para isso, é fundamental a contribuição do estudo de Georgiane Garabely Heil Vázquez, historiadora e feminista, Doutora em História e membro fundadora do LAGEDIS – Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades. Para a professora,

Não é possível entender o que são Estudos de Gênero sem compreender o movimento feminista, que começa no cenário internacional no século XIX e reivindica direitos civis para as mulheres. É muito reconhecida a luta pelo direito ao voto, mas é importante lembrar que essa não era a única reivindicação – as mulheres tinham pouco direitos e muito pelo que lutar. A mulher casada, por exemplo, era considerada pela lei brasileira “incapaz” e sob tutela do marido – o que somente foi alterado na legislação em 1962, com a Lei 4.121 (VÁZQUEZ, 2017, n.p).

Nesse contexto, surgem as ramificações também das lutas feministas e do que é ser mulher, pois não é a mesma experiência para todas, há particularidades que as diferenciam de forma significativa como escolaridade, cor, poder aquisitivo, entre outras. Para compreender o que de fato está em debate “a ideia de performatividade de gênero compreende a noção de que sexo e gênero são discursivamente criados e que, ao se desnaturalizar o sexo, deve-se também desnaturalizar o gênero” (VÁZQUEZ, 2017, n.p). Logo, não é o objetivo se opor a existência

de que há gênero e sexo, contudo é preciso fundamentar essas distinções. A historiadora afirma que,

A expressão “ideologia de gênero”, que tanto tem sido empregada nos dias de hoje para criticar os Estudos de Gênero, não é uma categoria acadêmica ou um objeto de pesquisa. Como vimos, os pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam o entendem justamente no contrário: que gênero não é uma ideologia. Para eles, a expressão “ideologia de gênero” é estranha, uma anomalia. Quem fala (e muito) em “ideologia de gênero” são os movimentos conservadores – muitas vezes com explicações falsas e sem fundamento (VÁZQUEZ, 2017, n.p).

Esse grupo que visa confundir e manipular os sujeitos que não conhecem as bandeiras e discussões da área, anunciam, de forma equivocada, que discutir gênero se trataria de um projeto de convencimento e doutrinação em relação às orientações sexuais das pessoas. No entanto, com base no estudo e pesquisa da professora: “Os Estudos de Gênero nunca tiveram como objetivo modificar a sexualidade de ninguém – até porque os pesquisadores e pesquisadoras da área não acreditam que a orientação sexual ou a identidade de gênero das pessoas sejam modificáveis como querem fazer crer seus detratores” (VÁZQUEZ, 2017, n.p).

Sendo assim, defendemos que,

Estudar Gênero significa estabelecer um recorte sobre aspectos da realidade social existente – no presente e/ou no passado – que têm como peça fundamental a organização de papéis sociais baseada numa imagem socialmente construída acerca do que foi consolidado como sendo masculino ou feminino por exemplo. Portanto, procura compreender como a ideia de uma masculinidade hegemônica influencia nas relações e restringe as opções sociais de mulheres, de crianças e dos próprios homens, e propor estratégias de libertação. Aqui, nos Estudos de Gênero, estão as pesquisas sobre violência doméstica, violência sexual, feminicídio, desigualdade econômica e outras assimetrias relacionadas às desigualdades de gênero (VÁZQUEZ, 2017, n.p).

Dessa forma, é possível esclarecer que o termo ideologia de gênero existe e é utilizado com intuito político. Isto posto, os estudos de gênero pretendem transformar a sociedade, contribuir para a construção de um mundo mais justo e democrático, um mundo em que as mulheres não sejam violentadas, de qualquer forma, simplesmente por serem mulheres; um mundo em que os homens não tenham a igualdade pois seus poderes não serão tomados apenas pelo fato de eles não terem esse poder superior, porque isso não é parâmetro nem igualdade.

O estudo de gênero, desenvolvido por meio desta pesquisa, propõe pensarmos em questões pertinentes, as quais acontecem tradicionalmente nas escolas, que reforçam o preconceito e a desigualdade. Segundo Lins, Machado e Escoura (2016, p. 24): “No terreno da desigualdade de gênero encontramos desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências, temas que historicamente têm mobilizado movimentos reivindicatórios, lutas e disputas por igualdade”. Assim, é necessário estudar e ensinar, para todos os alunos, não só

para as meninas, sobre o processo histórico e cultural no que diz respeito à construção da figura da mulher, relacionado à desmistificação do padrão de beleza exigido, à imposição da maternidade e do matrimônio, entre outras sobrecargas desnecessárias que são postas desde a infância.

Consideramos a escola um campo muito promissor para o início do debate. “Abrir o diálogo para refletir sobre estereótipos de gênero significa conversar francamente sobre como naturalizamos certos comportamentos que geram desigualdade e violência. Para isso, devemos pensar em como transformar meninas e meninos” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 65), é fundamental que não se fale sobre isso apenas com as meninas e sim com todos, para que o conhecimento e o entendimento referentes às questões de gênero provoquem a empatia e o respeito mútuos.

Diante do exposto, o movimento feminista contribui de forma relevante para o estudo de gênero e não pode ser desconsiderado. Sendo assim, Gloria Jean Watkins, conhecida como bell hooks, professora, autora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense é um dos grandes nomes abordados no presente texto. O pseudônimo, inspirado em sua bisavó materna, escrito com letras minúsculas, é para manter a preferência da escritora, com o intuito de destacar as obras dela e não a sua autoria. Suas principais publicações são concentradas nas temáticas a respeito de raça, gênero, classe e relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo e educação.

Outro nome importante é Guacira Lopes Louro, estudiosa feminista, doutora em Educação, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE). De acordo com a autora,

Admitindo que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado lingüística e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo (LOURO, 2003, p. 14).

Para resgatar o contexto histórico, social e cultural e trazer mais realidade ao tema, o feminismo, como um movimento social organizado, dividido em três ondas, ergueu-se no século XIX, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. É válido ressaltar que já havia reivindicações relacionadas à mulher anteriormente e em outros lugares; esses protestos precedentes têm relação com o movimento cultural, econômico e político denominado

renascimento; porém o movimento se caracteriza e se fortalece na época e na região mencionadas (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

À título de contextualização, antes de entrar nas fases específicas, é preciso salientar a influência da Revolução Francesa (1789-1799) e de seu lema “liberdade, igualdade, fraternidade”, pois esses ideais inspiraram as mulheres a refletirem sobre as suas condições na sociedade, conseqüentemente, elas participaram teoricamente e ativamente na linha de frente. Após a conclusão da revolução, um documento foi emitido considerando apenas os direitos dos sujeitos homens, excluindo as mulheres (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Nesse período é preciso destacar dois nomes importantes que contribuíram intelectualmente, Olympe de Gouges, ativista política, feminista e abolicionista francesa, e Mary Wollstonecraft, escritora e filósofa inglesa. Gouges (1748-1793), em confronto ao documento exclusivo para os direitos dos homens, escreve também um registro intitulado *Carta dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, em que argumenta principalmente sobre o conceito de igualdade que teoricamente abrangeria todos e na prática excluiu as mulheres; a partir desse embate, por esse, e outros motivos relacionados à discordância do que ocorria na revolução, ela foi guilhotinada (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Wollstonecraft (1759-1797), nessa mesma perspectiva, escreveu o livro *Uma Defesa dos Direitos da Mulher* que requeria o direito das mulheres no que diz respeito à educação, assim como defendia a indispensabilidade de igualdade para o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, apesar de todo empenho e persistência, essas duas mulheres e suas escritas representativas não conquistaram nenhum direito por meio desse fato (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

No final do século XIX, houve uma organização maior, Lins, Machado e Escoura (2016) descrevem marcando três importantes ondas feministas, e nessa época surge a primeira que tem como marco o “sufragismo”, e como principal reivindicação o direito de voto da mulher.

Um dos nomes de destaque é Sojourner Truth (1797-1883), abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, que em um discurso emblemático, “E não sou uma mulher?”, enunciado na Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, mostrou, em resposta a um palestrante do sexo masculino, que as demandas das mulheres brancas eram diferentes das mulheres negras, pois as portas dos carros não eram abertas para ela, nem as cadeiras eram puxadas para se sentar. Segundo Truth,

[...] Sou uma mulher de direitos. Tenho tantos músculos quanto qualquer homem, e posso trabalhar tanto quanto qualquer homem. Tenho arado e ceifado e cortado e aparado, e pode algum homem fazer mais do que isso? Tenho ouvido falar muito sobre

igualdade dos sexos. Posso carregar tanto quanto qualquer homem, e posso comer tanto quanto também, se conseguir o que comer. Sou tão forte quanto qualquer homem. [...] Os pobres homens parecem estar em total confusão e não sabem o que fazer. Porque, crianças, se têm direitos das mulheres, deem-nos a elas e irão se sentir melhor. Vocês terão seus próprios direitos e eles não serão um grande problema [...].³

Esse é apenas um trecho, o discurso possui algumas versões e alterações. No Brasil, a principal referência foi Bertha Lutz (1894-1976), bióloga e cientista, uma das precursoras da luta pelos direitos das mulheres brasileiras; também fundadora da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

No tocante à segunda onda, com início no final da década de 1960, além do que a primeira já indicava no que diz respeito a questões sociais e políticas, tiveram destaque as construções teóricas a partir de debates entre estudiosas e militantes, contexto em que surgiram “os estudos da mulher”. Algumas conquistas foram alcançadas, como a igualdade do homem e da mulher perante a lei, entretanto, na prática, isso não ocorria. Dessa forma, o movimento intensificou cobranças relacionadas aos costumes impostos à mulher como ser mãe e dona de casa, sexualidade feminina, violência doméstica, desigualdades presentes no mercado de trabalho, criminalização do aborto e outros (LOURO, 2003; LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Nesse contexto, o nome de destaque é Simone de Beauvoir, filósofa francesa, seu livro *O Segundo Sexo* foi um marco importante, trouxe diversas indagações ao debate questionando o que de fato era ser mulher, uma de suas frases famosas é “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”. A obra repercute no movimento feminista até o contexto atual (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Ainda nessa onda, as mulheres começam a relacionar que os problemas vividos em casa, no âmbito privado, são semelhantes aos encontrados na vida pública, a reflexão começa a ganhar mais força e mais atenção, por esse motivo a frase de efeito desse período é “o pessoal é político”. Além disso, é o momento em que o feminismo começa a se envolver e se aliar com outros movimentos de grupos de condições sociais inferiores, como a classe trabalhadora, a população negra, entre outros (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Já a terceira onda, com início na década de 1990 e que se estende, pode-se dizer, até a atualidade, possui como uma de suas correntes a teoria *queer*, “uma forma de contestar os próprios processos de normalização de gênero, vistos como restritivos e excludentes”, a mulher

³ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres>. Acesso em: 28 jan. 2021.

que se destaca é Judith Butler, filósofa pós-estruturalista estadunidense (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 33).

O feminismo dessa fase é imerso nas questões que se entrelaçam ao gênero, como classe, raça, orientação sexual e outros tipos de desigualdade. Em harmonia com o que foi posto, há a ideia de que “Não existe apenas *a mulher* (como forma única), mas sim *mulheres*, no plural”, sendo assim, há mulheres negras, lésbicas, trans, que residem na área urbana, rural, periférica, com diferentes faixas etárias, e assim sucessivamente (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 33).

Diante do exposto, o movimento feminista não tem como base a realidade de uma mulher; considerando essa pluralidade de ser mulher, o feminismo é para todas, e para todos. Assim, o movimento vai se moldando e se constituindo de acordo com o contexto social, cultural, e histórico do período.

A partir dessas três ondas do feminismo, originam-se as vertentes, algumas delas são: feminismo liberal, feminismo radical e feminismo negro, contudo essas não são as únicas, há outras linhas. Em relação ao feminismo negro, é preciso ressaltar Angela Davis, professora e filósofa socialista estadunidense, e bell hooks que já foi apresentada anteriormente e é uma referência singular neste estudo.

A vertente que a presente pesquisa busca seguir é a do feminismo interseccional, pois o movimento deve ser para todas e todos, como foi fundamentado, além das opressões relacionadas ao gênero, existem outras condições opressoras. As demandas das mulheres negras são diferentes das brancas, das que moram na zona rural são diferentes da zona urbana, dentro da zona urbana há mais uma série de diferenças, as lésbicas, as trans também lidam com outra realidade, cada grupo possui sua particularidade. Logo, não há um tipo de mulher universal, sendo assim, o movimento precisa representar a pluralidade que envolve ser mulher e essa linha reproduz isso.

Estudar o feminismo, assim como pesquisar e escrever sobre gênero é sinônimo de resistência, o assunto ainda é silenciado. Além disso, o conceito de gênero é amplo e pode ser analisado por diferentes pontos de vista, uma das ideias que Louro resalta é a dicotomia entre homem e mulher, masculino e feminino. Segundo ela, essa

[...] concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua

utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (LOURO, 2003, p. 34).

Isto posto, debater e estudar gênero na escola ainda provoca reações de estranhamento, tanto no sentido de falta de conhecimento quanto no que diz respeito à falta de interesse pelo tema. Essa realidade construída histórico-socialmente, com o homem como detentor do poder e a compressão do feminismo e do estudo de gênero como algo desnecessário ou tratado de modo pejorativo, está enraizado na cultura.

Desse modo, inserir o estudo de gênero no contexto escolar é delicado, pois além dos educandos que possuem suas individualidades, há as famílias por trás deles, há a comunidade local, há uma diversidade de aspectos sociais e culturais. Porém, é preciso começar essa desconstrução, ou reconstrução.

Diante do exposto, de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 102),

A educação, se comprometida com a igualdade social e a inclusão, pode vir a ser um caminho privilegiado para a emancipação. Por esse motivo, profissionais da educação têm um lugar privilegiado de mudança social, quando engajados na transformação de preconceitos e discriminações. São eles que nos educam nas mais diversas formas de conhecimento: com letras, palavras, números, histórias, afetos e valores.

Reconhecer que aprendemos tanto quanto ensinamos é importante, da mesma forma que nos colocarmos em situação de aprendizagem. Além disso, rodas de conversas e debates embasados pela prática, pelo contexto escolar real, possibilitam a participação de profissionais no processo de construção do conhecimento de maneira coletiva. Assim como, permitem criar saberes acessíveis, que não requerem recursos financeiros extravagantes, essas ações transformam o olhar, e a partir da mudança do eu, a prática é ressignificada.

Diante disso, em harmonia com Louro (2003, p. 63), “São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’”. Sendo assim, a interação, práticas no contexto escolar que, às vezes, passam despercebidas podem marcar determinada ação como certa e justa, a partir do momento que alguém percebe e alerta, espera-se que algo seja feito para mudar, se houver persistência o problema é ainda maior.

A título de exemplo,

Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? (LOURO, 2003, p. 63).

Essa separação de atividades por gênero é excludente e ofensiva, porém considerada como algo natural, o que não é, ela foi construída com influência do meio, de aspectos sociais e culturais. Considerando que é uma prática construída, ela pode ser desconstruída ou reconstruída de acordo com o contexto contemporâneo e com a realidade da comunidade.

Nosso foco é especialmente o estudo de gênero, todavia, como o que foi mencionado anteriormente é apropriado o relacionar também com outros tipos de violência, como de raça, etnia, classe, religião e outros. Diante disso, Louro (2003) reforça que

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui (LOURO, 2003, p. 64).

Por isso, a formação docente é tão importante e além dela a de toda a equipe que se relaciona com os educandos. A mudança na prática precisa estar articulada entre o grupo de trabalho, é necessário que desenvolvam as atividades com o mesmo objetivo, para que a fala ou a atitude de um sujeito não invalide a do outro. O trabalho coletivo é fundamental para essa transformação da prática ocorrer. Segundo Louro (2003, p. 114),

[...] a situação ensino/aprendizagem se transforma numa relação onde todos os personagens podem alternar, constantemente, suas posições, sem que nenhum sujeito (ou, mais especialmente, sem que o/a professor/a) detenha, a priori, uma experiência, um saber ou uma autoridade maior do que os demais. Como consequência, há a expectativa de que a competição ceda lugar à cooperação, levando a uma produção de conhecimento coletiva, colaborativa, apoiada na experiência de todos/as.

O curso de extensão que esta pesquisa proporcionou foi com esse propósito de construção de conhecimento coletiva, e por meio desses saberes provocar uma mudança na prática. Sendo assim, para que haja a ressignificação na prática é preciso que as profissionais percebam a ressignificação do eu e do outro, e por meio dessa reconstrução de conceitos se produz um novo sentido que reflete na práxis.

A escola é um espaço importante para a construção de um conhecimento que promova o respeito à diversidade, à igualdade de gênero e a tolerância de modo geral. Os educandos

também ecoam seus saberes na sociedade. Diante do exposto, em harmonia com hooks (2013, p. 273),

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.

Para assim, sermos capazes de promover uma educação que emancipe, que siga os princípios básicos de Freire, que liberte, que acolha, que forme seres humanos melhores. Considerando que foi o que buscamos alcançar com a formação realizada, no próximo capítulo, será detalhado o curso de extensão desde a elaboração do projeto até a sua realização.

3. DESTINO: CURSO DE EXTENSÃO

A camiseta que aqueceu meu coração e me deu asas

Encantei-me com a extensão desde que a conheci, em 2015, quando extensionista me senti, começou a trabalhar quando a camiseta do Unimep da Comunidade vesti.

O coração ficou quentinho, assim nasceu o respeito, a admiração e o carinho, já na primeira ação, os braços viraram asas como as de um passarinho.

A curiosidade sempre esteve presente, assim como o desejo estava ali latente, é como dizem, depois que o bichinho picou a marca é permanente.

Senti-me entusiasmada quando o curso de extensão passou a ser a missão, trabalhamos muito nessa organização, desde a aprovação até a realização.

Sem deixar de lado o rigor metodológico e a relação entre pesquisadora e pesquisado, tudo foi ponderado, até porque isso é um mestrado.

Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências compartilhadas, narrativas vividas, essa foi a nomenclatura definida. Ah! A vergonha e a timidez precisaram ser removidas.

No início, claro que senti insegurança, nervosismo e medo, o coração disparou, o corpo gelou, mas eles passaram cedo.

Cada olhar confiante, motivado e ansioso tornou o momento acolhe-dor, seguido dos sorrisos sarcásticos e das marcantes narrativas aí foi liberta-dor.

Terminei a formação, sentindo-me tão heroína quanto elas, só fortaleceu a pesquisa e a pesquisadora, e o crédito é, sobretudo, delas.

As produções foram microconto, poema, verbete, narrativa e carta, das 19h às 21h30, tendo sido o dia escolhido, a quarta.

As rodas de conversa, muitas vezes, viraram terapia coletiva, era a materialização do diálogo entre a teoria e a prática sem perder a essência reflexiva.

Objetivamos e alcançamos provocar o efeito multiplicador e inspirar novas práticas, valorizamos o trabalho coletivo e a educação emancipadora, essas foram as táticas.

Inicialmente, destacamos nosso cuidado e responsabilidade no que diz respeito à importância de possuir critério e rigor metodológico, a pesquisa e a formação foram pensadas e planejadas com respaldo teórico. O projeto precisou ser aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Diretoria de Extensão e Cultura e pelo Comitê de Ética da universidade para ser realizado. Enfatizamos nossa seriedade com os sujeitos envolvidos, conforme Spink (2000, p. 20),

[...] pesquisa é uma atividade de produção de sentidos perpassada pela interanimação de muitas vozes [...]; nossos sujeitos serão nossos interlocutores durante todo o processo de pesquisa, inclusive o momento de publicização de nossos resultados. [...] Pesquisador e pesquisado estão, necessariamente, inter-relacionados desde o momento do primeiro encontro até as últimas ressonâncias do processo de interpretação dos dados.

As escolhas feitas durante o curso foram acordadas com o grupo, o nome como são identificadas no presente texto é o nome fictício (ou não) que escolheram ser chamadas e inseriram no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com o intuito de preservar a identidade e possibilitar confiança e conforto às profissionais que compuseram o grupo focal.

3.1 Preparativos para decolar

Conforme já detalhado no início do presente texto, a escolha pelo tema surgiu de uma inquietação pessoal, junto a situações inflamadas na atualidade, especialmente no meu período de graduação e início de pós-graduação. Em conversa com a minha orientadora, percebemos a potência de um grupo focal para a singularidade dessa pesquisa, uma vez que consideramos a exaustão das profissionais da educação em relação a “métodos” isolados impostos sem qualquer aproximação com o contexto em que serão aplicados. Na mesma perspectiva, em conformidade com os dizeres de Nasciutti (2017), a ideia de se trabalhar com grupos focais surgiu

Por meio de uma forte crítica a propostas de formação pautadas em ações que impõem conhecimentos e técnicas, por vezes distantes das reais necessidades da sala de aula, os grupos colaborativos identificam a necessidade de valorizar produção de saberes docentes no cotidiano de trabalho, identificando que a prática profissional é um campo complexo. Para isso, exaltam a importância de que as temáticas discutidas partam do próprio grupo de profissionais, a fim de constituir uma comunidade de partilha e análise coletiva da prática (NASCIUTTI, 2017, p. 62).

Essa formação, já situada na prática, possibilita a participação dessas profissionais no processo de construção do conhecimento, assim como a troca de vivências permite criar

estratégias coletivamente baseadas na realidade e de forma contextualizada. Por isso, a escolha por desenvolver esse curso ao mesmo tempo em que a pesquisa, tornando-a formativa e praticável, estabelecendo a relação entre o aprendizado e o desenvolvimento, assim, provocando a transformação.

Diante do exposto, elaboramos o projeto do Curso de Extensão intitulado “Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências compartilhadas, narrativas vividas”, que teve como objetivo geral: identificar, contrastar e refletir a respeito do estudo de gênero na experiência da coordenação e direção escolar, por meio do debate da historicidade do conceito de gênero no trabalho docente e suas aproximações com o contexto educacional na atualidade. Na mesma perspectiva, teve como objetivos específicos: compartilhar narrativas e experiências de trabalho que se referissem às questões de gênero; estudar e discutir as situações narradas, buscando uma perspectiva propositiva do trabalho da gestão no que se alude à temática; promover o estudo de literatura sobre o tema em tempo real, o curso ocorreu simultâneo à pesquisa.

A carga horária foi de trinta horas, sendo quinze horas presenciais divididas em cinco encontros e quinze horas de estudo dirigido. O curso ocorreu no período de 18 setembro a 16 de outubro de 2019, com reuniões semanais, às quartas feiras, das 19h às 21h30, em uma sala de aula da universidade que foi reservada para essa formação. O curso foi estruturado de acordo com o seguinte cronograma: divulgação de 09 a 18 de setembro; inscrição de 09 a 18 de setembro; encontros de 18/09 a 16/10; emissão e envio de certificados em 18 de novembro.

A divulgação⁴ e a inscrição foram feitas no mesmo período, sendo a divulgação em plataformas digitais (site da universidade e por e-mail), físicas (jornal da cidade e cartazes pelo campus) e redes sociais (*Instagram, WhatsApp e Facebook*), e a inscrição por meio de um *link* do *Microsoft Forms*⁵ que permitiu acesso ao programa do curso e às informações relevantes relacionadas ao estudo. Além disso, o aceite como integrante da pesquisa foi uma condição para a participação no curso. Foram mais de 60 inscrições em menos de 10 dias, o que nos deixou muito felizes, o primeiro indício foi percebido nesse número em um período tão curto, as pessoas estavam dispostas e interessadas em estudar sobre gênero no contexto da gestão escolar.

Recebemos inscrições de coordenadora pedagógica, professor coordenador do núcleo pedagógico, supervisora, diretora, vice-diretora, coordenadora, assistente social, auxiliar de classe, agente de organização escolar, professora (ensino infantil, fundamental e médio), professora coordenadora geral, professor aposentado, psicóloga voluntária e auxiliar de ação educativa. Os profissionais eram dos seguintes municípios: Piracicaba, Santa Maria da Serra,

⁴ As peças utilizadas na divulgação estão disponíveis no apêndice 1 (a e b).

⁵ O formulário utilizado está disponível no apêndice 2.

Iracemápolis, Limeira, Campinas, Charqueada, Rio das Pedras, Santa Bárbara D'Oeste, Americana e São Pedro. Sendo apenas cinco homens, um dado a ser refletido no sentido do interesse que os homens possuem em relação ao estudo de gênero.

O conteúdo programático abordado foi: gênero como construção histórica, social, cultural, política e discursiva; interfaces entre educação, gênero, diversidade e igualdade étnico-racial, nos limiares da cultura, da sociedade e da identidade; atuação do gestor escolar e os atravessamentos relacionados às questões de gênero: dilemas da formação profissional e das práticas cotidianas; gênero e experiência de gestão: narrativas.

Os encontros foram organizados de forma a contemplar rodas de conversa, oficinas de criação artística e práticas de escrita narrativa, em todos os encontros foram disponibilizados uma caixa com lápis de cor, gizes de cera, cartões coloridos, entre outros materiais para incrementar as produções. Partindo de tais experiências, foram propostas discussões, embasadas na leitura de produções acadêmicas da área, as quais serão detalhadas na descrição dos encontros, com temáticas que se mostram fundamentais para a compreensão da relação entre a gestão escolar e o estudo de gênero.

A estrutura basicamente foi a mesma, sendo discutida e acordada com o grupo no primeiro dia, assim, considerando um dos propósitos do curso de pensar junto, com o intuito de favorecer o coletivo. No início, eu perguntava como haviam passado a semana, se gostariam de compartilhar algo com o grupo; após essa acolhida, assistíamos ao vídeo, todos foram do mesmo canal da Julia Tolezano no *YouTube*, Jout Jout Prazer, que será descrito a seguir, sempre com algo relacionado ao texto ou à produção daquele dia; em seguida, realizávamos as produções, o grupo lia as suas construções antes de iniciarmos o debate; por fim, refletíamos a respeito do texto lido na semana, do vídeo assistido, das questões levantadas na acolhida e sobre o que produziram, assim seguíamos até o término; o grupo foi muito participativo e colaborativo.

As variações foram no primeiro encontro, pois teve um café de abertura, apresentação do grupo e minha, assim como a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁶ (TCLE). No último teve um café de encerramento e a avaliação do curso, foi um momento para partilharem o que sentiram ao longo desse período, o que mudou, se houvesse a possibilidade de uma nova versão como poderia melhorar, qualquer comentário que quisessem partilhar com o grupo. O que mais apareceu nesse momento foram pedidos por mais encontros, ou um segundo módulo, o quanto as leituras ajudaram, elas compartilhavam os textos com os

⁶ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado está disponível no apêndice 3 (a e b).

colegas, muitos passaram a usar nas Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs), como estavam mais atentas e sensíveis às situações do cotidiano que são “naturais” e muitas vezes passam despercebidas, também sugeriram um grupo de estudos para darmos continuidade.

Para o momento de acolhida, foi pensada uma estratégia que as envolvessem, com a finalidade de promover o pertencimento, o fazer parte, a representatividade, consideramos que práticas como essa são importantes para a interação e o entrosamento do grupo; em vista disso, optamos por exibir um vídeo, fiz a seleção dos cinco⁷, um por encontro, com o intuito de provocar uma sensibilização para o debate a respeito do estudo de gênero.

Os vídeos assistidos na abertura dos encontros são do canal da Julia Tolezano (1991 – 28 anos), conhecida pelo apelido de Jout Jout, nascida em Niterói-RJ. Além de escritora e vlogueira é formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Julia é conhecida pelo seu canal no *YouTube*, Jout Jout Prazer, que atualmente possui mais de dois milhões de inscritos. Fizemos essa escolha por toda participação e ação da Julia em várias questões sociais, sobretudo ligadas a gênero e feminismo.

Ela iniciou as gravações de vídeos em 2014, no ano seguinte viralizou com o vídeo “Não tira o batom vermelho”, em que são abordadas questões feministas e relações abusivas. Em 2016, lançou seu primeiro livro intitulado "Tá Todo Mundo Mal". Já em 2018 publicou mais um vídeo marcante, em que fez a leitura na íntegra do livro "A parte que falta" de Shel Silverstein, acumulou mais de 2 milhões de visualizações em três dias. Em 2020, fez uma pausa com as publicações do canal, durante esse período foi uma das embaixadoras brasileira do programa *YouTube Creators For Change* que debate a educação de meninas, coordenado pela ex primeira-dama dos Estados Unidos, Michelle Obama. No mesmo ano, Jout Jout foi uma das mediadoras do documentário "Um Crime Entre Nós" do canal GNT, que denuncia a exploração sexual infantil no país.

No primeiro encontro foram 34 pessoas, no segundo 19, no terceiro 15, no quarto 17 e no quinto 15 também. Considerando o total de 60 inscritos, no primeiro encontro já houve uma queda significativa de quase 50%, algumas pessoas justificaram, a maioria das justificativas foi relacionada ao trabalho. Do primeiro para o segundo encontro também houve uma redução expressiva, o que nos faz refletir, entre tantos possíveis motivos de ausência, sobre a

⁷ 1º encontro: A falta que a falta faz (<https://bit.ly/3hEQPlf>);

2º encontro: Outros jeitos de usar a boca (<https://bit.ly/305fHfK>);

3º encontro: O melhor dicionário (<https://bit.ly/2CS7dja>);

4º encontro: Antes de começar uma escola veja este vídeo (<https://bit.ly/39vuweD>);

5º encontro: O sininho da sororidade (<https://bit.ly/305AvDW>).

credibilidade que se atribui ao estudo de gênero. Por fim, o número de presenças se estabilizou a partir do segundo encontro, assim, constitui-se como coletivo, como o grupo focal desta pesquisa, aproximadamente 18 pessoas, as produções que tomamos para análise são prioritariamente as referentes a quem esteve presente além do primeiro dia.

Ressalto que sempre ficávamos além do horário dos encontros, sempre alguém queria conversar mais um pouco, compartilhar um caso, uma situação que presenciou, algo que ouviu, enquanto guardava o material e desligava os equipamentos apreciava essas trocas tão importantes. O grupo era muito comunicativo, relatavam casos do dia a dia, de conhecidos, de familiares ou do trabalho com facilidade, estavam sempre dispostas a ouvir a outra, a interação e o laço criados entre elas foi singular.

Essa formação possibilitou um conjunto de vertentes ainda mais amplo, conheci profissionais de diversos cargos, lutando por diferentes causas e de lugares distintos. A interação das participantes, durante a semana, no grupo de *WhatsApp* foi essencial, conforme realizavam a leitura já apontavam situações que gostariam de discutir e compartilhavam opiniões. Da mesma maneira, quando havia algum evento relacionado ao tema aproveitavam o meio para divulgar.

Além disso, gostaria de compartilhar sobre a Prof.^a Dr.^a Rita Moreira que fez inscrição no curso e infelizmente não conseguiu participar, entretanto, procurou-me por e-mail, trocamos telefone e marcamos um café para conversarmos a respeito da pesquisa. Ela foi até a universidade, contou que ficou interessada, uma vez que também estuda sobre o assunto e quis conhecer mais a respeito do projeto, do curso e da pesquisa como um todo. Assim como, colocou-se à disposição para ajudar com referências de autores e obras pertinentes e sugeriu um grupo de estudos para darmos continuidade a essa construção coletiva do conhecimento.

Além da supervisão da minha orientadora, que foi essencial para tudo isso acontecer de forma tão produtiva, gostaria também de destacar a importante presença da Alessandra Mascarenhas, pedagoga pela Unimep, que desenvolveu seu TCC com temática similar e se voluntariou a me acompanhar para também aprender mais, dessa maneira, asseguramos a ideia de grupo colaborativo e de aprendizagens compartilhadas, de modo horizontal, assim como ela colaborou nos encontros, com a gravação, entrega de materiais e na organização como um todo. Do mesmo modo, destaco o trabalho do fotógrafo Edson Rossini da Unimep, que esteve presente em todos os encontros e registrou o curso com belíssimas fotos.

Por fim, algumas de nossas intenções ainda durante o planejamento do curso era construir conhecimento em conjunto; inspirar novas práticas; provocar o efeito multiplicador; cumprir a função social da instituição; impulsionar a educação como um processo de

emancipação; discutir a urgência e relevância do debate sobre estudo de gênero; evidenciar a necessidade de se oferecer espaços de conversa que tornam possível o diálogo entre os pares, o compartilhamento, a troca de experiências; e no final ficamos realizadas por termos conseguido até mais do que esses pressupostos.

3.2 Escala de voo

Escalas são situações em que o avião aterrissa em um determinado local antes do destino final, para embarque e desembarque de outros passageiros, para abastecer, entre outras possíveis eventualidades. Isto posto, nossa escala foi dividida em cinco paradas para possibilitar as ocasiões citadas, além de podermos apreciar as belas paisagens repletas de reflexões, cada janela, corredor, assento, mala, turbulência, sobretudo as passageiras, carregam um universo em si, assim cada palavra das produções que estão expostas a seguir é um passaporte para conhecer essas realidades.

O grupo foi formado por professora (ensino infantil, fundamental e médio), supervisora, diretora, coordenadora e coordenadora pedagógica, professor aposentado e auxiliar de ação educativa, das seguintes cidades: Piracicaba, Rio das Pedras, Santa Bárbara D'Oeste, Charqueada e Americana. São profissionais que atuam na educação básica, em instituições de ensino público e privado, em unidades municipais e estaduais, entre eles o Instituto Formar de Piracicaba e a Secretaria de Educação de Rio das Pedras. Apenas três homens constituíram o grupo focal.

1ª parada

No 1º encontro, houve a recepção do grupo com um café que ficou disponível durante toda a noite. Em seguida, apresentei-me e falei um pouco sobre a pesquisa e em relação aos objetivos do curso. Posteriormente, assistimos ao vídeo do canal do *YouTube*, Jout Jout Prazer, de Julia Tolezano, “A falta que a falta faz” vídeo sobre o livro “A parte que falta”, de Shel Silverstein.

Após esse momento em que foi provocada uma reflexão no grupo, fizemos uma oficina rápida de apresentação entre elas, as participantes escreveram um pequeno texto se apresentando sem identificação nominal, a sugestão foi uma característica pessoal, física, profissional e o motivo de ter escolhido fazer o curso; os textos foram embaralhados e distribuídos, assim tiveram que tentar adivinhar a qual pessoa pertencia a descrição.

A atividade foi bem descontraída, provocou boas risadas e mais aproximação entre nós, o que apareceu com mais evidência no motivo de participar do curso foi a relevância do tema, a necessidade de adquirir mais conhecimento, para compartilhar sua experiência e ouvir outras. Da mesma maneira, as características profissionais mais evidentes foram: persistente, determinada e dedicada, o que nos traz uma realidade da profissão, no sentido de serem quase particularidades básicas, como exigência do campo de atuação. Destaco alguns exemplos:

Característica pessoal: determinação. Característica física: cabelos cacheados. Característica profissional: firmeza. Escolhi para adquirir mais conhecimento e poder contribuir com a equipe escolar.

Ana

Característica pessoal: comunicativa. Característica física: magra. Característica profissional: em busca do meu melhor. Motivo: porque percebo uma extrema necessidade de debater gênero na gestão escolar, existem muitos casos de violência/abuso que poderiam ser solucionados com conhecimento e compartilhamento de ideias.

Milena Gomes Soares

Figura 1: Apresentação – Novos aprendizados

Eu sou uma pessoa muito pronta a colaborar, gosto de ver o sucesso dos outros. Fisicamente sou bonita. Profissionalmente sou equilibrada e ponderada. Escolhi o curso porque gosto de aprender, estudar e achei o tema curioso, pois na gestão nunca discuti a relação do meu trabalho com esse tema.

Renata

Como característica pessoal curiosidade e determinação. Profissionalmente busco o equilíbrio para despertar e aliar a imaginação e a razão. A gestão escolar é objeto de estudo e aperfeiçoamento contínuo.

Pedro

Característica pessoal: sonhadora. Característica física: várias cores de cabelo. Característica profissional: persistente. Motivo de ter escolhido o curso: vivo em busca de "uma parte que falta" em minha experiência profissional, que me ajude a compreender as novas demandas da educação.

Balbino

Figura 2: Apresentação – Importância do tema

Em sequência, fiz a entrega do TCLE impresso, a leitura foi dividida e feita coletivamente, conversamos sobre os detalhes da pesquisa, informei que os encontros seriam fotografados e gravados e as dúvidas foram esclarecidas. Destaco que todos os termos estavam no gênero feminino com o masculino entre parênteses, por exemplo professoras(es), entretanto, todas as mulheres leram considerando o masculino, debatemos a respeito do empoderamento, de como aprendemos que quando há um homem muda para o masculino, ou seguimos pela maioria, foi curioso o estranhamento delas em relação aos termos e como estavam incomodadas em pronunciar no feminino, como se desconsiderassem os homens, assim, na fala priorizaram o gênero masculino. Acredito que esse tenha sido o primeiro alerta, a primeira semente plantada.

Logo após, foi realizada a oficina Balavras, mostrei três sites que trabalham com micro contos, sendo eles: a casa das mil portas, dois palitos e minicontos coloridos. Em seguida,

entreguei uma bala, em volta de seu embrulho havia uma palavra do contexto educacional, a partir dessa palavra produziram um microconto.

Ressalto a fala do Professor Belato, um senhor que foi professor por 39 anos e havia se aposentado recentemente, ele iniciou contando isso ao grupo que naturalmente realizou uma salva de palmas, de imediato fiquei surpresa e logo entendi a mensagem, como é difícil conseguir a aposentadoria, uma luta desgastante, como esse acontecimento é esperado e considerado de fato uma vitória, mesmo sendo um direito. Foi um momento marcante, a palavra que estava na bala dele era dedicação e a produção foi:



Figura 3: Microconto - Dedicção



Figura 4: Microconto - Educação

Assim como a Diretora Chris, que produziu a partir da palavra educação, a frase é comum, porém a justificativa foi inspiradora. Ela trabalha em uma escola de risco, lida com muitos problemas, entre eles, fortemente, o das drogas, disse que todos os dias transforma um pouquinho a vida de alguém, considera-se uma guerreira e muda vidas para melhor diariamente, emocionou o grupo com sua narrativa.

Após a produção, era o momento da reflexão, como essas já colocadas acima, cada uma comentava a respeito do que produziu ou sobre o que o vídeo abordava; também compartilhavam situações vividas, experiências, entre outras trocas que foram trazidas durante a roda de conversa. Esteve em evidência na discussão as implicações do acúmulo de função, nessa perspectiva tivemos a produção da Catarina, coordenadora pedagógica, em uma escola municipal de Piracicaba, que escreveu:



Figura 5: Microconto - Acúmulo de função

No encerramento, comentei como seriam os próximos encontros, o roteiro básico, informei as leituras e combinamos o melhor modo de encaminhar os textos, que foi acordado por *e-mail* e por *WhatsApp*, também foi solicitado que levassem uma foto do contexto escolar para o próximo encontro.

2ª parada

No 2º encontro, conforme combinado no primeiro, as participantes levaram uma foto. Na acolhida, recepcionamos duas novas integrantes, assim como retomamos o conteúdo anterior e partilhamos experiências que ocorreram durante a semana. Elas narraram situações que conseguiram relacionar com o cotidiano, por exemplo brinquedo de menino e de menina, os termos serem utilizados sempre no masculino, inclusive nos bilhetes para as responsáveis, já reconheceram o quanto estão mais atentas, conseguindo captar com facilidade e refletir sobre situações que acontecem “naturalmente” e a maneira que estão enraizadas em nós, mas que precisam ser repensadas e trabalhadas.

Em seguida, assistimos ao vídeo do canal do *YouTube*, Jout Jout Prazer, “Outros jeitos de usar a boca” vídeo sobre o livro *Outros Jeitos de Usar a Boca*, de Rupi Kaur. Em sequência, as fotos trazidas pelas participantes foram colocadas em carteiras e no apoio de giz da lousa (leveei algumas extras caso ocorresse algum imprevisto como a chegada das novas participantes), cada pessoa pegou uma foto sem ser a que levou e escreveu uma poesia a respeito

do que a imagem despertou relacionado com o cotidiano escolar, no final quem levou a foto pôde fotografar o que a colega produziu a respeito.

Todo início da reflexão abordava um comentário, poderia ser um destaque, a leitura de um trecho, algo relacionado com o texto da semana; nesse dia, a obra lida foi “Escola, gênero e gestão em ação: um estudo de caso em Portugal”, de Maria Custódia Jorge Rocha e Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo. Ainda na reflexão, as produções foram lidas e comentadas, a discussão abordou o vídeo, o texto, o material produzido, também relatos de situações vividas, entre outras trocas que foram trazidas durante a roda de conversa.

Elas comentaram bastante a respeito do incômodo ao ler o contexto histórico do texto e sentir tão presente a figura da mulher ligada à maternidade e como isso reverbera na educação, sobretudo no ensino infantil, foi um dos destaques mais mencionados, bem como a questão da docência como subemprego para que a mulher pudesse conciliar o trabalho, os afazeres domésticos e cuidados com os filhos e com o marido. Além disso, foi discutido a generalização, resultado dessa construção histórica, de que a mulher é mais emocional, sentimental, calma, e o homem sempre racional, severo, poderoso. Destaco duas produções desse encontro:



Figura 6: Poema – Professora



Figura 7: Poema - Ensino

A roda de conversa foi até o horário limite, encerrei com os informes para o próximo encontro porque já havia dado o horário mesmo, mas haveria assunto para mais algumas horas tranquilamente. O grupo era bem diversificado e isso ajudou muito, apesar da seriedade do tema foi um momento descontraído, leve, divertido, cada uma conseguiu expor determinadas práticas

sem ser julgada e saiu dali motivada a fazer diferente, em vista disso, é válido ressaltar que o estudo e o debate fazem sentido quando tomados a partir do afeto, do sentimento de pertencimento, os quais foram bem marcados e determinantes para a qualidade da construção do conhecimento coletivamente e produção do material empírico. Além disso, no encerramento também mencionei a próxima leitura e abri para sugestões de atividades, leituras, trocas de textos, indicação de livros, entre outros elementos pertinentes.

Na volta para casa, refleti sobre como os homens se sentiram um pouco incomodados com algumas falas e tentaram argumentar, obviamente tudo com muito respeito, assim como as mulheres confessaram pequenas atitudes que sabiam que não eram as mais adequadas, por exemplo, superproteger os filhos no sentido de privá-los de lavar uma louça, contudo, ao mesmo tempo, era mais fácil fazer daquela forma do que lidar com o desconforto que a mudança proporciona, mas senti todas dispostas a deixar o senso comum, a olhar por outro ponto de vista, determinadas a sair da zona de conforto e colocar em prática o que estava sendo debatido.

3ª parada

No 3º encontro, como nos anteriores, iniciamos pela acolhida, deixei algumas músicas tocando, do gênero Música Popular Brasileira (MPB), enquanto aguardava a chegada dos demais e organizava o material nas mesas, várias pessoas cantarolavam, era sempre divertido esse momento.

Na acolhida, as participantes comentaram que estavam muito cansadas, por demandas como as reuniões de pais, fechamento de diários de classe e demais atividades escolares que ocorreram durante a semana. Professor Belato, o aposentado, debochou, afetuosamente, por não ter nada para fazer e estar muito feliz com isso.

Em seguida, antes de abordar o conteúdo desse dia, preferi retomar pontos importantes do texto anterior, uma vez que, não deu tempo de fechar e destacar todos os tópicos relevantes na semana anterior, pois começaram a conversar, desabafar, compartilhar casos e experiências, obviamente tudo ligado a temática que estavam trabalhando, mas considerei pertinente fechar o texto anterior, até mesmo para valorizar a literatura lida.

Após esse momento, foi exibido o vídeo da semana intitulado “O melhor dicionário” sobre o livro Casa das Estrelas, de Javier Naranjo, do mesmo canal, que mostra como as crianças definem as coisas. Esse foi o dia dos verbetes, mostrei o Instagram do Akapoeta, que trabalha de forma talentosa com esse tipo de escrita, li alguns exemplos de verbetes produzidos pelo

João Doederlein, escritor dessa página, para inspirar as produções com a temática que envolve a pesquisa e o contexto educacional, falei um pouco sobre o autor e seu trabalho.

Preparei algumas palavras do cotidiano escolar, dobrei e coloquei em uma caixinha, cada participante pegou uma, ficou a critério delas produzirem com a palavra que sortearam ou escreverem a respeito de algum termo específico que preferissem, entretanto, todas utilizaram a palavra que pegaram para embasar a produção. Em conformidade com o que já havia sido levantado no primeiro encontro, alguns termos são fundamentais para os profissionais do campo educacional, especialmente entre docentes e gestores, sendo assim, duas das produções que tiveram destaque entre o grupo foram os verbetes embasados em resistência e dedicação, conforme segue:



Figura 9: Verbetes - Resistência



Figura 8: Verbetes - Dedicção

E a reflexão seguiu a mesma dinâmica das anteriores. O texto da semana foi “Processo de Trabalho na Escola: algumas categorias para análise”, de Álvaro Moreira Hypolito, narrei o meu percurso em relação à escolha do tema de pesquisa, como descrevi no início desse texto, ressaltai que foi especificamente esse artigo que provocou a reflexão referente à temática e iniciou todo esse processo de elaboração de projeto de pesquisa. O primeiro comentário sobre o texto foi o destaque exatamente da parte que me chamou atenção, quando o autor coloca a questão do gênero como algo prejudicial à categoria docente.

Em seguida, surgiu o assunto de direitos que estão sendo tomados, com ênfase foi abordada a questão da licença maternidade, como as empresas lidam com isso, como é o

pensamento do empregador, como os bebês têm sido “depositados” na creche cada vez com menos tempo de vida, a realidade dessas instituições no que diz respeito a espaço físico, recursos materiais e financeiros, quantidade e qualidade de profissionais, entre outros assuntos pertinentes ao estudo de gênero ligado à educação. E, de acordo com o grupo, nada disso pode ser considerado um erro, uma falha, tudo isso foi pensado e projetado dessa maneira, não são consequências não planejadas, é exatamente aquilo que se pretende.

Foram surgindo comentários dos mais variados, por exemplo como o sistema de fato engole a escola, ela está dentro, faz parte e dificilmente isso será mudado, visto que é como um ciclo vicioso. Também referente à política, no sentido de que devemos sim conversar e debater a respeito, argumentar, opinar, ler e conhecer o que está se passando, votar com consciência sem pegar um santinho qualquer do chão na porta das escolas. A grande maioria comentou a respeito do projeto escola sem partido e os motivos de o considerarem um absurdo.

Foi bastante marcada a situação da mulher frente ao mercado de trabalho, como o ingresso é mais tardio e a ligação desse “atraso” com os dilemas de gravidez na adolescência, como a sociedade direciona as mulheres com facilidade aos trabalhos domésticos ou profissões subalternas. Além disso, comentaram sobre a merenda escolar, de como a comida é jogada fora, porém, os professores não podem comer e muitos vão direto para outra escola e acabam não tendo tempo para se alimentarem, já no ensino infantil as docentes podem comer, pois estimulam as crianças a comerem, mas as funcionárias não podem, assim, todo o resto é jogado no lixo.

Outro ponto relevante debatido foi a exclusão das mulheres no esporte como um todo e como o esporte promove, de certa forma, essa exclusão quando se restringe a masculino e feminino. Foi citado o caso da Tiffany Abreu, jogadora de voleibol, que havia passado por esse constrangimento recentemente. Ela foi a primeira transexual a disputar uma partida oficial da Superliga, tudo pautado na literatura do encontro, questões muito pertinentes e bem colocadas.

Mais uma vez, terminamos o encontro porque deu o horário limite, mas havia assunto e disposição para falar mais horas e horas. Ainda assim, duas pessoas ficaram mais uns 15 minutos após o término contando como tem sido no trabalho delas, berçários lotados, poucos funcionários para atender todos os bebês e diversos enfrentamentos diários. Essas duas pessoas, um homem e uma mulher, enfatizaram a riqueza de ter homens no ensino infantil, como as crianças se reconhecem, se identificam, se sentem representadas, comentaram sobre a brincadeira de imitar e como os meninos se orgulham e se sentem representados dizendo “Eu sou o tio (nome do tio)”. E assim fomos para casa, com as cabeças refletindo diante daquela

diversidade de experiências, do exercício de ouvir a outra, de partilhar uma vivência e ser de fato ouvida.

4ª parada

No 4º encontro, como de costume, iniciamos pela acolhida, o grupo já estava bem unido. Perguntei como haviam passado a semana, começaram a compartilhar, quase todas falaram e a acolhida que costumava ter em média vinte minutos, durou quarenta, até porque fui finalizando para seguirmos o cronograma e não perdermos nenhuma atividade.

Durante a acolhida, chegaram duas novas pessoas trazidas pela minha orientadora que haviam lido sobre o curso em um jornal da cidade, acolhi rapidamente, no entanto disse que conversaria com elas e explicaria tudo com calma assim que começassem a escrita. Além disso, uma das primeiras falas entre o grupo foi que gostariam de confraternizar na próxima semana, que seria o último encontro, já era algo que eu pretendia combinar com elas, no entanto, partiu delas levarmos um prato de doce ou salgado, ou bebida para confraternizarmos na conclusão do curso.

Uma das narrativas foi relacionada ao Dia das crianças e aos presentes que estavam sendo preparados, elas questionaram os embrulhos azul para meninos e rosa para meninas, algumas conseguiram mudar essa prática na escola.

Um outro depoimento que marcou, envolvia algo semelhante, a Milena compartilhou conosco que havia encontrado um velho amigo na feira e que ele estava com um bebê, como estava vestido de rosa, ela disse “Que linda!”, entretanto os pais corrigiram dizendo, “Lindo”, pois era um menino, ela se despediu rapidamente, ficou constrangida, disse que defende tanto o estudo de gênero e acabou, numa situação casual, se deixando levar pelo estereótipo das cores. Mencionamos como precisamos nos policiar o tempo todo, estar atenta ao processo histórico-cultural, pois isso está enraizado em nós e leva tempo para mudar, para se tornar natural.

Além das cores, as narrativas foram marcadas fortemente por questões relacionadas à homossexualidade, como a escola e a família lidam com isso, foram compartilhadas diversas vivências, por exemplo, uma diretora emocionada compartilhou conosco que recebeu uma aluna autista de quatro anos que se identificava como menino, ia sempre com fantasias de personagens masculinos e a mãe lidava muito bem com isso e a apoiava, no Natal o “Papai Noel” daria bonecas às meninas e tratores aos meninos. A diretora preocupada ligou para essa mãe e disse que havia comprado um trator para sua filha, a mãe agradeceu e ficou muito emocionada pela consideração e cuidado para não constranger com um presente que não seria

do agrado daquela criança; assim como no final do ano é comum tirar fotos das crianças, meninas de princesa e meninos de príncipe, essa mesma criança tirou foto com roupa de princesa, porém, estava encantada com a vestimenta do príncipe, foi até a diretoria e disse que não haviam fotografado ela de príncipe, a diretora foi até o local, entregou a roupa que ela queria e pediu que fizessem as fotos dela vestida de príncipe, a criança ficou maravilhada.

Esse dia teve a acolhida mais longa entre os encontros, desde o início da formação foi marcado o estímulo para que contassem situações relacionadas ao trabalho, o processo de seleção e organização referente ao que era importante narrar foi se consolidando a cada dia, o que possibilitou e reforçou, conforme era nossa intenção, a identificação entre o grupo por meio da potência do ato de narrar. Foram diversas experiências partilhadas e narrativas vividas, de modo que foi possível perceber como elas haviam se apropriado desse recurso, as principais questões abordadas foram ligadas à homossexualidade, como as crianças tratam muito melhor essas situações do que os adultos, conversamos, ainda, a respeito da inclusão e das condições que os alunos são inseridos nas escolas, tanto no ensino público quanto no privado.

Em seguida, assistimos ao vídeo da semana “Antes de começar uma escola veja este vídeo” em que é apresentada a Escola Maria Teixeira pela Professora Silvana, uma unidade de zona rural sem fins lucrativos, situada no município de Luziânia-GO, que oferece, gratuitamente, Educação Especial, Ensino Fundamental, Educação Infantil, Estimulação Precoce e Educação de Jovens e Adultos. Assim que o vídeo terminou já queriam falar, mas primeiro produzimos e depois fizemos a reflexão como de costume. Nesse momento, conversei com as duas recém-chegadas, falei a respeito da pesquisa, entreguei o TCLE e tirei algumas dúvidas, pedi para lerem e assinarem se concordassem em fazer parte, coloquei-me à disposição para mais detalhes.

Após a produção das narrativas de experiências escolares relacionadas ao estudo de gênero, práticas como a apresentada no vídeo e questões levantadas pelo texto “Condutas Pedagógicas sobre as questões de Gênero na Escola”, de Elizabeth Vieira dos Santos Esplendor e Eliane Rose Maio Braga, demos início ao momento mais esperado: a reflexão coletiva.

A primeira fala foi do nosso amigo aposentado, sempre muito participativo, dizendo que considerava louvável a atitude da Professora Silvana do vídeo, porém discordava que devêssemos dar tanta importância a essas ações, atitudes heroínas isoladas, uma vez que é obrigação do Estado financiar e investir na educação, dessa forma devemos cobrar e não fazer por ele.

A fala foi rebatida quase por unanimidade no sentido de que sim, é obrigação do governo, entretanto, não dá para esperar de braços cruzados, as cobranças são feitas e as ações

também. Até porque a lâmpada queimada não pode esperar, o ventilador quebrado não pode ficar assim, a porta sem fechadura precisa de conserto, são situações cotidianas e imediatas e se essas pequenas questões simples não são resolvidas rapidamente imagina pedir brinquedo para as crianças, pedir um picolé ou coisa do tipo, referiam-se às atividades para o Dia das crianças que estavam desenvolvendo sem a ajuda do poder público, trabalhando com o que tinham em mãos e era possível realizar.

Várias falas foram nesse sentido, de que são heroínas, de que fazem muito com nada, vendem rifas, pizzas, sorvetes, desenvolvem várias festas e atividades para conseguir uma renda extra para investir na escola e nos alunos, assim como também contam com doações. Admiraram e reconheceram a importância de trabalhos como o apresentado no vídeo e que fazem muito parecido no dia a dia, deram exemplos de suas escolas. Algumas questões do texto também foram ressaltadas, por exemplo, relacionadas ao trabalho coletivo, ao trabalho de formiga mesmo, plantando sementes, tocando as pessoas e transformando pouco a pouco, ecoando para o coletivo as pequenas ações diárias. Essas produções representam sentimentos como esses mencionados:



Figura 10: Narrativa - Transformação

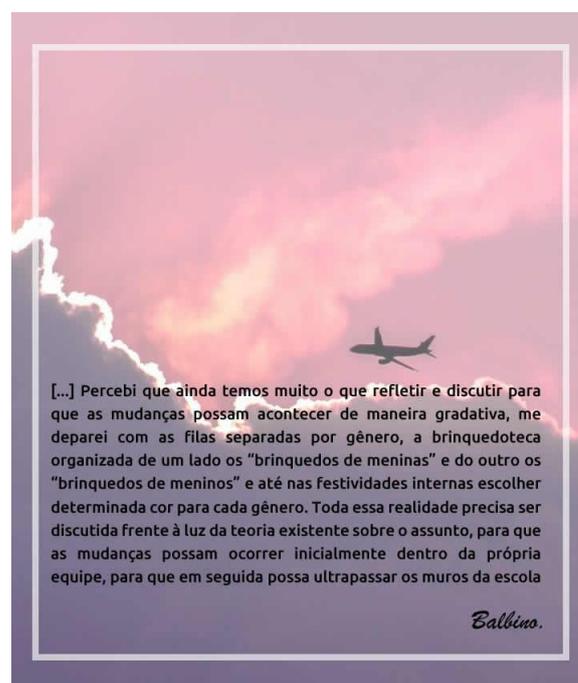


Figura 11: Narrativa - Brinquedos

No encerramento informei a próxima e última leitura. Todas já estavam bem sensíveis em relação ao término que ocorreu na semana seguinte.

5ª parada

No 5º encontro, como já era rotina, deixei algumas músicas tocando (MPB), várias pessoas cantando junto, já estávamos tocados com a saudade do curso e lamentando por ser o último encontro. Enquanto aguardava as demais colegas, organizava o material em algumas mesas e os pratos em outras, pois trouxeram bastante comida. Foi uma confraternização muito prazerosa.

Na acolhida, perguntei se queriam partilhar alguma situação que vivenciaram durante a semana ou se gostariam de compartilhar algo com o grupo. Uma das integrantes contou algo que comoveu bastante, ela trabalha em uma clínica médica, que possui diversos tipos de atendimentos e especialidades, durante a semana havia acontecido algo marcante, uma menina transgênero, pedindo para ser chamada pelo nome e pelos termos no masculino, gritava e chorava muito, precisou ser sedada. O menino estava com tudo encaminhado para fazer a mastectomia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tanto o psicólogo quanto o psiquiatra responsáveis pelo caso suspeitaram que ele possuía um grau de autismo, enquanto não houvesse o laudo não havia como autorizarem a cirurgia. Por isso, todo o constrangimento da situação, o menino não é aceito em casa, saiu para morar com uma amiga e estava com muito medo de que esse laudo impedisse a cirurgia, assim, provocando ainda mais enfrentamentos. Foi uma comoção geral, todos ficaram refletindo a respeito do caso compartilhado.

Fizemos o exercício de nos colocarmos no lugar das pessoas envolvidas e tentarmos entender os desafios postos diante desse caso, e como reagiríamos se fosse conosco. Ainda que acolhíamos tudo o que era partilhado, devido à carência de espaços como esse, era necessário manter o foco no coletivo e na temática proposta, pois um caso levava ao outro e a tendência era cair em desabafos, por isso, o tempo todo era preciso estar atenta aos direcionamentos para não perder o objetivo e o grupo.

Assistimos ao vídeo “O sininho da sororidade” que abordava o conceito de sororidade, e o último texto trabalhado foi “Trabalhadoras no Comando da Educação Institucional: perspectivas e representações de gênero para a direção escolar”, de Priscila Muniz Coutinho. A proposta de produção do dia foi uma carta para alguma diretora que elas recomendariam o curso, ou para alguma pessoa que precisaria ter feito essas leituras, essas reflexões e o motivo.

Durante a produção, começaram a dizer que enviariam ao Presidente Jair Messias Bolsonaro, à ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. Além disso, algo curioso foi que o Pedro perguntou a cidade da escola mencionada no vídeo do

encontro anterior para citar na carta e o fotógrafo respondeu antes de mim, ou seja, ele também estava acompanhando atentamente ao curso enquanto trabalhava.

As comidas ficaram postas sobre a mesa e conforme o encontro se desenvolvia as pessoas iam se servindo à vontade, em qualquer horário. Pediram uma foto do grupo e disseram que também estavam muito tristes com o término. Combinei com o fotógrafo como pegaria as fotos depois e o grupo logo pediu para eu compartilhar as fotos.

Fizemos a reflexão baseada no vídeo, no texto e nos relatos. Em relação ao texto, foi bastante criticado por várias pessoas do grupo, o que me deixou muito feliz, estavam fazendo uma leitura criteriosa, destacaram trechos que não concordaram ou que estavam sem fonte ou contexto, da mesma maneira que mencionaram o que gostaram, foi muito produtivo. Além disso, foi interessante ver os destaques e como eram os mesmos entre elas, “eu destaquei o trecho...” “Ah! Eu também”, e isso se repetiu inúmeras vezes. Como estavam brigando com as mesmas falas, como estava despertando um sentimento semelhante entre elas.

Também conversamos a respeito do preconceito dos homens no ensino infantil, como isso ainda é ligado ao maternal, como os pais já vão para escola com essa visão, com esse julgamento; havia algo no texto que mencionava essa tensão e foi debatido amplamente no grupo, inclusive com o relato do Gabriel, que trabalha com a educação infantil e já passou por diversas situações parecidas, conforme ele escreveu:



Figura 12: Carta – Construção social

Samantha e Gabriel trabalham juntos e narraram uma experiência relacionada à cor dos babadores, uma mãe foi reclamar que seu filho estava sendo motivo de chacota por usar um

babador rosa e as profissionais justificaram que a equipe era pequena e eram muitos bebês, acabavam colocando aleatoriamente. Entretanto, para evitar situações como essa foram evitando o uso e a compra dos babadores rosa, mas se acontecesse novamente eles estariam preparados e fariam um trabalho de conscientização, porém naquele momento não souberam lidar e tentaram resolver o questionamento da forma mais rápida.

Uma outra integrante do grupo contou algo parecido relacionado a uma aula de arte que envolvia um exercício com desenhos em papel cartão rosa e azul, um menino havia ficado com um cartão rosa e uma das meninas disse que ele era menina. A mãe do aluno foi reclamar, a diretora conversou e a fez entender que não era problema nenhum, bem como realizou um trabalho muito bonito de conscientização naquela sala e nas outras turmas do mesmo ano, nas quais a mesma atividade seria desenvolvida. Também narraram vários exemplos relacionados ao uso de camisa rosa por homens e meninos utilizando essa cor em desenhos, como eram criticados pela família e entre colegas.

Disseram que gostaram muito e que realmente queriam mais. Uma professora comentou que estava levando os textos para a diretora da unidade em que trabalha e compartilhavam com toda a equipe nas reuniões da escola. Ela disse que era o último encontro e diretora sentiu muito e pediu para fazer mais quando houvesse e sempre que possível levar outros textos importantes como aqueles para continuarem debatendo nas ATPCs. Em seguida, foi colocado por elas que toda diretora deveria realizar o curso, as reflexões, as leituras, assim como qualquer outra pessoa, pediram para eu convidá-las para qualificação e defesa, que iriam com cartaz e pompom, entramos na brincadeira de pompons coloridos, para não ter somente azul ou rosa. E ressaltaram o pedido para um grupo de estudos com essa temática.

Como o tempo já estava se esgotando, pedi para falarem do curso, como uma avaliação mesmo, o que poderiam sugerir para melhorar, o que marcou, o que não foi tão produtivo, entre outros aspectos que considerassem pertinentes. O primeiro apontamento que ouvi foi “Podia ser mais, né?”. Isso já encheu o meu coração de alegria e vieram outros comentários como “Se for fazer outro, chama a gente, por favor”, “Queremos continuação, parte 2”, “Que pena que terminou”. O que mais prevaleceu foi como saíram dessa formação sensíveis e atentas diante das situações que passavam despercebidas, destacaram a importância de estudarmos gênero, sobretudo na escola, mostrar que há outros caminhos, outras perspectivas, outras visões, que não precisa ser assim somente porque sempre foi dessa forma, a questão da naturalização de situações como essas e da resistência em relação às mudanças. Como a produção da Lu evidencia:

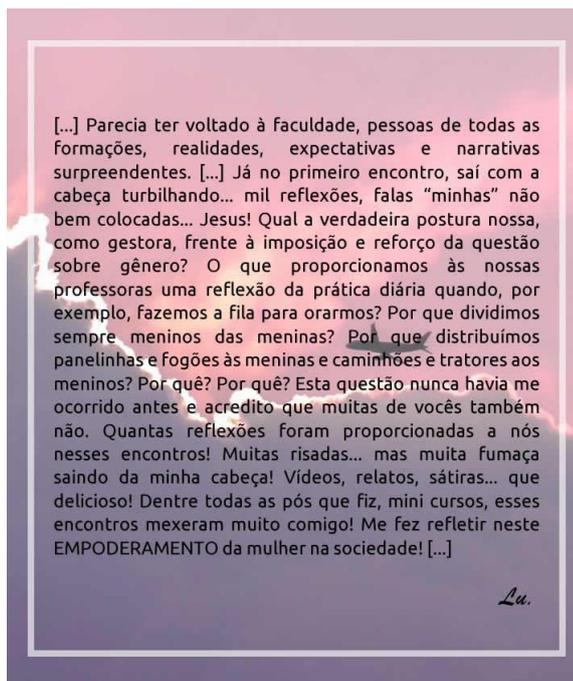


Figura 13: Carta - Reflexões

Também na avaliação as participantes falaram a respeito do curso como um todo, dos vídeos, textos, produções, reflexões, tudo que foi vivido e sentido. A única crítica construtiva foi o pedido de mais uma edição ou continuidade por meio de um grupo de pesquisa.

Agradei imensamente por tudo, principalmente por saírem de suas casas, deixarem família, trabalho e tudo mais, mesmo cansadas estavam presentes, realizavam as leituras e as atividades com muita seriedade e dedicação, enfatizei que elas eram as protagonistas da pesquisa e disse o quanto eu estava feliz com esse trabalho. A maioria fez questão de dar um abraço ou me cumprimentar antes de ir embora e agradecer individualmente.

3.3 Bagagem cultural após aterrissar

Desde a organização prévia para a realização do curso, os encontros em si, todas as produções, as rodas de conversas, todo o conjunto que envolveu o grupo focal foi um processo formativo, cada detalhe contribuiu para a construção da materialização das minhas expectativas, hipóteses antes e depois do curso. Primeiramente, eu não esperava a participação de outro gênero a não ser o feminino, pois os temas relacionados a gênero ainda são silenciados e com uma sociedade machista isso se reforça. Foi uma surpresa saber que três homens estavam interessados em estudar e debater a temática.

O gênero masculino também contribuiu, como eles lidavam e compartilhavam vivências fez diferença, especialmente ouvir que os homens passam por situações desconfortáveis no ensino infantil, algo que eu não tinha parado para pensar a respeito com tanta profundidade. Sendo assim, o mesmo conceito machista estruturado que coloca a mulher como cuidadora, que associa a docência à maternidade, também julga o homem como incapaz de cuidar, como uma figura negativa que, muitas vezes, é considerada mais predisposta a abusar de uma criança, por exemplo, do que uma mulher.

Em relação aos encontros, no primeiro dia ainda estavam um tanto tímidas, o vínculo foi se acentuando a cada encontro, a partir do segundo já brincavam entre si, os debates apesar de fundamentados com assuntos sérios eram descontraídos, leves. O respeito, o apoio, o olhar, o acolhimento em ouvir e compartilhar narrativas foi expressivo. Nos primeiros dias nem todas gostavam de ler a sua produção, as vezes só faziam comentários sobre o vídeo ou sobre o texto e nos encontros seguintes já era natural, todas liam sem timidez, faziam questão de partilhar.

A cada encontro era como se precisássemos de mais tempo, sempre havia algo a mais para ser compartilhado, foram se apropriando desse momento de narrar os acontecimentos da semana relacionados à temática de uma forma muito produtiva, sobretudo em relação à prática, a aplicações possíveis, a exemplos reais e contextualizados, foi uma troca muito rica e potente.

A título de exemplo, o grupo de *WhatsApp* inicialmente foi criado com o intuito de enviar os textos, tirar dúvidas, comunicar avisos, lembretes, diversos tópicos breves, contudo, mesmo que não havia sido planejado, algumas conversas se transformaram em material empírico, pois foi estabelecido como hábito, prática desse grupo, compartilhar reflexões dos encontros que perduravam ao longo da semana, assim como sentimentos e opiniões que despertavam durante as leituras, esse uso singular desse meio de comunicação, era como um efeito que se fortalecia além do encontro presencial e que também acabou se caracterizando como material a ser analisado.

Essa aproximação alicerça a ideia de grupo focal, pois “[...] a intimidade entre os sujeitos participantes cria uma atmosfera natural, humanizada, que estimula a participação e leva a uma teia de relação que se aproxima à trama das relações em que o sujeito se expressa em sua vida cotidiana” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 87). Os momentos de debate e reflexão, muitas vezes, viraram terapia coletiva, uma conversa levava a outra e assim sucessivamente.

Diante disso, ficou nítida a carência de espaços para discussão e apoio mútuo sobre o trabalho da equipe gestora em suas muitas possibilidades. No último dia, nos agradecimentos, isso foi algo muito presente, como elas sentem falta de falar e ser ouvida, assim como de ouvir

e ajudar as colegas, evidenciaram a necessidade e a importância de se possibilitar espaços e oportunidades como as que tiveram ali.

Em todas as oficinas realizadas ao longo da formação era parte da nossa intencionalidade provocar uma escrita sensível, criativa, para que a produção não fosse apenas uma atividade pontual do curso, mas sim uma marca daquele encontro, do que foi debatido, assistido, lido, refletido. Entendemos que discutir verbalmente tem suas relevantes contribuições, no entanto, o nosso objetivo não seria atingido de forma intensa se utilizássemos somente esse método, nós buscamos possibilitar a entrega de sentimentos e sensações às palavras, a importância singular daquela vivência que escolheram para registrar.

Diante do exposto, o material empírico produzido ao longo do curso é a base de análise da pesquisa, em vista disso, foi fundamental a construção de um inventário para organizar e possibilitar a seleção das produções mais potentes, de acordo com as categorias que serão investigadas posteriormente.

Sendo o volume de produções considerável, esse procedimento tem por objetivo, sobretudo, articular o material empírico ao processo de análise, de forma que valorize o método de trabalho, o contexto em que foi produzido e a intenção de cada sujeito, isto posto, o inventário foi constituído por 100 produções escritas, 177 fotos e 5 áudios. Conforme evidencia a Tabela 3 abaixo:

Tabela 3: inventário

OCASIÃO	MATERIAL	QUANTIDADE
1º Encontro	Micro contos	34
2º Encontro	Poemas	19
3º Encontro	Verbetes	15
4º Encontro	Narrativas	17
5º Encontro	Cartas	15
5 Encontros	Fotos	177
5 Encontros	Áudios	5

Fonte: elaboração própria.

Ao longo dos encontros, consideramos a roda de conversa a melhor organização física para o que pretendíamos, uma vez que o curso era composto por sujeitos atuantes, essa estrutura em formato de semicírculo possibilita que todos se vejam, se acolham, se encontrem no olhar, na expressão e na fala do outro, o propósito não era ter alguém à frente, mas que todos pudessem se expressar de modo espontâneo, bem como se reconhecer como condutor, essa prática

dialógica foi determinante na sensibilidade e na essência da produção de conhecimento coletivo e contextualizado.

No último dia, algo que me marcou foi quando todos saíram e precisei voltar as carteiras ao padrão de sala de aula já que não usaríamos mais, trabalhamos com o formato de semicírculo em todos os encontros. Isso doeu em mim, enquanto eu erguia cada carteira eu pensava na pessoa que estava ali, como eu aprendi com ela e como aquele padrão que eu estava voltando ao lugar oprime e priva as pessoas de viverem experiências como aquelas que eu vivi ali, naquela mesma sala, naquelas carteiras e cadeiras.

Fechei a porta e saí caminhando e refletindo, sentindo um misto de sentimentos e sensações como paz, felicidade, amor, gratidão, sobretudo, esperança. Naquele momento já senti saudade dos textos, das reflexões, das narrativas, das experiências, das vivências, das pessoas e de todo sentimento que esse curso despertou em mim.

Acredito que assim como eu, essas profissionais da educação também terminaram o curso entendendo a importância de escrever e compartilhar narrativas, como isso de fato é atitude formativa. Nós precisamos das profissionais da educação para a realização da pesquisa, igualmente contribuimos com as proposições e toda a amplitude que a formação possibilitou. Foi formativo para o fotógrafo, para mim, para o grupo, para todos que puderam participar.

É válido reforçar a necessidade de estudos como esse, de permitir que as análises e as reflexões dialoguem com o mundo, nesse caso, ocorreram por meio das protagonistas da pesquisa. O conhecimento foi construído conjuntamente, não foi apresentado algo pronto, à medida que as narrativas foram surgindo a construção da ideia se formava também. É essencial ouvir o outro, aquele que vive o que está sendo falado e estudado, mudar a concepção de dominante do conhecimento, debater de igual para igual e produzir junto, em diálogo, desse modo, promovemos uma transformação e contribuimos com a sociedade.

Dado que a educação é um processo de emancipação, inspirar novas práticas é fundamental para possibilitar a circulação do conhecimento, a mudança efetiva foi *in loco*, no entanto, objetivando provocar o efeito multiplicador. É a instituição cumprindo sua função social, por meio da Extensão, colocando-se a serviço da comunidade, respeitando os três pilares - Ensino, Pesquisa e Extensão - que a constitui e a difere como uma Universidade.

Como é possível identificar nas produções realizadas, as participantes terminaram a formação mais sensíveis em relação a aspectos que são culturais, entretanto, isso não os caracteriza como imutáveis. Dessa maneira, passaram a perceber com facilidade o que é considerado normal, todavia reforça a desigualdade, e refletir a respeito dessas situações que

mesmo, muitas vezes, sendo mais “fáceis”, não são as mais adequadas, principalmente no âmbito educacional.

Entendemos que é possível que a mudança gere certo desconforto no início, porém plantará sementes, tocará as pessoas, pouco a pouco desconstruirá a naturalização de conceitos do senso comum que evidenciam, por exemplo a sobrecarga da mulher como algo belo ou a superioridade do homem como algo honesto, e provocará a ressignificação dessas concepções objetivando a igualdade, o respeito, a justiça.

4. COGNIÇÃO DAS ENGRENAGENS

Um pedacinho do céu com o pé na terra

Há turbulência quando tem mudança brusca na pressão do ar, na temperatura, ou na velocidade se a oscilação for branda não abalará a serenidade.

Experimenta deixar os alunos numa tarde de 40° sem ventilador, ar-condicionado nem adianta cogitar, certamente será um bom simulador; tente ensinar o conteúdo de cinco aulas em apenas uma, são bons exemplos de turbulências, assuma.

No céu, nós temos chuvas, trovoadas, ventos e tempestades que balançam o avião; na escola nós temos acúmulo de função, falta de recursos, infraestrutura e inclusão.

Mudando um pouco os ventos, vamos olhar para outros elementos.

O estudo e a formação promovem reflexão e ensinamentos, é preciso valorizar e assegurar a interação nesses momentos.

O trabalho coletivo fortalece a união e o respeito na comunidade, assim como o feminismo esclarece e defende a sororidade.

O diálogo e o consenso evidenciam a democracia, não cabe a equipe diretiva somente a burocracia.

As práticas pedagógicas materializam a literatura e a pesquisa, algumas são tão fáceis como encontrar paródias da Monalisa.

Do mesmo modo que a paródia precisa da referência para ter sentido, as práticas articulam um propósito para ser repercutido.

Lutamos por uma escola sem preconceito, que promova a diversidade; sem conflito por cores, sem violência, que acolha a pluralidade.

É importante sonhar, idealizar e planejar, no entanto sem os pés do chão retirar.

É preciso aproveitar os recursos que possuímos, sem deixar de reivindicar os direitos que adquirimos.

É essencial nos unir para que juntas possamos resistir.

Conforme consta no inventário, o volume de material empírico produzido ao longo do curso de extensão é expressivo, entretanto, para a análise foram selecionados como base apenas os registros escritos produzidos, pois analisar as fotos, as transcrições dos áudios e as interações no grupo de *WhatsApp* seriam inviáveis pelo tempo restrito do mestrado.

Sendo assim, a análise foi dividida em três eixos, com o intuito de sintetizar com qualidade os destaques das produções desenvolvidas. É importante ressaltar o termo produção, pois isso faz parte da nossa concepção de grupo focal, uma vez que o material para análise não foi coletado como algo que já estivesse pronto, visto que de fato não estava, ele foi construído pela pesquisa.

Os eixos de análise estão divididos da seguinte maneira: *Turbulências* representa nossas lutas e angústias diárias, mas que são abordadas de forma acolhedora; *Trabalho coletivo* enfatiza como é potente trabalhar em conjunto, priorizando o diálogo; *Práticas pedagógicas* é a prática da construção coletiva de saberes, realizar tudo aquilo que lemos, estudamos e acreditamos, com o intuito de unir a teoria à prática novamente.

As produções estão na cor lilás, alinhadas à direita, com fonte diferente para facilitar a identificação. A cor foi escolhida pois esse tom de roxo representa o movimento feminista, a luta por igualdade, visto que simboliza a união do azul com o rosa.

4.1 Turbulências

Lecionar: palavra que parece antiga, que não se encaixa mais na nossa realidade... Que quando penso que ensino, entendo que ainda há muito a aprender, exatamente com quem tive a pretensão de "ensinar".

Samantha, professora de uma escola municipal.

Esta categoria de análise reforça que precisamos sempre lembrar o motivo de termos começado a nossa jornada na educação, muitas situações cotidianas que vão contra os nossos princípios desanimam, sugam nossa energia, porém é necessário relembrar o que nos motivou a entrar nessa área e lutar por isso. Sendo assim, neste eixo de investigação, reunimos as produções que apresentam importantes referências no tocante às lutas e às angústias, articuladas às subjetividades e às diferenças relacionadas ao estudo de gênero, presentes no dia a dia do contexto escolar.

Com essas produções escolhidas, temos o intuito de revelar como o estudo de gênero se anuncia na educação, a partir da interpretação das turbulências e dos enfrentamentos diários expostos. Isto posto, Samantha, no terceiro encontro, apresentou uma reflexão importante, em seu verbete que inicia este item, sob a perspectiva de aprendermos com as mesmas pessoas que é nosso dever ensinar.

No trecho em que ela explica lecionar como “palavra que parece antiga, que não se encaixa mais na nossa realidade...” essas reticências não são infundadas, há sentido e propósito de estarem exatamente onde estão; há uma interpretação subentendida de angústia, de tristeza, um respirar, foi necessário tomar fôlego para terminar a escrita, pois é muito triste ver a educação distante da realidade. Mas, ao mesmo tempo, ela termina de forma otimista, porque há quem não tenha desistido da educação, como todas que estavam ali.

Dessa maneira, ela passa uma mensagem de que ainda há esperança, há no que acreditar, no que se amparar para continuar a lutar, a ensinar, a educar, ressaltando o poder do conhecimento. Da mesma forma, evidencia a necessidade de nos colocarmos em situação de aprendizagem, para poder alcançar o desenvolvimento humano fundamentado por Vigotski. As participantes do curso estavam lá para aprender, inicialmente, comigo, mas, além disso, aprenderam umas com as outras e eu com elas.

No estudo e pesquisa sobre grupo focal, antes de iniciar a formação, bem como instruída pela minha orientadora, soube que o aprendizado se relaciona também com a organização do espaço. Sendo assim, destacamos a importância da disposição das cadeiras para promover a interação, quando todas podem se olhar e o lugar de fala não tem uma pessoa específica no poder todas podem falar, o espaço e a voz pertenceram ao coletivo.

Essa prática de utilizar o círculo na formação, de falar e ouvir uns aos outros, também é apropriada para a sala de aula, na relação com os educandos. De acordo com hooks (2013, p. 247), “A mera experiência física de ouvir, de escutar com atenção cada voz em particular, fortalece nossa capacidade de aprender juntos”. Pode ser uma leitura curta e rápida, uma narrativa corriqueira, o importante é que a presença seja reconhecida. Roberta expressa em seu poema um sentimento semelhante ao que se pretende com tal prática:

Quantos olhares!
Olhar de desejo,
Olhar de medo,
Olhar de coragem,
Olhar de incentivo,
Olhar de apoio?

Vejo triângulos, retângulos, losangos...
 Vejo também círculos?
 Ah! Estes círculos...
 Círculos da superação, da coragem, da descoberta...
 Me conheço, sinto, vivo!
 E assim aprendo!

Roberta, coordenadora pedagógica da rede privada.

Sendo assim, não foi uma escolha aleatória utilizar o semicírculo, o ideal seria o círculo, porém dificultaria a visualização do projetor para assistir aos vídeos e às outras atividades que precisaram desse suporte. Em razão disso, o mais viável foi o semicírculo, de maneira que todas puderam se olhar, ouvir atentamente, observar as expressões, os gestos, os olhares, e entender que o corpo também fala; era o momento de aprender, compreender, acolher, sentir e ajudar. Por isso, a importância dessa prática também com os discentes, em harmonia com hooks (2013, p. 247),

Ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros. Esse momento de participação e diálogo coletivo significa que os alunos e o professor respeitam – e invoco aqui o significado originário da palavra, “olham para” – uns aos outros, efetuam atos de mútuo reconhecimento e não falam somente com o professor. A partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado. Esses momentos narrativos, são, em geral, o espaço onde se rompe o pressuposto de que todos nós partilhamos as mesmas origens de classe e os mesmos pontos de vista.

Partilhar vivências e narrar experiências pessoais é formador e formativo simultaneamente, o ambiente e o cotidiano escolar podem proporcionar isso. Além disso, criar vínculos, tornar o espaço acolhedor, confortável e seguro reflete na qualidade do trabalho das pessoas e no aprendizado dos educandos. Érica em seu micro conto demonstra o sentimento de estar completa, sentir-se realizada em sua profissão; o conhecimento e a convivência nutrem a alma, quando ela diz:

A escola fecha após vazia e em casa a alma está cheia.
Érica, diretora de uma escola municipal.

Essa escrita reforça o preenchimento do vazio que a escola proporciona, os discentes, docentes, colaboradores, equipe diretiva, essas pessoas dão vida a instituição. Ainda nessa perspectiva do quão a escola é potente, considerando que é um lugar intimamente ligado à educação e à formação do sujeito, uma outra escrita que se destacou, logo no primeiro dia do curso, foi o micro conto que a Chris produziu:

A educação transforma vidas.

Chris, diretora de uma escola municipal.

Aparentemente é uma frase simples e clichê, mas se pararmos para pensar quantas pessoas a educação salvou, tirou das drogas e da violência, a escrita ganha vida. Nosso saudoso Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, afirmou “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (1987, p. 87), assim, a escrita dessa diretora, que dialoga com a Educação de Freire, representa a realidade cotidiana do chão da escola, a educação que salva e liberta.

Em conformidade com a concepção de que a educação transforma vidas e consequentemente provoca uma transformação social, temos o verbete sobre dedicação, escrito no terceiro encontro pela Roberta. Algo que também dialoga com os conceitos social e cultural de Vigotski, pois essa apropriação social reflete na constituição da cultura. Sendo assim,

Dedicação: é quando acredito na educação. Educação como forma de transformação social. Quando, mesmo cansada, acolho aquele olhar pedindo socorro... É quando tenho forças e esperança para acreditar que a educação é possível e real mesmo num mundo tão desigual.

Roberta, coordenadora pedagógica da rede privada.

A passagem “É quando tenho forças e esperança para acreditar que a educação é possível e real mesmo num mundo tão desigual.” também está estreitamente relacionada ao que Freire nos ensinou, no livro *Pedagogia da Esperança*, quando utiliza *esperançar* como um verbo:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 2014, p. 110).

Essa é a educação que transforma e que nós acreditamos e defendemos. A prática presente na citação foi algo marcante nos relatos do grupo focal, no tópico 4.3, que possui como núcleo as práticas pedagógicas, esse contexto aparece de forma detalhada. O saber construído coletivamente indicou caminhos de ações simples que podem ser realizadas no chão da escola, que promovam a igualdade de gênero e o respeito a diversidade.

Ao longo do curso, ocorreram debates e escritas que não faziam parte dos conteúdos previstos, pois não eram especificamente relacionados ao tema principal que é o estudo de

gênero, no entanto não foi possível deixar de acolher alguns pela importância e necessidade que possuem.

Em face do exposto, foram abordadas questões que envolvem acessibilidade e inclusão nas escolas, tanto no contexto público como privado, também foi ressaltado a forma como essas temáticas são camufladas em muitas unidades; faltam recursos materiais, estruturais, apoio de profissionais especializados e outros elementos que propagam a exclusão. Patrícia enfatizou questões relacionadas a essa temática em sua produção do micro conto:

João é cadeirante. Resolveu ir ao cinema. Voltou. No ônibus não havia acessibilidade.

Patrícia, professora de sociologia.

Nessa produção foi colocado um exemplo que faz parte da rotina, um programa simples para a maioria das pessoas que acaba sendo uma grande dificuldade para quem precisa de algum recurso diferente. Ainda que não fosse um objetivo específico da formação refletir e considerar temas como esse, dar visibilidade e colocá-los nesta escrita é representativo. Isto posto, de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 75),

Boa parte de nossa sociedade está, o tempo todo, mostrando para as pessoas “diferentes” que elas são indesejadas ou que não há lugar para elas em nosso mundo. Se acreditamos que uma escola inclusiva é aquela em que são dadas oportunidades iguais para os mais diversos estudantes e que a educação é um direito que possibilita acesso a outros direitos, como evitar os processos de exclusão escolar? O que a escola pode fazer para garantir o direito à educação para todas e todos?

Compreendemos que não há um modelo único e pronto para se tornar uma escola inclusiva rapidamente. É algo processual, contínuo, gradativo, que se constrói todos os dias, dentro e fora da sala de aula, é importante que isso seja trabalhado na classe tanto quanto nos espaços coletivos.

Há duas produções da Luíza que são direcionadas à temática da inclusão. Iniciando pela narrativa que reflete uma realidade muito comum nas unidades escolares e reforça que a ação é necessária; a mudança na atitude, nos discursos, nos documentos oficiais, para que essas questões saiam do papel e sejam colocadas em prática. Ela compartilhou a sua vivência conosco da seguinte forma:

Trabalhei por 2 anos com um aluno autista, durante o 2º e o 3º ano do fundamental I. E ele sentia tantas necessidades que precisavam ser supridas e a escola nunca tentava nada, era como se ele fosse um peso que estava ali pela obrigação de aceitá-lo. Vendo o vídeo

sobre a escola Maria Teixeira e o cordão que colocam para o aluno autista, percebi a diferença entre o querer aceitar e a obrigação do aceitar. Me lembrando que meu aluno tinha tanta necessidade em sair após as atividades e a escola dizia que ele fora da sala apenas atrapalhava os outros alunos. Até quando as escolas vão fingir que ali é uma escola inclusiva? Porque fazer é muito mais do que falar. Tendo sido a inclusão desse aluno que me fez questionar a gestão e que acabou acarretando o meu desligamento da empresa (empresa porque acho que não merece o termo escola). Afinal a educação nas escolas virou apenas um meio de lucrar? Aonde fica o amor e a aceitação pelas diferenças? A inclusão é um direito de todos, mas é dever da escola encontrar formas para que a inclusão aconteça de forma plena.

Luíza, pedagoga.

A narrativa diz respeito a uma escola privada, no entanto, ao longo do debate, a realidade da rede pública e da privada ficaram bem próximas, sobretudo no que concerne às unidades não terem condições de incluir de fato. Matriculam, mas não conseguem desenvolver um trabalho que promova uma educação humanizada, seja por falta de profissionais especializados ou infraestrutura precária que não atende o que é preciso.

Já em sua carta, há um trecho em que Luíza indica a formação para a diretora da escola em que ela trabalhava e que ocorreu o caso narrado na produção anterior. Há um sentimento de decepção presente em sua escrita:

[...] Estou lhe indicando este curso pois você sempre teve uma resistência em aceitar as pessoas que não estão no padrão imposto pela sociedade, como aconteceu com o nosso aluno autista, que por não tentar sua inclusão e adaptação da escola para ele (pois não é o contrário que deve acontecer), talvez com esse curso você possa enxergar que um gestor deve aceitar as pessoas como são, e fazer com que o ambiente e os profissionais o aceitem também [...].

Luíza, pedagoga.

Em relação a essa temática, principalmente sobre a aceitação, foi refletido sobre o cuidado, a preocupação e o comprometimento ser maior por parte dos docentes do que por parte da equipe diretiva, algo que dificulta muito ao solicitar recursos específicos que o educando precisa para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Em seu micro conto, Luíza ressalta nossa luta diária e que o aprendizado em cada fase do percurso é tão importante quanto atingir o objetivo, nas palavras dela:

Todos os dias lutamos por algo e aprender nessas batalhas é o que nos faz vencer.

Luíza, pedagoga.

Além da aprendizagem no contexto coletivo que debates como esse proporcionam, é preciso considerar que cada pessoa carrega seu próprio universo, a escola lida com muitos universos diferentes, os conceitos de Vigotski representam isso, é aquilo que é o meu natural chocando com o natural do outro. Cada pessoa tem a sua vivência, mesmo que a situação vivida seja exatamente igual, o sentimento gerado em cada ser será diferente; é uma mistura da concepção singular dos aspectos social, cultural incorporado à influência do meio que constituem o ser, e diante da realidade produzem um sentido próprio, isso sempre deve ser respeitado.

O ambiente escolar precisa ser acolhedor, a pedagoga Julia, em seu poema, reforçou essa ideia:

Acolher para colher
 Colher para frutificar
 Frutificar para ver o
 Embelezar do Educar
 Julia, pedagoga.

Da mesma forma que a acolhida humana é essencial, a escola também precisa estar preparada no campo estrutural, material e de formação para receber os alunos diferentes e conseguir alcançar o “embelezar do educar”. Assuntos como a inclusão e a desigualdade de gênero precisam estar nos planejamentos pedagógicos e nos documentos oficiais da escola. De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 79),

Todas/os podem ser aliadas/os no projeto escolar de inclusão e subsidiar as intervenções pedagógicas das/os educadoras/es. Pesquisas, rodas de conversa, debates, palestras e mediações de conflitos que girem em torno da temática de gênero devem sempre compor o planejamento anual de atividades em todas as disciplinas, e ações para a superação das desigualdades de gênero não podem faltar no projeto político pedagógico. Uma escola acolhedora das diferenças e que lute para combater as desigualdades de gênero precisa mostrar claramente essa intenção pedagógica.

Isso precisa estar nos documentos para poder ser cobrado, para facilitar a prática, para mostrar o interesse da unidade em se comprometer com essas questões, uma vez que ensinar é um ato de amor e o propósito é ensinar independente das diferenças de quem irá aprender. O verbete da Helena retrata o processo de alfabetização e de ensino do seguinte modo:

Alfabetização: é enxergar o mundo de uma outra forma, é se tornar livre, independente, é se expressar através de palavras. É dizer algo mesmo sem dizer uma palavra, é valorizar, se entregar na escrita, na leitura. Tem o poder de mudar o mundo. É direito de todos seja criança, jovem, adulto ou idoso. Se tornar alfabetizado é se tornar dono de si mesmo. É um ato de amor por aqueles que estão aprendendo.

Helena, coordenadora de uma escola de educação infantil.

A escola deve respeitar a diversidade, ser plural, isso interfere no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. No contexto atual, há pessoas de todos os meios dizendo o que a professora deve ou não fazer, o que deve ou não ensinar, quais livros ou materiais utilizar, uma censura ora velada ora escancarada, o que reflete na desconsideração em relação a formação docente.

Devemos estar dispostos a ouvir, a colocar novos pensamentos em prática, no entanto, estar atentos aos discursos que tem o intuito de apenas desvalorizar o trabalho docente, reforçando a culpabilização da professora. O poema da Samantha reflete essas intromissões que, muitas vezes, atrapalham a rotina escolar.

A escola é o mundo...
O pátio, nosso país...
Os corredores, nossa comunidade...
E a sala de aula, nossa casa.

Nestes espaços convivemos, aprendemos, descobrimos quem somos, discutimos, nos entendemos, criamos afetos, desafetos, reconciliações e até podemos encontrar amores...

Mas agora querem nos dizer que nada disso é bom na escola...
fazer pensar, refletir, se descobrir e assim descobrir o outro tem sido julgado como inadequado

O mundo cabe na escola, mas é tanta indagação que eu nem consigo pensar o que pretendem deixar para o mundo, nem terminar esta escrita...

Samantha, professora de uma escola municipal.

Para finalizar esse eixo de investigação de maneira mais leve, para suavizar as turbulências cotidianas, compartilho duas pequenas coletâneas. A primeira deixando um rastro de amor com alguns micro contos, produções do primeiro dia de curso, das participantes:

Marcela com o vocábulo infraestrutura, Milena com a palavra alfabetização, Balbino com o termo ensino superior e Rosecler com a palavra amor.

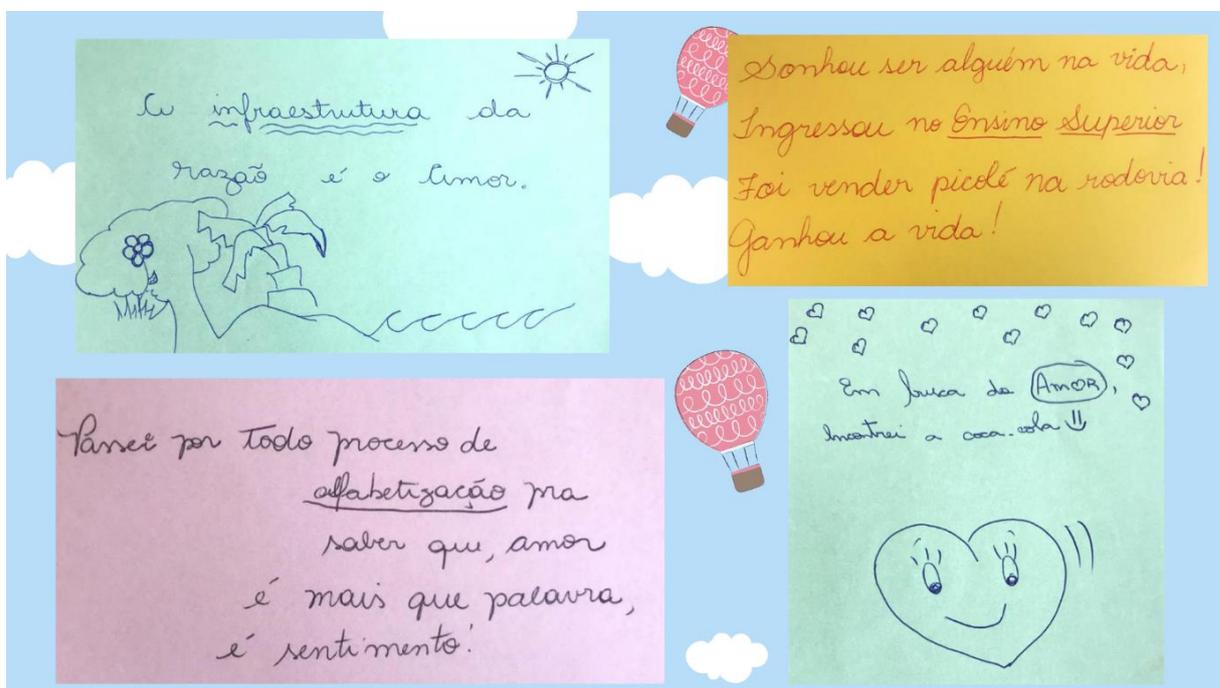


Figura 14: Coletânea com amor

E por fim, apresento esse pequeno acervo recheado de humor, são três micro contos e um verbete, sendo os micro contos de autoria da Samantha com a palavra intervalo, Gabriel com o vocábulo esperança, Márcia com o termo trabalho em grupo e sala dos professores no verbete. Sentimentos como amor e humor fazem parte do cotidiano escolar, assim como tantas outras emoções, a rotina não precisa ser intolerante e inflexível, somos nós quem a fazemos.

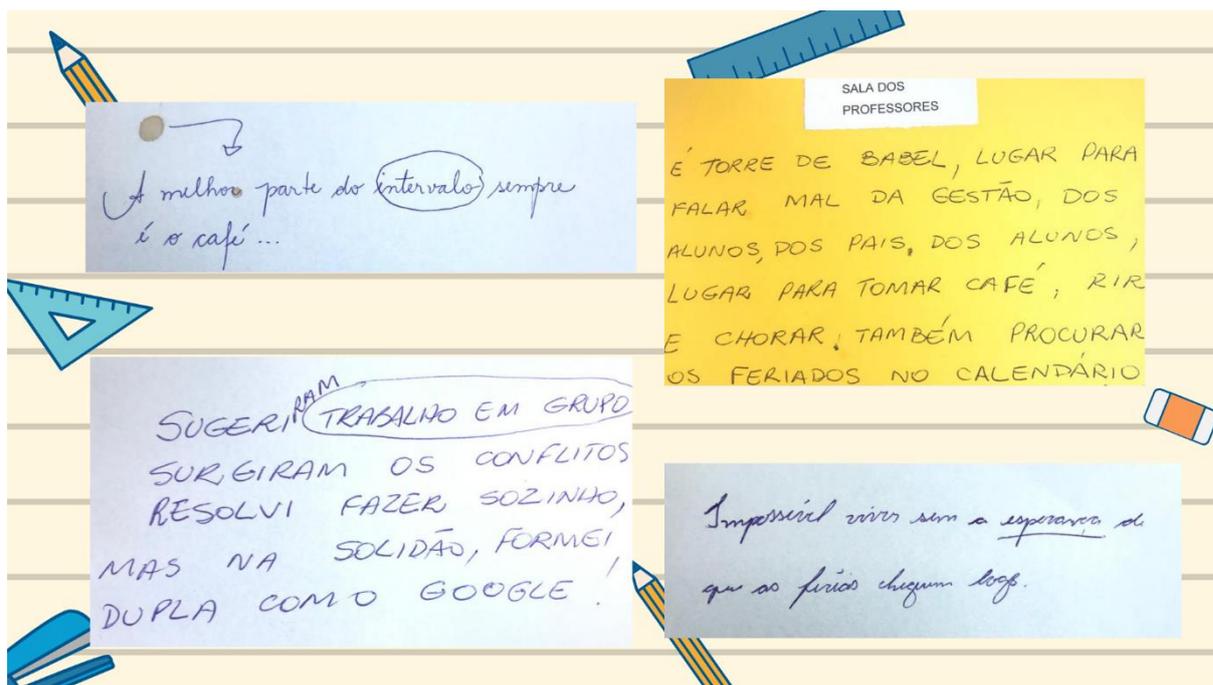


Figura 15: Coletânea com humor

Perante o exposto, nesta categoria, observamos que o estudo de gênero na educação, a partir desse contexto turbulento, cercado por conflitos e batalhas, como foi apresentado nas produções antepostas, é fundamental para desmistificar as condições culturais impostas.

A título de exemplo, a contradição entre a teoria e a prática que não é verdadeira; a afirmação equivocada da figura da professora apenas como cuidadora ou como transmissora de conhecimento; a escola, por meio da educação, pode promover uma transformação social, é preciso não silenciar diante dos embates, como o tema do estudo de gênero, e incentivar a igualdade, o respeito, a tolerância.

4.2 Trabalho coletivo

Formação docente: conjunto de teorias desconectadas do real contexto escolar atual. Lugar onde a teoria e a prática raramente se encontram.

Balbino, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Este eixo de investigação ressalta a potência de trabalhar em conjunto, de promover práticas coletivas tendo como alicerce o diálogo, sobretudo no campo do estudo de gênero na educação. O conjunto de registros que constituem esta categoria expressam reflexões marcantes

relacionadas ao exercício de perceber a si mesma, visto que, por meio da formação coletiva é possível sensibilizar. Sendo assim, no momento em que o entendimento se transforma, um novo significado é construído, isso se reflete na prática.

Com base nas produções escolhidas pretendemos indicar, a partir do contexto do estudo de gênero no chão da escola, as particularidades vinculadas ao tema que atravessam, especialmente, a dimensão da coletividade. À vista disso, o primeiro registro apresenta a percepção de que a teoria e a prática se tornaram incompatíveis, algo que é muito marcado na fala de profissionais da educação. Balbino reflete isso em sua produção de micro conto ao descrever formação docente. O cotidiano escolar tem sido cada vez mais invadido por burocracia, papéis, relatórios, controle de todas as formas.

Em harmonia com o que foi posto, a Catarina, em seu micro conto, revela as marcas desse acúmulo de função:

Tenho tantos sonhos e objetivos na gestão (coordenação), mas o acúmulo de função faz com que eu encontre alguns "pedacinhos" e outros não.

Catarina, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Por consequência, essa sobrecarga dificulta também o tempo de formação docente, de debate coletivo, da troca entre a equipe escolar. Esses momentos deveriam estar sendo aproveitados para discutir as questões emergentes da escola, assuntos emblemáticos como os que mais se destacaram no curso de extensão, entre eles: desigualdade de gênero, racismo, homofobia, acessibilidade e preconceitos de forma geral. Sendo o estudo de gênero o foco dessa pesquisa, vamos aprofundar neste tema em específico, sem excluir os outros mencionados que também são essenciais. Dessa forma, de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 66),

Muitas vezes a rotina escolar dá pouca brecha para momentos de reflexão e questionamento das relações cotidianas. Profissionais da educação estão sob constante pressão para executar as propostas pedagógicas e as tensões acabam sendo abafadas para não atrasar o planejamento curricular. Mas quando as relações de gênero são tomadas como um eixo fundamental de um projeto pedagógico coletivo em uma escola, uma situação de conflito inesperada pode servir de gatilho para disparar debates e atividades coordenadas entre as diferentes áreas de conhecimento. Em vez de esquivarem-se da responsabilidade diante do conflito, educadoras/es podem se munir dessas situações para trazer o tema para o centro da pauta. Afinal, se situações de violência de gênero acontecem dentro do ambiente escolar, não significa que está na hora de pensar e agir sobre o assunto?

Diante do exposto, é necessário tornar o estudo de gênero um tema presente nos projetos pedagógicos, e que estes documentos sejam construídos pelo trabalho coletivo. Não é perspicaz

esperar uma determinada situação acontecer para agir, é possível realizar essas atividades e debates antes, para evitar que ocorra algo que prejudique a comunidade escolar, é responsabilidade social da escola, da equipe diretiva, do corpo docente, de todas as pessoas envolvidas, proteger, acolher, e sobretudo educar.

Outro ponto mencionado nessa citação é o planejamento curricular, o currículo é falho quando é engessado, pois cada unidade possui suas necessidades que não são universais, ter um modelo para acompanhar é importante desde que ele seja flexível e atenda a realidade de cada escola. O verbete produzido sobre currículo, escrito pela Luíza, nos traz reflexões importantes, a saber:

Currículo é a padronização do ensino, um caminho que a escola deve seguir para se ter uma uniformização do conhecimento a ser ensinado. Respeitando a cultura e o meio social em que os alunos estão inseridos.

Luíza, pedagoga.

Se o último trecho fosse praticado, “Respeitando a cultura e o meio social em que os alunos estão inseridos”, talvez fosse mais próximo da realidade o que antecede, a questão da padronização e da uniformização. Sabemos que cada unidade escolar possui seu próprio universo, que já é complexo por lidar com as singularidades de cada sujeito que faz parte desse ambiente.

Padronizar poderia ser viável se a pista percorrida por todos fosse também uniforme, se todos partissem da mesma linha de largada, o que não ocorre, há quem chega com fome, quem pegue três ônibus, os que não conseguem dormir por problemas familiares, os que lidam com violência doméstica, há quem não tem material para utilizar em sala, há diferenças e desigualdades. O conceito de meio de Vigotski simboliza de forma precisa situações como essa, a interferência do ambiente e dos sujeitos ao redor para o desenvolvimento de cada ser.

Milena narra sua reflexão a respeito da padronização:

[...] Qual é a necessidade de nos enquadrarmos em formas feitas receitas pré-determinadas? Qual é a intenção de estabelecermos determinados padrões e paradigmas? Os anseios das escolas, das ruas, da sociedade, já não se encaixam nos padrões sociais e políticos da antiguidade clássica e tão pouco atende a modernidade, a contemporaneidade [...].

Milena, docente na rede estadual.

Posto isso, geralmente, os discursos que defendem um currículo homogêneo, não consideram que a sociedade é heterogênea, assim como estão focados em competição, por exemplo em vestibulares e conteúdo específico das disciplinas para aprovação.

Um dos objetivos deve ser o sucesso dos educandos, porém, para isso, não é necessário excluir a individualidade, a cultura, o social e a vivência dentro e fora da sala de aula, o conjunto todo promove o desenvolvimento e a aprendizagem se funcionarem juntos, como uma engrenagem. Será uma educação mais humanizada se o corpo todo for respeitado, sem supervalorização de uma ou outra parte, como ocorre com as competições por pontuação, por aprovação em exames.

Em vista disso, o verbete da Catarina reflete a realidade escolar no que diz respeito à didática, há a necessidade de conhecer e compreender o espaço e os indivíduos que se pretende ensinar para poder alcançar as particularidades. A existência de um modelo único pode limitar, restringir e dificultar o processo de ensino e aprendizagem, pois seria a concretização da exclusão das diferenças. Algo que não é viável porque essas diversidades nos constituem e enriquecem a vivência escolar e social.

Didática: é o melhor jeito de ensinar. É conhecer o aluno e descobrir como ele aprende. É organizar. É incentivar os pequenos a aprimorar suas habilidades, mostrar suas potencialidades e superar suas fragilidades. É dar um tempo... Ah, e não é nenhuma receita mágica, mas é a sensibilidade de adaptar o que for preciso para que o outro aprenda a "voar".

Catarina, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Por isso, essa concepção ludibriada de que a padronização é possível, promove a exclusão, reforça a anulação da diversidade e segmenta ainda mais as relações. Considerando que o intuito é formar sujeitos, entendemos que as disciplinas que envolvem além de conteúdos específicos, matéria cultural que integre aquela pessoa, facilitarão o processo de ensino e aprendizagem, pois esse aluno estará confortável, sentirá segurança.

Assim, em harmonia com o estudo de Paro (2008, p. 27),

O currículo é um dos aspectos que mostra mais enfaticamente como a escola tradicional tem privilegiado uma dimensão "conteudista" do ensino, que enxerga a escola como mera transmissora de conhecimentos e informações. Daí a relevância de se pensar em sua reformulação numa perspectiva mais ampla que contemple a formação integral do educando. Certamente, não se pode contestar a importância dos conteúdos das disciplinas tradicionais (Matemática, Geografia, História, Ciências, etc.) que são imprescindíveis para a formação humana e não podem, sob nenhum pretexto, ser minimizados. Todavia, conteúdos como a dança, a música, as artes

plásticas e outras manifestações da cultura são igualmente necessárias para o usufruto de uma vida plena de realização pessoal (PARO, 2008, p. 27).

As disciplinas específicas são fundamentais, no entanto, as culturais também possuem a mesma relevância. Provocar uma alteração nesse processo é um tanto demorado e gradativo, porém é preciso iniciar por aquilo que está ao alcance, práticas pedagógicas diárias que são possíveis dentro das unidades escolares, para que tanto o corpo discente como o docente comecem a se familiarizar e sentir que pertencem, que influenciam em seu funcionamento, por meio do trabalho coletivo.

Isso refletirá diretamente nos estudantes, a mudança na equipe diretiva, incluindo todos os profissionais da escola, transformará a visão dos discentes a respeito do estudo, é preciso se apropriar, não é possível realizar o processo de construção do conhecimento sem que queiram isso, é necessário mostrar que isso é importante, se partir deles o percurso escolar será mais produtivo. Catarina nos presenteia com a escrita de seu poema sobre a trilha do estudante:

Trilha

Quantas coisas um estudante há de viver,
quantas coisas há de sentir e saber.

Talvez ache o que fazer,
mas não saiba como escolher
o caminho a percorrer.

Amizades, profissão, família,
tudo na mesma trilha.

Como ajudá-lo a passar por cada empilha?

Catarina, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Para conseguir orientar de tantas formas distintas é fundamental que haja uma boa formação, planejamento, trabalho e prática que sejam construídos por meio da dimensão coletiva; a falta de espaço para discussão foi uma questão essencial que o grupo enfatizou, falta de lugar e de tempo para debater, para trabalhar em conjunto, para realizar a formação docente. Nesse momento, é oportuno uma breve contextualização de Gestão Democrática que está conectada ao trabalho coletivo e que acreditamos ser um caminho promissor para desenvolvê-la.

Cecília, na escrita do seu micro conto, destaca a sensibilidade que é necessária na gestão para atender todas as diferenças que uma unidade escolar envolve. Ela produziu:

Gestão de pessoas. Pessoas com diferentes realidades. Realidades que constituem cada ser humano. Ser humano, tentativa e busca de

nos tornarmos cada vez mais humano, empáticos. Empáticos a ponto de se colocar no lugar do outro. O outro? Adultos, jovens, velhos e crianças. Crianças em descoberta do mundo, em descoberta da vida. O que tem a ver com gestão escolar? Tudo. Gestão escolar é além da burocracia, é olhar para o outro com sensibilidade e entender que são as diferenças que tornam cada ser humano único.

Cecília, auxiliar de ação educativa em uma escola municipal.

O trecho “Gestão escolar é além da burocracia” é importante, há muito o que conhecer e entender além dos papéis e da porta da direção. Isto posto, o processo de gestão democrática é contínuo e se fortalece a partir de uma causa coletiva, do mesmo modo que é relevante como prática da democracia, também promove a autonomia. No que concerne ao conceito de Gestão Democrática, o respaldo teórico é o trabalho e o estudo de Vitor Henrique Paro, Doutor em Educação e Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar (GEPAE).

De acordo com Paro (2008, p. 11), a gestão democrática: “Trata-se, portanto, das medidas que vem sendo tomadas com a finalidade de promover a partilha do poder entre dirigentes, professores, pais, funcionários, e de facilitar a participação de todos os envolvidos nas tomadas de decisões [...]”. Sendo assim, a escola é um campo importante para possibilitar a elaboração de novas práticas que evidenciem a perspectiva democrática não apenas no ambiente escolar, como também na sociedade, dessa forma é possível construir novas relações e ressignificar as já existentes entre a instituição e o contexto social a que pertence.

O processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada um é diferente, assim como o tempo de fala, de andar, de troca de dentes, entre outros, não difere da heterogeneidade que há no percurso educacional e isso deve ser considerado e valorizado. O verbete da Patrícia expressa a aprendizagem do seguinte modo:

Aprendizagem: é estar disposto a aprender o que lhe ensinam e ensinar o que sabe, pois ensinando também se aprende; é quando, em sala de aula, o aluno repete, sabendo o conteúdo do outro bimestre; é apropriar-se do conhecimento, assimilando-o.

Patrícia, professora de sociologia.

A troca de aprendizado entre discente e docente é bastante frisada, essa relação agradável transmite confiança e reverbera no domínio de conteúdo do educando. Esse processo é intrínseco, por isso evidenciamos a importância de se considerar a singularidade de cada unidade escolar, respeitando a comunidade ao redor, o contexto social, histórico, cultural, e,

sobretudo, a particularidade de cada sujeito. Em conformidade com o que apresenta Paro (2008) sobre a estrutura do conceito de escola democrática,

Como grupo social, a escola é dotada de um dinamismo que extrapola sua ordenação intencional, oficialmente instituída. As formas de conduta dos indivíduos e grupos que compõem a escola, suas contradições, antagonismos, interações, expectativas, costumes, enfim, todas as maneiras de conviver socialmente, nem sempre podem ser previstas pelas determinações oficiais. Não obstante, apesar da imprevisibilidade dessas relações, elas acabam por constituir um modo de existir ou de operar, envolvido por valores, costumes, rotinas, que lhes emprestam certa “regularidade” que não pode deixar de ser considerada no estudo da escola (PARO, 2008, p. 15).

À vista disso, a equipe diretiva lida com desafios diversos e distintos, considerando que a organização escolar possui sujeitos com diferentes valores, interesses e ideologias, por isso é fundamental que haja um trabalho no sentido de mediação, com o intuito de promover a construção coletiva de objetivos para que, apesar das diferenças, trabalhem com o mesmo propósito.

Além disso, não visamos a figura docente como transmissora de conhecimento, ou um símbolo materno, de tia, cuidadora, família, entendemos que essa profissão tem o poder de construir conhecimento junto, de formar estudantes ativos, críticos, capazes de formar opinião, argumentar, pesquisar e ensinar, pois também aprendemos com eles.

É preciso desconstruir a ideia de hierarquia, entre direção, coordenação e docência já que são uma equipe, formam um corpo e cada membro tem sua importância, como foi colocado o objetivo deve ser comum e tendo os alunos como prioridade. A Sofia ressalta, na produção do seu micro conto, a importância de usar o poder de maneira humanizada:

O poder quando usado com ética, valores e humanizado, poderá transformar o ambiente a sua volta, como na gestão, o poder poderá trazer mais conhecimento e crescimento para todos, profissionais e alunos.

Sofia, coordenadora de uma escola de educação infantil.

Além desse micro conto sobre poder, também temos a escrita da Cecília, que, em seu verbete, ressalta que poderoso mesmo é quem usa essa autoridade para tornar o mundo um lugar melhor, ela compôs da seguinte forma:

Poder: é talvez poder de super-herói para uma criança. É hierarquia para os adultos: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. É benfeitor ou malfeitor. Inclui ou exclui. “Querer não é poder?”

Poderosos mesmo são aqueles que usam seu "poder" para fazer do mundo um lugar mais empático de se viver.

Cecília, auxiliar de ação educativa em uma escola municipal.

Ainda em harmonia com a proposta da gestão democrática e com as produções acima, consideramos que as funções de diretora e coordenadora se aproximam de formadora, de professoras e da comunidade, e são responsáveis por articular o diálogo e o debate a respeito de temas que são atuais e pertinentes para a vida em sociedade, como o estudo de gênero e outros conteúdos que são essenciais.

Renata, em seu micro conto, expôs, com humor e ironia, o tabu que é falar sobre gênero na escola:

Era assim e assado, passava confiança maternal. Agora colocaram gênero na gestão?

Renata, diretora de uma escola municipal.

As profissionais sofrem a ação dessas conjunturas, mas também são propositoras de práticas e mediadoras do que acontece, no âmbito das relações de gênero, também na extensão da esfera coletiva. Por conseguinte, é pertinente relacionar o processo de gestão democrática aos princípios de desenvolvimento social e cultural da Teoria Histórico Cultural. Sendo que, para Vigotski, a cultura representa toda produção essencialmente humana, tudo aquilo que não está posto pela natureza, também é responsável por criar comportamentos e pensamentos que influenciam no desenvolvimento humano.

Já os seres humanos sociais alteram os costumes e as maneiras, desenvolvem novas formas de se comportar que implicam na cultura (PINO, 2000). Desse modo, os conceitos se entrelaçam e influenciam nesse método de trabalho democrático, não é porque está posto que não pode ser alterado, e a mudança deve ocorrer de forma coletiva, não priorizando os objetivos individuais, mas sim a finalidade comum.

Ao longo do desenvolvimento e fortalecimento do grupo os passos vão se intensificando e se ampliando, é um processo gradativo organizar uma escola a partir da gestão democrática. Roberta relata sobre a insegurança do novo em seu micro conto:

Novidade, medo, incerteza... pronto! A ameaça está à mesa. O conhecimento trouxe clareza, a ameaça sumiu.

Roberta, coordenadora pedagógica da rede privada.

Entendemos o desconforto que a mudança causa na maioria das pessoas, esse receio do desconhecido é natural, mas, assim como foi trabalhado no curso, é necessário iniciar esse processo, realizar a primeira ação com esse objetivo, após conhecer e aprender sobre o assunto esse indício de ameaça vai se dissipando. De acordo com Paro (1998, p. 06),

Entendida a democracia como medição para a realização da liberdade em sociedade, a participação dos usuários na gestão da escola inscreve-se inicialmente, como instrumento a que a população deve ter acesso para exercer o seu direito a cidadania. Isto porque, à medida que a sociedade se democratiza, e como condição dessa democratização, é preciso que se democratizem as instituições que compõem a sociedade, ultrapassando os limites da chamada democracia política e construindo aquilo que Norberto Bobbio chama de democracia social.

Essa democracia social ampara a gestão escolar como atividade democrática organizada pela comunidade, bem como a constitui como uma experiência social que possui coparticipação, tendo a diretora como a profissional que desenvolve determinada função na direção considerando o coletivo, e além de formar é também formada nesse contexto. Uma vez que é incumbência da unidade escolar esse posicionamento político, pois “trata-se de cuidar para que a educação escolar se realize, na forma e no conteúdo, de acordo com seus interesses, o que exige a participação dos próprios usuários da escola pública nas decisões que aí se tomam” (PARO, 1992, p. 42).

Da mesma maneira, é essencial que a formação das profissionais da educação prepare devidamente não apenas para as dimensões pedagógicas e/ou administrativas do cotidiano da escola, mas também, no que diz respeito a um viés político, a partir de debates que incluam as políticas educacionais, a sua repercussão na rotina das unidades escolares e que proporcionem articular discussões e práticas no chão da escola. Sendo assim, de acordo com hooks (2013, p. 199),

Um dos aspectos menos compreendidos dos meus escritos sobre pedagogia é a ênfase na voz. Achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar – achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos.

Sendo a escola um espaço atravessado por marcas da sociedade, que não é estática e se molda constantemente, ressalta-se a necessidade de desenvolvimento contínuo. Como foi colocado pelo grupo focal, evidencia-se a carência de iniciativas de estudo e formação docente também no campo da educação de gênero.

Diante disso, Julia acredita na escola como um ambiente potente para diálogos e estudo dessa temática, em um trecho de sua narrativa compartilha a seguinte vivência conosco:

[...] Essa semana tivemos uma capacitação com o Coletivo Transitando na escola, um grupo de trans aqui de Piracicaba. Foi uma experiência riquíssima. Tivemos essa capacitação pois recebemos um aluno trans e queremos saber como podemos ajudá-lo nesse processo. É com as ações como essa que vejo que não estou sozinha, que tenho amigos e colegas lutando por um futuro melhor para nossas crianças e jovens.

Julia, pedagoga.

A unidade escolar, geralmente, não constrói qualquer tipo de desigualdade, mas ela pode corroborar quando as pessoas que trabalham ou estudam possuem um discurso preconceituoso (LIMA, 2020). Por isso, são necessárias ações, palestras, capacitações e outras práticas, como a citada pela Julia, que possibilitem a desconstrução de ideias do senso comum que propagam a intolerância e o desrespeito; o estudo, o conhecimento, a literatura e o convívio são caminhos importantes e potentes nesse processo. A formação é capaz de sensibilizar, e assim é possível uma ajuda mútua para mudar algumas práticas que não representam uma escola plural.

Diante disso,

A formação continuada de professoras/es, gestoras/es e toda a equipe técnica deve estar voltada para a percepção das questões de gênero. Em se tratando de práticas naturalizadas em nosso cotidiano, é importante que muita energia e esforço contínuo sejam despendidos no questionamento de nossas ações e preconceitos, visando construir uma escola mais acolhedora (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 75).

A naturalização da correção é importante, às vezes, escapa uma palavra ou outra que não é a mais adequada, todos estamos sujeitos a falhas o tempo todo, porém a naturalidade de se corrigir ou aceitar a correção é essencial.

Em um trecho da carta da Rê, diretora de uma escola municipal, é possível notar a humildade em desabafar que precisamos aceitar a temática do gênero, pois ainda é um tabu, e evoluir a partir disso. O tema existe, é pertinente, faz parte da rotina escolar e é preciso falar sobre ele. A Rê contou da seguinte maneira:

[...] foram encontros que aparentemente no início não conseguia acreditar que esse tema pudesse agregar algo novo em minha vida profissional. Os encontros foram acontecendo e algo novo e reflexivo foi surgindo em minhas ações diárias. [...] Formamos um grupo que acabou sendo uma terapia coletiva, pois tivemos momentos onde compartilhamos nossas angústias diárias. Ali pude perceber com as experiências de cada um que esse tema "gênero"

está em processo de evolução e aceitação perante nossa sociedade. Não me achava uma pessoa preconceituosa, mas com esses encontros percebi que trazia sim em meu sub consciente uma forma de preconceito sim, quando estipulamos filas femininas e masculinas, brinquedos de meninas e meninos. Hoje minha amiga, esses encontros chegaram ao final, vou sentir muita saudade, pois aprendi muito com essas vivências.

Rê, diretora de uma escola municipal.

Ressalto também o termo “terapia coletiva”, mais uma vez, reforçando a urgência de espaços que promovam esse tipo de acolhimento, de falar e ser ouvida, ter um momento para olhar para a comunidade como um todo, ajudar no que for possível, propor novas práticas como foram citados as filas e os brinquedos. Sabemos que,

Os arranjos de gênero colocados em prática na sociedade exercem uma força sobre toda nossa vida cotidiana. Eles criam expectativas a respeito de como devemos agir, do que pensar e do que gostar. E se a menina não se sentir bem de batom? Ou o menino odiar futebol? Qual é a consequência de dizer que força é uma característica exclusiva de meninos? Significa que mulheres não podem ser fortes? Ou ainda que meninos podem usar a força para obter aquilo que desejam? (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 10).

Falas como essas, que ouvimos diariamente, fortalecem a desigualdade de gênero, a violência contra mulher, seja ela qual for; colocam meninas como frágeis e meninos como fortes, meninas como domésticas e meninos como construtores; a escola é um dos espaços mais potentes para mudar isso. Como já foi dito, a educação salva e liberta, o conhecimento tem o poder de mudar vidas, as meninas podem exercer todas as profissões que desejarem tanto quanto os meninos, porém elas precisam saber disso, assim como precisam de oportunidades sem julgamento prévio.

Diante do exposto, destaco a produção de micro conto do Belato, é uma escrita simples que provoca uma reflexão conveniente. Quando nos dedicamos e fazemos o bem ao próximo, isso também nos faz bem. Segundo o professor,

*A dedicação nossa pelos outros, nos dá o mesmo benefício em dobro.
Belato, professor e diretor aposentado.*

Esse sentimento bom, de ajudar, de pertencer a comunidade escolar é mais um aproveitamento do trabalho coletivo. Essa dedicação está conectada a interação, a Cilene e a Daiane destacaram algo semelhante na escrita de seus poemas:

Interação...

Interação é riqueza,
é troca,
é partilha,
é fazer junto!

Interação é aprender,
é construir,
é evoluir
é compartilhar!

Interação é ser,
é ser junto,
é ser só,
é ser com o outro,
é ser você,
é ser um grupo!

Interação é acontecer,
é aprender,
é evoluir!

Daiane, diretora.

Interação

Interação! Isso é importante
Pais presentes na escola
Compreendendo o dia a dia
Proporciona segurança ao aluno
E confiança no trabalho.
Cilene, coordenadora pedagógica.

A escola precisa da família e o inverso também é certo, uma boa interação da comunidade interna com a externa reflete na relação com os educandos, no envolvimento deles com as atividades escolares, essa troca é do interesse de todos e só tem a acrescentar. Quando há o desgaste nessa convivência, seja por falta de respeito, por ignorância, por falta de disposição ou qualquer outro motivo, o atrito abala e marca, sobretudo os envolvidos, mas também a unidade como um todo.

Nessa perspectiva, família e escola têm seus devidos papéis e devem trabalhar juntas. Cecília, em um trecho de sua narrativa, expressa seu sentimento de indignação com a culpabilização da família sobre as professoras e a escola referente à alfabetização. Assim como, ressalta a importância de a família ser presente e acompanhar de perto a vivência dos filhos na escola, não só culpar, mas também se responsabilizar por determinadas ações que não são competência da escola, entretanto devem ser ensinadas em casa. Em sua produção, narrou:

[...] O que me choca mais é a falta de humanidade, a falta de cuidado com o outro. [...] O que me chateia na minha profissão são as falas de famílias que criticam a escola por não alfabetizar, mas que não demonstram o mesmo grau de preocupação em saber se o(a) filho(a) respeita o amigo, se ele respeita as diferenças e se sabe conviver com isso, se ele sabe conviver em sociedade e a forma que ele lida com conflitos. Enquanto pedagogos(as) devemos nos voltar e estar

atentos ao “Educar para a vida”, para que tenham um olhar sensível para os outros.

Cecília, auxiliar de ação educativa em uma escola municipal.

A sensibilidade mencionada e o excerto “educar para a vida” refletem a educação humanizada que praticamos e acreditamos. Por conseguinte, a dimensão da coletividade é muito promissora nesse contexto, trabalhar coletivamente e acreditar no poder de transformação da educação é uma forma de resistir. A Sofia expõe esse sentimento na produção do seu verbete sobre resistência:

Resistência: é continuar lutando pela educação mesmo quando as portas se fecham; é abrir a janela para ver as crianças e saber que são o futuro da nação; é entrega, amor e doação; é ouvir, gritar e correr atrás; é a união de todos pela educação, pelas crianças e pelo futuro; é usar lápis e uma folha para acrescentar, dividir e multiplicar; é acreditar que sonhos podem se realizar; resistência é você continuar acreditando e lutando, sem deixar de dar o seu melhor e ser você mesmo.

Sofia, coordenadora de uma escola de educação infantil.

A escolha pela profissão no campo da educação é sinônimo de resistência, lecionar é resistir. Considerando a importância do meio para a aprendizagem, conseqüentemente para o desenvolvimento humano, de acordo com Martins e Carvalho (2017, p. 86-87),

[...] o ensino escolar dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos como condição para o desenvolvimento dos indivíduos, colocando na pauta política a apropriação dos saberes sistematizados como perspectiva de luta da classe trabalhadora, isto é, como forma de resistência e ação em direção à superação das relações de produção erigidas pela ordem do capital.

Sendo assim, além de educar ser resistir, a empatia, a tolerância e o respeito também são, esses vocábulos se tornaram ainda mais caros e raros após a eleição de 2018. O preconceito e a discriminação descartaram as máscaras, revelaram suas faces cruéis; se o indivíduo que ocupa a posição considerada a mais importante da nação propaga o ódio e nada lhe é feito, ele garante respaldo para todos os seus subordinados seguirem seus discursos hostis e suas atitudes ínfimas. O caminho para a transformação social é a educação, por isso ela perturba tanto, o conhecimento é ameaçador para quem tem o objetivo de desinformar a população.

Em conformidade com o que foi posto, Li reforça essa realidade, em um excerto de sua carta, e ressalta a necessidade de se discutir gênero.

[...] me vi refletindo como pessoa e futura educadora. Vivemos em uma sociedade que tudo julga, exige e condena. Temos que aprender a pensar no outro e a cuidar do outro, a empatia deve acontecer sem distinção entre os seres. Tudo isso logo me fez pensar e lhe confessar que este curso é indicado para todos os educadores, independente de cargo, função, salário e/ou formação acadêmica. A questão de gênero deve ser discutida enquanto houver necessidade, enquanto houver dúvidas. Discutir gênero é discutir a vida, a educação e o amor/respeito ao próximo [...]

Li, coordenadora.

A seguinte passagem é relevante: “Discutir gênero é discutir a vida, a educação e o amor/respeito ao próximo”. Em face do exposto, além de cobrar os órgãos responsáveis por medidas mais inclusivas, reivindicar alterações nos documentos oficiais, que é o correto; há também muitas práticas, atividades, debates e ações que são possíveis acontecer na escola sem necessitar de muitas adequações ou mudanças. Nessa mesma perspectiva, Louro (2003, p. 122) ressalta

Ainda que movimentos coletivos mais amplos sejam certamente importantes, no sentido de interferir na formulação de políticas públicas — em particular políticas educacionais — dirigidas contra a instituição das diferenças e a perpetuação das desigualdades sociais, também parece urgente exercitar a transformação a partir das práticas cotidianas mais imediatas e banais, nas quais estamos todas/os irremediavelmente envolvidas/os. Há, no entanto, um modo novo de exercer essa ação transformadora, pois, ao reconhecer o cotidiano e o imediato como políticos, não precisamos ficar indefinidamente à espera da completa transformação social para agir.

Em vista disso, nós podemos começar essas ações, colocar em prática o que lemos e estudamos, provocar a transformação *in loco* para que ela possa ecoar em outros ambientes, plantar sementes para que elas possam gerar frutos.

O próximo eixo de investigação apresenta exemplos simples de serem aplicados e que promovem o respeito à diversidade e à igualdade de gênero; com recursos básicos que as unidades já possuem e com atividades acessíveis para serem desenvolvidas sem complicações; práticas pedagógicas que tem por objetivo combater o preconceito e a intolerância de qualquer natureza, assim como orientar os educandos.

Desse modo, esta categoria permitiu analisarmos a prática coletiva, por um ângulo que considera a relevância do estudo de gênero na educação, conforme os registros apresentados. Isto posto, é essencial promover capacitações, estudos e leituras relacionados ao tema; utilizar o trabalho coletivo também para ter domínio dos trâmites administrativos e não ser sufocada por eles; desenvolver atividades que proporcionem interação e reflexão, até mesmo com um

pequeno espaço reservado para a terapia coletiva, pois ela também é necessária; potencializar o trabalho e a prática coletiva, de um modo em que o “poder” seja empregado de forma respeitosa.

4.3 Práticas pedagógicas

O preconceito está presente em comportamentos e práticas que discriminam um sexo ou definem superioridade de um sobre o outro. Existe um valor predeterminado de que “homem não chora, isso é coisa de mulher”, futebol é esporte de homem”. Enquanto a escola continuar representando as estruturas de poder de um sexo sobre o outro as reivindicações em prol de uma equiparação sexista continuarão latente. No entanto, de forma enfadonha e insuperável, visto que não haverá o apoio necessário para que a desigualdade entre homens e mulheres / meninos e meninas seja sanada. O professor tem papel importante na sala de aula, ele é um modelo para os alunos. Se ele respeitar as diferenças tratar com naturalidade e propor atividades de colaboração, os alunos na sua maioria seguem o exemplo [...].

Rô, supervisora de secretaria de educação.

Neste eixo a prática terá destaque, considerando que a leitura e o estudo da temática constituem a prática, logo, esses aspectos devem caminhar de maneira articulada. Em alguns momentos as participantes identificaram que muitas teorias que estruturavam suas ações pedagógicas não era as que de fato elas defendiam e acreditavam.

Por meio do estudo de gênero, com as produções expostas nesta categoria foi possível analisar práticas pedagógicas que perpetuam o preconceito no ambiente escolar, como filas, brincadeiras, brinquedos, cores, atividades que segregam os gêneros e os colocam de maneira desigual. Contudo, a partir dessa intervenção, autoavaliação e reflexão se provocou a transformação na prática, de forma que não preserve a violência e a intolerância, mas sim promova a igualdade de gênero e o respeito à diversidade.

A prática pedagógica não necessariamente somente diz respeito à formação e ao tempo de experiência na função, ela é também constituída pela história de vida da professora, esse atravessamento do âmbito pessoal no profissional “é um processo formativo e de autoformação historicamente constituído, inclusive pelo próprio trabalho feminizado e pela profissão docente. Assim, as ações pedagógicas têm potencial de produzir movimentos, pois se vinculam às práticas sociais [...]” (SILVA; FERREIRA, 2019 p. 04).

Em conformidade com o que foi posto, o processo formativo das professoras, individual e coletivo, compõe suas práticas pedagógicas. Além disso, Silva e Ferreira afirmam que é possível compreender “as ações das professoras como práticas atravessadas também pelas disposições de gênero interiorizadas” (SILVA; FERREIRA, 2019, p. 06). Sendo assim, destaca-se a importância do estudo de gênero, para que seja algo desenvolvido do interno para o externo, não há transformação em corrigir um aluno por uma discriminação que ele tenha feito se o ambiente representa isso, é necessário transformar o contexto.

No trecho que inicia este eixo, a narrativa da Rô evidencia a importância da atuação docente, em questões fundamentais que estão presente no cotidiano escolar. À título de exemplo, é fato que o preconceito existe, a questão está em como lidar, enfrentar e combater, o que de forma alguma pode ocorrer é o silenciamento. Em harmonia com a produção de Lins, Machado e Escoura (2016, p. 16),

Quando generalizações como essas são repetidas em casa, na igreja, na televisão, na escola ou nas diversas situações do dia a dia, reafirmam-se normas de gênero. Toda vez que uma pessoa diz “isso é coisa de menina”, “mulher é assim” ou “homem não faz isso”, não está apenas justificando comportamentos a partir da diferença entre os sexos, mas também está ensinando como ela e toda a sociedade esperam que homens, mulheres, meninas e meninos se comportem e limitando suas possibilidades de existir no mundo. Além de serem regras restritivas, que tentam encaixar as pessoas em estereótipos sociais, as normas de gênero são também a base para muitas situações de desigualdade.

Por conseguinte, como foi colocado pela Rô, a escola é um espaço que não deve manter essas representações de poder em relação a gênero. Ao contrário, é um ambiente potente para interpretar essas divergências e trabalhar com toda a equipe diretiva, corpo docente, colaboradores e o corpo discente, não só uma ou outra categoria. “Por exemplo, quantas grandes jogadoras de futebol podemos ter perdido em nossas escolas a cada ano justamente porque as meninas são desencorajadas a praticar esse esporte, considerado ‘de menino’?” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 19).

Sendo assim, ainda neste trecho, ressaltamos a afirmação “futebol é esporte de homem”, lembrando que o tópico do esporte esteve em debate no 3º encontro, quando foi mencionado o ocorrido com a Tiffany Abreu, jogadora de voleibol, primeira transexual a disputar uma partida oficial da Superliga, que passou por um constrangimento. Um acontecimento similar, com um jogador de futebol brasileiro, também conhecido popularmente é o

[...] caso emblemático que se desenrola há anos no país é que envolve Richarlyson Barbosa Felisbino, atualmente jogador do Guarani FC, de Campinas, São Paulo. Tudo começa quando, ainda fazendo parte do elenco do São Paulo FC nos idos de 2005, ele comemora um gol num jogo contra o Palmeiras com a “dança da bundinha”,

considerada preconceituosamente “esquisita” por parte da torcida, que passou a considerá-lo “homossexual”. O caso se amplifica na mídia e os torcedores do tricolor iniciam um boicote, recusando-se a gritar seu nome durante as partidas do time. As especulações em torno de sua orientação sexual continuam até que no programa “Debate Bola”, da TV Record, o então vice-presidente do Palmeiras, José Cyrillo Jr., revela suas suspeitas em rede nacional. Em realidade, Cyrillo Jr. equivocou-se e associou Richarlyson à homossexualidade de outro jogador. Tal fato desencadeou um processo judicial por parte do São Paulo, o qual foi encaminhado a julgamento ao juiz Manoel M. Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal da capital paulista, que tempos depois teve sua conduta questionada por emitir opiniões tacanhas e reforçar preconceitos ao enfatizar que “futebol é coisa de macho”. Tais casos foram os mais visíveis e que causaram mais especulações. Outros, não tão notórios, acabam não tendo destaque e caíram no ostracismo (CAMARGO, 2018, p. 03).

Em consonância com Camargo (2018), há muitos casos que não seguem o processo de denúncia e julgamento, e acabam fazendo parte da rotina, como algo corriqueiro e sem maldade. O autor afirma que “o universo esportivo precisaria ser reinventado em relação às temáticas de gênero e sexualidade, e, além disso, tanto o futebol quanto outras modalidades não deveriam ser tomadas como monolítica e essencialmente heteronormativos” (CAMARGO, 2018, p.14).

Se pessoas famosas como essas, que geralmente possuem certo poder aquisitivo e influência no meio em que ocupam, sofrem, também o discente de uma escola estadual ou municipal que passa por situação semelhante e muitas vezes acaba lidando com isso sozinho por não ter apoio, alguém que o proteja, e que o acolha sem julgamentos, pode sofrer ainda mais.

A escola pode mudar situações como essas, e evitar que outras ocorram, por meio do diálogo, de atividades que promovam o entendimento da diversidade, de integração coletiva. Pedro destaca que a escola é um espaço que permite evolução, seja no campo profissional ou pessoal, nas palavras dele:

[...] pós 2ª guerra mundial e todas as revoluções culturais decorrentes e hoje, aliada à disseminação de plataformas de comunicação e expressão individual, a escola está localizada numa situação de permitir que os indivíduos se transformem em suas melhores versões, onde toda a riqueza da diversidade pode ter vez. A luta da escola é do conhecimento contra a ignorância. [...]
Pedro, professor na rede estadual.

Ressalto o trecho “A luta da escola é do conhecimento contra a ignorância.” Especificamente o termo ignorância para adentrar ao próximo tópico abordado, já que o significado dessa palavra está relacionado à falta de cultura, de estudo e de conhecimento.

Em um trecho da carta de uma professora no município de Americana, são destacados outros fatores que são rotineiros, as cores por exemplo, que foi um tópico ainda mais inflamado

após o discurso, em janeiro de 2019, da advogada e pastora evangélica Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, em um vídeo em que ela afirma “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, algo que ela chamou de uma “nova era”.

Esse tipo de manifestação preconceituosa, vindo de um cargo importante como esse, só estimula a intolerância e fortalece o discurso de ódio. Milena destaca a importância de práticas que promovam a igualdade:

Escrevo para contar sobre a riqueza adquirida através do curso "Gênero na Gestão Escolar" [...]. Desde muito cedo, identifiquei na escola o ambiente sexista pautado pela divisão de gênero, o azul dos meninos e o rosa das meninas, parece bobo discutir essas questões, mas de fato, são divisões que persistem ao longo da vida e, acabam definindo o futuro de meninas e meninos. É de suma relevância que esse debate entre na gestão escolar para estender à prática, onde se inicie novas propostas de educação pautadas pela igualdade, respeito e sororidade entre as meninas e mulheres. Esse curso pode contribuir para derrotarmos preconceitos, machismo e violência imposta ao gênero feminino [...].

Milena, docente na rede estadual.

No 3º encontro, uma das questões debatidas foi o ingresso tardio das meninas no mercado de trabalho, assim como o fato de que, quando são inseridas, a maioria é em atividades subalternas. Em harmonia com o que foi colocado pela Milena, essas divisões de gênero acompanham as crianças ao longo da vida e interferem no futuro delas. De acordo com Almeida et al. (2020, p. 102), as mulheres

Em geral, são mal remuneradas, exploradas e sobrecarregadas com demandas domésticas e têm poucas oportunidades de ascensão na carreira. As mulheres recebem as piores remunerações da sociedade contemporânea. As mulheres negras são ainda mais afetadas pelas condições de pobreza e discriminação estrutural, pois o racismo torna as condições de enfrentamento da desigualdade ainda mais difíceis: por mais que completem os estudos, permanecem nas piores posições em comparação aos homens e às mulheres brancas.

A escola não deve ser um espaço que propaga a desigualdade e o preconceito, é preciso ter representatividade, ser acolhedora, as pessoas que por ela circulam precisam se sentir seguras, pertencentes àquele lugar.

O apoio entre os pares também é fundamental, criar projetos, grupos de trabalhos seja sobre a temática do feminismo, feminismo negro, acessibilidade, violência doméstica ou qualquer outro tipo, algo que conecte essas pessoas que passam por situações semelhantes para

que se ajudem, se unam, se fortaleçam no campo individual, o que conseqüentemente ocorrerá no coletivo também. Diante disso,

Em virtude da construção social e histórica do que é homem e do que é mulher, determinada a partir da matriz biológica feminino/masculino e de concepções morais e religiosas que estigmatizam as identidades de gênero que não correspondem à norma imposta, transexuais e travestis podem sofrer transfobia e ser excluídas/ os de ambientes sociais por serem associadas/os ao pecado, à marginalidade e à patologia. Nesse contexto, a escola, como um espaço social historicamente instituído, carrega intrinsecamente determinações da sociedade que a estabelece (LIMA, 2020, p. 02).

Faz parte das incumbências da escola manter e promover o respeito. Se há uma situação exposta é necessário combater e educar, quando um caso de preconceito é silenciado, a violência ocorre duas vezes. De acordo com a Rê, enfrentamento é enfrentar a verdade, a realidade.

Enfrentamentos, de frente com a verdade.

Rê, diretora de uma escola municipal.

Sendo assim, não há caminhos prontos para melhorar esses temas nas unidades, é necessário que haja dedicação, comprometimento, responsabilidade e, principalmente, atitude. Por ser tão trabalhoso, evidencia a necessidade da atuação coletiva no trabalho, na formação e nas práticas a partir dela. Assim,

O que buscamos, com esses cenários, é mostrar como as situações em que há violência de gênero podem ser comuns no espaço escolar e trazer dilemas e tensões para a prática das/os profissionais da educação. No entanto, também podem propiciar espaços de troca, reflexão e transformação que minimizem o sofrimento daquelas e daqueles que são estigmatizados e atacados. O objetivo é criar alunas e alunos mais equipados para lidar com um mundo permeado de diferenças. Não podemos nos isentar da responsabilidade e do compromisso de gerar espaços mais democráticos e seguros. Por isso, quebrar o silêncio e encarar questões de diversidade e direitos não devem ser ações realizadas somente em situações de exceção ou problemáticas, mas cotidianamente e por todas/os as/os profissionais da escola (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 67).

Se a violência ocorre todos os dias é preciso combatê-la todos os dias também, ações que promovam o respeito à diversidade, à igualdade de gênero, precisam estar presentes, é fundamental que isso faça parte da prática cotidiana escolar, o trabalho coletivo é um dos caminhos promissores.

Conforme indicado em um trecho da carta da Márcia, que enfatiza a importância da formação realizada para entender a pluralidade dos gêneros e que esse estudo é fundamental para toda a equipe escolar:

[...] O curso aborda muitas situações vivenciadas na escola sobre gênero e nos faz refletir em nossas atitudes no dia a dia, muitas vezes agimos por impulso e acabamos reforçando alguns comportamentos machistas e preconceituosos. Os tempos são outros e nesta sociedade moderna que vivemos seria muito importante que todos os gestores, professores e pais de alunos participassem deste curso, pois precisamos aprender a lidar com essa diversidade de gêneros, envolvendo toda a equipe escolar.

Márcia, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

É de extrema relevância olhar com cuidado para essas atitudes que reforçam condutas machistas e preconceituosas, o exemplo é um método de ensino marcante, é possível observar pelo básico, como o que os educandos trazem de casa e têm como certo, por ver isso na prática, reproduzem como correto.

Às vezes, a equipe não faz por maldade, pode ser por falta de atenção ou por desconhecimento também, por isso a necessidade de formação, capacitação, para que com a transformação do eu isso se reflita na prática. Da mesma forma, pontuando os conceitos experiência e vivência de Vigotski, por meio da experiência importante, transformadora, é construída a vivência, pois passa a ter um significado, uma marca.

Em consonância com o que foi exposto, a produção do Gabriel tem a acrescentar, pois mostra que os homens também são atingidos pelo mesmo conceito machista que conservam, sobretudo no ensino infantil. Há uma concepção equivocada de que as mulheres possuem o “dom” de trocar fraldas, alimentar, educar, como se os homens não fossem capazes de realizar as mesmas tarefas de maneira adequada e respeitosa. Em uma passagem da carta do Gabriel, essa questão está presente, assim como o debate das cores:

[...] Recomendo a você fazer o curso sobre gestão escolar e gênero na escola, realizado na Unimep, para compreender melhor nossa profissão. Compreender que a mulher não é naturalmente vocacionada para a maternidade nem para o cuidado com a infância; que nossa profissão não é naturalmente feminina e que homens também cuidar e educar bem de bebês e da primeira infância; que meninos não vestem azul, nem meninas vestem rosa, mas que se

trata de uma construção social, e, como tal, pode, e deve, mudar [...].

Gabriel, professor na rede municipal.

Esse desfecho do Gabriel precisa ser trabalhado nas unidades escolares, questões como essas são construções sociais, representam a cultura, não são aspectos imutáveis, são produzidos por nós, sendo assim, nós devemos transformá-los, promovendo o respeito à diversidade e à igualdade de gênero. Essa separação de gênero reforçada no que diz respeito ao mercado de trabalho, conseqüentemente, intervêm no ingresso ao ensino superior.

Essas construções histórico-sociais de profissões demarcadas por gênero interferem na escolha dos cursos, muitos educandos ainda não possuem maturidade o suficiente para se posicionarem e defenderem seus interesses, acabam ficando acanhados caso a opção seja por um curso que o senso comum julga ser exclusivamente do gênero oposto. Conforme enuncia Almeida et al. (2020, p. 127),

[...] a divisão sexual do trabalho, marcada pela separação entre homens e mulheres, se coloca de modo mais evidente quando as meninas e os meninos se encaminham para o ensino superior e fazem suas escolhas acadêmicas e profissionais. Em grande parte, essas escolhas são estabelecidas por estereótipos e relações de poder entre os gêneros, reproduzidos por gerações, os quais nem sempre são fáceis de serem transformados, deixando profundas marcas subjetivas e na saúde mental das pessoas.

Essas marcas podem surgir desde o início da vida e intensificam a medida em que as situações ficam mais esclarecidas, quando as crianças começam a entender o que há por trás de determinada fala ou ação. A escola muitas vezes também reforça situações de desigualdade, às vezes de maneira despercebida, “porque sempre foi assim”, outras de maneira intencional por defenderem esse senso comum como algo certo e imutável.

Ainda considerando a produção do Gabriel, o seu poema reflete aquilo que buscamos como escola:

A escola dispensa muros,
separações, discriminações por idades,
turmas, gêneros.
É lugar de gente,
de fazer amigos, de camaradagem,
de transformação em conjunto.
Ela se sustenta no esforço conjunto
e em conjunto supera tudo.

Gabriel, professor na rede municipal.

Mais uma vez, sobressai a primordialidade do trabalho coletivo, do diálogo, da prática conjunta. Em conformidade com hooks (2013, p. 174),

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças.

O alcance das questões de gênero, raça e classe é um primeiro passo importante, inserir essas temáticas na pauta, colocar em discussão, e a partir disso iniciar um planejamento do que pode ser colocado em prática. Esse debate já desenvolve pensamentos, reflexões, começa a criar uma série de “alertas” que proporcionam um cuidado maior nos discursos, nas ações, nos planos de aulas, nas práticas escolares cotidianas de modo amplo.

Outrossim, o curso de extensão foi significativo também no que diz respeito à sensibilização das participantes para identificar ações que promovem exclusão e desigualdade de gênero. A título de exemplo, Cecília, em um trecho da sua carta, recomenda o curso a diretoras de modo geral, com o objetivo de promover o estudo de gênero justamente por ser uma temática pouco explorada, e por algumas práticas da escola induzirem a segregação entre meninos e meninas. Em suas palavras:

[...] Acredito que vocês deveriam também participar, com o intuito de buscar um maior aprofundamento em relação ao assunto gênero, uma vez que ele é pouco discutido nas escolas e estas, muitas vezes, acabam por influenciar na separação entre meninos e meninas, como por exemplo, quando se pede que façam fila de acordo com o sexo das crianças ou adolescentes. O curso é enriquecedor e contribui para nos questionarmos a respeito da nossa prática, assim como para que vejamos com outros olhos as diferenças existentes entre homens e mulheres e nos sintamos provocados a mudar e amenizar essa distância entre os sexos, além de contribuir para que as pessoas enxerguem a diversidade como algo rico, como algo que acrescenta. [...].

Cecília, auxiliar de ação educativa em uma escola municipal.

Algumas vezes, estamos tão concentrados em determinadas tarefas que são rotineiras e acabamos fazendo de forma automática, o que nos impede de refletir se não poderia ser feito de outra forma. Quando há o trabalho coletivo, são mais pessoas para perceber os equívocos, assim como para propor novas práticas pedagógicas. Como a Cecília enfatizou, a diversidade é rica e só tem a acrescentar, porém, para isso é preciso estarmos dispostas a conhecer, compreender, e com esse alicerce colocar em prática ações que representem uma escola plural.

No que diz respeito à sensibilização mencionada, Lu, em um trecho de sua narrativa, transmite a sensibilização por meio da passagem “a semente deve ser plantada por nós”, é válido destacar porque esse também foi um ponto fundamental que a formação proporcionou. No registro da Lu, diz o seguinte:

Venho aqui deixar registrado que, após a leitura do texto “Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola”, como gestora que atuo há 6 anos e educadora há 27 anos, fiz uma autoavaliação do que contribuí ou reforcei nessa questão do gênero. Trabalhando na Educação Infantil somente, vejo sim, que estamos reforçando sim o gênero masculino e feminino desde que montamos a fila para a oração, até a sala de aula... com brinquedos, brincadeiras e acabamos reforçando, acredito eu, que de forma impensável, quase que automática a respeito disto. Me veio à mente que, como gestora e coordenadora, devo sim, trazer ao meu grupo de professores e funcionários, não só pensarmos se as crianças já conseguem ler, escrever. Mas sim, aproveitar nossos HTPCs para avaliarmos e repensarmos nossas práticas, posturas etc. Somos o início de tudo, então, a semente deve ser plantada por nós [...].

Lu, diretora de uma escola municipal.

Uma das principais intenções do curso era inspirar, tocar, para provocar uma mobilização. Dessa forma, a convivência nesse espaço privilegiado só poderia possibilitar uma mudança de consciência, uma educação mais sensível, porque as condições objetivas oferecidas proporcionaram isso.

Realçar essa sensibilidade tem impacto no ato de multiplicar, nós trabalhamos com um pequeno grupo, que levou os textos, os aprendizados, as vivências para outro pequeno grupo com quem trabalha ou se relaciona, e assim sucessivamente. Com isso, se faz presente os conceitos social e cultural de Vigotski, pois essa transformação social reflete na cultura e vai se expandindo e ganhando forma.

As sementes foram plantadas, as pessoas foram provocadas a sair da zona de conforto, como pode ser visto nas próximas escritas, de autoria da Rô e da Lu respectivamente:

[...] Os encontros foram mostrando que esse assunto é pouco discutido e comentado no nosso dia a dia, nos fez pensar quanto preconceito e desigualdade existe entre homens e mulheres/ meninos e meninas. O professor tem um papel importante na sala de aula e na formação dos nossos alunos/alunas, se eles respeitarem com naturalidade as diferenças eles também seguirão esse

exemplo. As crianças pequenas acolhem sem preconceito. Gostei muito dos nossos encontros e acredito que a partir de agora tenho outra visão deste assunto convido você para conversarmos [...]

Rô, supervisora de secretaria de educação.

Esse convite para conversar a respeito da temática é a prática da multiplicação, a mudança foi *in loco*, porém o objetivo era ecoar no coletivo, esse é um bom exemplo de que ocorreu em harmonia com a nossa intenção. A importância da coletividade, também nos momentos de esgotamento, marcou um trecho da carta da Lu, em que há um desabafo acerca do cansaço da rotina e do esforço para participar do curso, por reconhecer a importância da temática para transformar o espaço escolar, nas palavras dela:

Devo-lhes confessar que quando me inscrevi nestes encontros estava bem entusiasmada. Porém, no primeiro dia, ameacei desistir, pois em plena 4ª feira, a partir das 19h até às 21h30, estaria extremamente cansada para o mesmo, mas havia me comprometido com (nome das colegas). Lá vamos nós... Parecia ter voltado à faculdade, pessoas de todas as formações, realidades, expectativas e narrativas surpreendentes. [...] Já no primeiro encontro, saí com a cabeça turbilhando... mil reflexões, falas "minhas" não bem colocadas... Jesus! Qual a verdadeira postura nossa, como gestora, frente à imposição e reforço da questão sobre gênero? O que proporcionamos às nossas professoras uma reflexão da prática diária quando, por exemplo, fazemos a fila para orarmos? Por que dividimos sempre meninos das meninas? Por que distribuimos panelinhas e fogões às meninas e caminhões e tratores aos meninos? Por quê? Por quê? Esta questão nunca havia me ocorrido antes e acredito que muitas de vocês também não. Quantas reflexões foram proporcionadas a nós nesses encontros! Muitas risadas... mas muita fumaça saindo da minha cabeça! Vídeos, relatos, sátiras... que delicioso! Dentre todas as pós que fiz, mini cursos, esses encontros mexeram muito comigo! Me fez refletir neste EMPODERAMENTO da mulher na sociedade! Convido a vocês, para que façamos uma roda de conversa para compartilharmos nossas realidades, tudo sobre a "questão de gênero". Estou aqui aberta para partilhar com vocês e, quem sabe, para 2020, organizarmos em nossos HTPCs essa discussão com nossas companheiras de trabalho [...].

Lu, diretora de uma escola municipal.

Essas indagações procurando motivos de tais ações revelam práticas culturais que estavam enraizadas em tal intensidade, que há um bom tempo se tornaram imperceptíveis e, de repente, é como se essas mulheres fossem desafiadas e encorajadas a tirar a venda tão cômoda.

E o mais importante, elas tiraram e se sentiram empoderadas, essa reflexão autocrítica foi um exercício marcado nos relatos e que gerou bons frutos, como: mudanças nos discursos, nas práticas, no cuidado com o próximo e nas atividades que não promovem a igualdade e a diversidade.

Além disso, o empoderamento mencionado é significativo, algumas participantes desconheciam o termo ou não sabiam exatamente o que ele representa. O empoderamento feminino é a consciência coletiva, geralmente, manifestado por ações que tem por objetivo fortalecer as mulheres e avançar no que diz respeito à equidade de gênero; é diretamente envolvido ao movimento feminista, porém são diferentes, “empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si” (ASSIS, 2017, n.p). É importante tanto o empoderamento quanto o coletivo com um olhar feminista.

De acordo com hooks (2013, p. 149), “O movimento feminista coletivo não poderá avançar se esse passo não for dado. Quando criarmos esse espaço feminino onde pudermos valorizar a diferença e a complexidade, a irmandade feminina baseada na solidariedade política vai passar a existir”. Em harmonia com a autora e com um trecho da carta da Cilene, a formação proporcionou

[...] momentos de ouvirmos um ao outro ou uma a outra já que mulheres eram a maioria. O mais marcante pra mim foram as discussões perante a desvalorização da mulher inclusive no nosso mercado de trabalho. O que mais me comoveu foi o vídeo do último encontro onde notei a falta de apoio entre nós mesmas. [...]

Cilene, coordenadora pedagógica.

A falta de apoio mencionada está ligada à sororidade que foi o conteúdo do vídeo assistido no último dia. Sororidade é um conceito que representa a irmandade entre as mulheres, diz respeito a união, proteção, empatia, afeto, amizade e outros sentimentos que acolham umas às outras. Em conformidade com o que foi posto, um trecho da carta da Samantha ressalta que

[...] Foram 5 encontros bem interessantes, onde lemos, assistimos e debatemos sobre as questões de gênero na escola. E foi tão rico! Conhecer pessoas, realidades, formas de pensar, tudo tão diverso... Aprendemos mais sobre o feminismo, sobre as lutas das mulheres pelo seu espaço, o quanto avançamos e o quanto ainda há de luta pela frente! [...] Mesmo que você pense que é empoderada o suficiente, a oportunidade de refletir é sempre válida. Coisas tão cotidianas irão, após estas reflexões praticamente acender um letreiro neon

gritando "machismo". Não no sentido agressivo, mas no sentido de "isto precisa mudar". E a mudança começa quando há esta percepção [...].

Samantha, professora de uma escola municipal.

Como a Samantha colocou é preciso perceber para pensar em mudar, por isso os debates e o diálogo são fundamentais para questões como essas se revelarem. Assuntos como esses mexem com as pessoas, inflamam, provocam a argumentação, dessa forma incentiva a entrarem na discussão e defenderem seus pontos de vista.

Considerando o contexto de buscar a transformação e tentar sentir as dores do próximo, Chris deixou a seguinte mensagem ao terminar sua carta:

[...] Todos somos capazes de dar e receber amor, de transformar vidas, basta sair da zona de conforto e se colocar no lugar do outro.

Chris, diretora de uma escola municipal.

Na mesma perspectiva de atenção e cuidado em relação às próprias falas e práticas, a narrativa da Márcia também manifestou esse agir mecânico e a importância de estar atenta ao cotidiano escolar para não estimular o preconceito:

De acordo com o texto lido durante a semana (Conduções pedagógicas sobre as questões de gênero na escola), percebe-se que muitas vezes acabamos por agir de forma mecânica diante dos acontecimentos do dia a dia dentro da escola. Não percebemos que nossas atitudes, na maioria das vezes, são preconceituosas mesmo sem querer. Precisamos estar mais atentos no tratamento com as crianças, nos termos utilizados, nas atitudes e intervenções realizadas. É muito importante que toda a equipe escolar tenha um momento de reflexão para avaliar como está ocorrendo esse processo e quais atitudes deverão ser tomadas para que todos os alunos sejam realmente incluídos no ambiente escolar.

Márcia, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Novamente, ressaltando a importância desse momento de reflexão coletiva para analisar o que tem sido realizado na rotina escolar; uma "pausa" para olhar de "fora" com o intuito de conseguir identificar o que e como é possível ser feito, e posteriormente voltar a agir incorporada no contexto. Dessa forma, é possível haver um planejamento para que não ocorram ações por impulso que reforcem, impensadamente, o que não é apropriado como intolerância e discriminação. Esse conteúdo também esteve presente em um trecho da narrativa da Balbino:

Após a leitura dos textos, minha semana foi marcada por muitas reflexões a respeito de gênero em minha própria prática como gestora escolar. [...] Percebi que ainda temos muito o que refletir e discutir para que as mudanças possam acontecer de maneira gradativa, me deparei com as filas separadas por gênero, a brinquedoteca organizada de um lado os "brinquedos de meninas" e do outro os "brinquedos de meninos" e até nas festividades internas escolher determinada cor para cada gênero. Toda essa realidade precisa ser discutida frente à luz da teoria existente sobre o assunto, para que as mudanças possam ocorrer inicialmente dentro da própria equipe, para que em seguida possa ultrapassar os muros da escola.

Balbino, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Por meio dessa sensibilidade e autorreflexão, conseguimos investigar o cotidiano sob uma outra ótica, situações como essas não foram vistas porque não foram procuradas antes, ou quando identificadas não houve interesse em levar ao debate.

De acordo com hooks (2013, p. 180, grifos da autora), "Sinto que uma das coisas que impedem muitos professores de questionar suas práticas pedagógicas é o medo de que *'essa é minha identidade e não posso questioná-la'*". No entanto, a partir desse olhar com zelo e simplicidade é possível encontrar práticas positivas e desconstruir pensamentos egoístas.

Além disso, é evidente que ainda há o que ser feito para assegurar o respeito à pluralidade. A partir desse entendimento, a narrativa da Rê destaca as virtudes da diversidade, ela comenta sobre um vídeo e um texto que conheceu no curso:

Vendo o vídeo "Antes de começar uma escola veja este vídeo" pude perceber que nossa realidade escolar ainda está longe de ser uma escola para todos. Em nosso dia a dia não percebemos a riqueza que cada ser tem, nos preocupamos em apenas aplicar aquilo que achamos correto. Percebi com o texto e o vídeo que o ser humano é feito de ações e cada ação tem o seu reflexo positivo ou negativo, sendo que na grande maioria de nossas atitudes, enquanto gestora e professora, criamos com nossas ações, reações de preconceito, pois ainda dividimos e classificamos meninas e meninos por cores, brincadeiras, filas e brinquedos. Texto e vídeo fazem com que eu pense e repense em minhas ações. Saio daqui hoje transformada para transformar.

Rê, diretora de uma escola municipal.

Esse desfecho emblemático: “Saio daqui hoje transformada para transformar”, é forte e materializa o aprendizado que esse curso proporcionou, a mudança na prática, a transformação interna que se reflete no externo. Em harmonia com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 10), “Acreditamos ser possível construir uma escola em que gênero não seja restritivo e excludente, mas plural, uma escola em que se assegure uma educação genuinamente inclusiva e transformadora”.

Entretanto, há uma certa resistência em incluir práticas de ensino mais interativas, isso está relacionado com o meio, docentes estão acostumados a não ter voz ou não ser ouvidos e isso acaba sendo confortável, pois assim não precisam parar para pensar. Em conformidade com hooks (2013, p. 200), “No que se refere às práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos a escutar, a ouvir uns aos outros”.

Essa prática pode se estender ao corpo docente, equipe diretiva e colaboradores, todos precisam aprender a escutar uns aos outros. Para que a gestão seja democrática, para que haja um envolvimento maior por parte dos educandos, é necessário que sintam que pertencem aquele meio, que são sujeitos ativos e que isso diz respeito a suas realidades; precisam conhecer essa metodologia e se apropriar dela. Ainda segundo o estudo de hooks (2013, p. 193),

Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o nosso modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos. Antes de tentarmos envolvê-los numa discussão de ideias dialética e recíproca, temos que ensinar-lhes o processo.

A título de exemplo de práticas que promovem transformação, que são diferentes, mas podem ser incluídas na escola, peço licença para compartilhar a narrativa na íntegra da Roberta que compartilhou uma vivência significativa de prática pedagógica conosco.

Questões de gênero na Escola Especial

Sou pedagoga de formação e especialista em educação especial. Atuei por quase dez anos em escola especial. Posteriormente atuei na gestão de uma creche e logo após na coordenação pedagógica no segmento fundamental (1º ao 9º ano).

Atualmente trabalho em uma escola particular, católica e filantrópica. Na unidade que atuo temos 305 alunos nos laboratórios integrados. Quando a escola abriu em 2012, funcionava apenas no período matutino e no contraturno oferecíamos oficinas de um projeto social. No mesmo período oferecíamos projeto social e escola regular.

Como o público atendido era majoritariamente, provenientes de situações de vulnerabilidade social, tínhamos dificuldade de transformação na realidade dos alunos, pois os pais tinham pouco conhecimento e desconheciam seus direitos básicos. A escola propôs então um trabalho em conjunto com os pais. Trabalhamos com os alunos e também com os pais.

A partir deste trabalho foi possível conhecer a realidade de cada família e suas necessidades. Fazemos então oficinas onde imparamos os responsáveis, fazendo-os entender que são cidadãos portadores de direitos.

Em 2015, após várias reflexões, o colégio passa a oferecer matriz curricular integral. Na construção dessa matriz seguimos a orientação do Plano de Educação Integral do Estado. Nesta orientação apenas duas disciplinas são obrigatórias dentre as opções curriculares, que são: experiências matemáticas e leitura. Produzido de Texto. As demais disciplinas foram selecionadas a partir de reflexões com a comunidade escolar (alunos, professores, pais/responsáveis, colaboradores). E duas disciplinas oferecidas mudaram muito o pensamento de diversos membros da comunidade escolar, principalmente o "meu" são elas (as disciplinas): "Sexualidade e Qualidade de Vida" e "Ética, Cidadania e Pluralidade Cultural".

A liberdade dada aos professores para selecionar o conteúdo (pois estas disciplinas não estão contempladas no material da Rede de Ensino) e as estratégias fazem toda a diferença.

Algumas pontuações para a questão das aulas no colégio: professores destas oficinas com média de idade de 22 a 29, gênero com uma visão menos preconceituosa;

Figura 16: Prática pedagógica - Frente

* Pensar, educadores, engajados na educação como transforme
 social.

As disciplinas foram trabalhadas a partir do entendimento dos
 alunos. E estes conteúdos, vindo dos alunos, são mais leves,
 "normais". Num primeiro momento, eu enguonhe coadornar,
 espontanea e era corrigida pelas minhas professoras destas
 oficinas.

O preconceito é muito mais enraizado de nós educadores
 do que de nossos alunos. Enfim, qdo damos voz aos
 alunos, liberdade para expressões, o respeito às diferenças,
 pluralidades e questões de gênero são vividas com muito
 mais naturalidade.

O texto de hoje me fez refletir que mesmo estando
 buscando uma educação para todos, ainda estamos
 pecando em muitas coisas. Coisas que parecem boas, mas
 que fazem toda a diferença.

Estou repassando os textos para os grupos de professores,
 tanto do fund 1, como do fund 2, para conhecimento e
 opinião, mas já levantei algumas discussões sobre
 nossas ações.

Enfim meu pensamento vagou, não sei se consegui
 passar a mensagem aqui. Resumindo acredito que espaços
 para reflexão, flexibilidade e vontade são essenciais para
 criarmos enquanto educadores e gestores.

Figura 17: Prática pedagógica - Verso

Roberta, coordenadora pedagógica da rede privada.

Para muitas pessoas a mudança é desconfortável, gera insegurança e receio, quando
 estamos diante de um tema, de certa maneira, polêmico, como o estudo de gênero, é ainda mais
 complexo as pessoas assumirem suas ideias; há quem defenda suas opiniões de modo claro e

objetivo, assim como há os que preferem se calar e consentir com tudo para não se expor e fugir dos debates.

A escritora hooks, vítima do racismo, do sexismo e do elitismo, que faz parte e representa um grupo marginalizado e oprimido, afirma ter pavor que a sua prática de ensino reforce as hierarquias e opressões que ela luta para combater, porém reforça que

[...] eu não tinha absolutamente nenhum modelo, nenhum exemplo do que significaria entrar na sala de aula e ensinar de modo diferente. O impulso de experimentar práticas pedagógicas pode não ser bem recebido por alunos que frequentemente esperam que ensinemos da maneira com que eles estão acostumados. O que quero dizer é que é preciso um compromisso fortíssimo, uma vontade de lutar, de deixar que nosso trabalho de professores reflita as pedagogias progressistas. Certa crítica às pedagogias progressistas chega até nós não somente de dentro, mas também de fora (HOOKS, 2013, p. 191).

Diante do exposto, é necessário que sejamos exemplos, além de já haver inspirações significativas e potentes no meio, nós também precisamos fortalecer e ampliar esse trabalho; os educandos estão habituados com uma prática inerte, porém mudanças são essenciais para o desenvolvimento e o aprendizado, novos desafios estimulam a participação e, a partir dela, é possível evoluir. A autora compartilha seu receio e ressalta que os alunos serem apenas ouvintes é cômodo, segundo ela,

O que mais me mete medo é que a crítica negativa da pedagogia progressista nos afeta – faz com que os professores tenham medo de mudar, de experimentar novas estratégias. Muitas professoras universitárias feministas, por exemplo, começam a carreira trabalhando para institucionalizar práticas pedagógicas mais radicais; mas, quando os alunos parecem não “respeitar sua autoridade”, elas sentem que essas práticas são defeituosas e indignas de confiança e voltam às práticas tradicionais. É claro que deveriam saber de antemão que os alunos educados de maneira mais convencional se sentiriam ameaçados e chegariam até a resistir a práticas de ensino em que se insiste que os alunos participem de sua educação e não sejam consumidores passivos (HOOKS, 2013, p. 192).

É difícil mudar um costume, todavia não é impossível; hábito diz respeito ao cotidiano, à rotina, se um ponto for alterado e passar a ser regular já se caracteriza a construção de um novo hábito; é fundamental mudar essa concepção de autoritarismo e hierarquia no chão da escola para que novas práticas possam ser aceitas com certa naturalidade.

O chão da sala de aula é essencial para provocar mudanças, para começar uma transformação de pensamentos e comportamentos, além do mais a realidade desse espaço ecoa nos corredores, nos ambientes coletivos, além de fora da instituição. Em um trecho de sua carta, Balbino menciona que

[...] As discussões e leituras foram bastante produtivas e me fizeram refletir sobre algumas práticas que sempre ocorreram no ambiente escolar e que de alguma forma contribuem para o aumento da diferença entre os gêneros e assim para a desvalorização das mulheres dentro da comunidade escolar e fora dela. O que me deixou mais intrigada é que a própria escola em suas práticas diárias perpetua e acentua essas diferenças. Após a leitura de alguns textos propostos neste curso, percebi que é importante e urgente que se fale e discuta sobre o tema, principalmente nas formações continuadas dos professores, e que se possa iniciar ações que possam transformar a situação atual de desvalorização da figura feminina. Estou a disposição para levar para você os textos lidos para iniciarmos uma conversa sobre esse tema, e se for de seu agrado desenvolvermos uma sequência de leituras no HTPC [...].

Balbino, coordenadora pedagógica de uma escola municipal.

Em relação ao trecho “O que me deixou mais intrigada é que a própria escola em suas práticas diárias perpetua e acentua essas diferenças”, de fato é muito comum que algumas escolas reforcem discursos preconceituosos. A construção da cultura das unidades escolares é gerada pelo contexto histórico-social, com influência do meio (tanto de pessoas como de espaço), sendo assim, quem pode e deve transformar essa realidade são os próprios sujeitos que fazem parte dessa comunidade. Segundo hooks (2013, p. 197),

É difícil mudar as estruturas existentes porque o hábito da repressão é a norma. A educação como prática da liberdade não tem a ver somente com um conhecimento libertador, mas também com uma prática libertadora na sala de aula. Tantos entre nós criticaram os acadêmicos bancos do sexo masculino que promovem a pedagogia crítica mas não alteras suas práticas em sala de aula, que afirmam os privilégios de raça, classe e gênero sem questionar a própria conduta.

Como a autora colocou, também não resolve criticar o método do outro sem olhar para o seu, é preciso rever falas e atitudes que não estão de acordo com o bem comum. Em harmonia com a escrita de Balbino, “é importante e urgente que se fale e discuta sobre o tema, principalmente nas formações continuadas dos professores”, o grupo docente está diretamente em contato com os alunos, diariamente e, geralmente, de forma mais próxima que a equipe diretiva e os colaboradores. Ainda de acordo com hooks (2013, p. 190)

[...] muitos professores que não têm dificuldade para abrir mão das ideias velhas e de abraçar novos modos de pensamento podem ainda ser tão resolutamente apegados às velhas maneiras de praticar o ensino quanto seus colegas mais conservadores. Essa questão é crucial. Mesmo aqueles entre nós que fazem experiências com práticas pedagógicas progressistas têm medo de mudar.

Há vários motivos que podem desencadear o medo nesse caso, pode ser porque ainda parece ser algo desconhecido e estranho, ou pelos professores sentirem seus “poderes” ameaçados, e outros. Eles serão conhecidos se forem trazidos à roda de conversa, o diálogo poderá revelar o que de fato os impedem, assim como ajudá-los a desenvolver novos métodos mais inclusivos e justos.

Perante o exposto, os registros que compõem essa categoria de análise evidenciam a necessidade de mudanças nas práticas, de transformação, pois muitos hábitos do cotidiano escolar não são repensados com o passar do tempo, apenas reproduzidos, o que afeta a realidade atual que se altera constantemente. Sendo assim, faz parte da função social da escola não manter discursos e atitudes excludentes e discriminatórios.

As práticas pedagógicas destacadas ao longo deste eixo mostram que há modificações simples de serem aplicadas, como a organização dos brinquedos, filas, brincadeiras, presentes, festividades, livros e materiais marcados por cores ou gêneros. Logo, a ação de ouvir e narrar vivências no curso de extensão promoveu uma reflexão significativa no que diz respeito a observar essas questões com mais cautela, atenção e sensibilidade, e a partir disso ressignificar a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa que possui como tema principal o estudo de gênero, a partir de uma construção coletiva de saberes e prática, teve como objetivo compreender as adversidades relacionadas ao estudo de gênero que são vivenciadas no contexto escolar, fundamentadas por registros produzidos em encontros proporcionados por uma formação para profissionais da educação que constituíram o grupo focal.

Do mesmo modo, teve como objetivos específicos: investigar os atravessamentos da discussão de gênero na escola; analisar os destaques a respeito do estudo de gênero; identificar práticas sociais, possíveis de serem realizadas na escola, que contribuem para o reconhecimento da igualdade entre os gêneros.

Esse estudo é uma pesquisa de intervenção que buscou perceber as experiências vivenciadas na escola, relacionadas à temática do estudo de gênero. Uma das questões principais que atravessou esse trabalho foi compreender a importância do debate e do aprendizado no tocante à temática do estudo de gênero no contexto educacional. Da mesma maneira, esteve presente a finalidade de ressaltar as práticas sociais e pedagógicas que colaboram para o reconhecimento da igualdade de gênero.

No que diz respeito ao referencial teórico, essa dissertação é ancorada nas perspectivas defendidas por autores do campo dos estudos de gênero em educação, sobretudo Louro e bell hooks. Da mesma maneira, é pautada nos princípios humanistas e fundamentada pela metodologia narrativa, à luz da Teoria Histórico-Cultural, por meio de Vigotski e alguns de seus conceitos, sendo eles: desenvolvimento humano, social e cultural, meio e *perejivanie*.

As produções construídas nos encontros da formação foram a essência da análise, a qual teve como respaldo o paradigma indiciário, referendado em Ginzburg, e foi constituída por três eixos de investigação, a saber: turbulências que representam nossas lutas e angústias; trabalho coletivo que enfatiza como é potente trabalhar em conjunto, priorizando o diálogo; e práticas pedagógicas que é realizar aquilo que estudamos e acreditamos, por meio da construção coletiva de saberes, com o intuito de unir a teoria à prática.

Os achados dos registros da formação que essa pesquisa proporcionou expressam a realidade dessas profissionais, de seus ambientes escolares, da comunidade a qual pertencem. Não há um modo padrão e imediato de mudar determinada situação, cada unidade escolar possui sua realidade e suas necessidades. Um bom início pode ser perceber essas singularidades, observar sob uma ótica articulada ao que se pretende. Em conformidade com Lins, Machado e Escoura (2016, p. 101),

Não desejamos doutrinar ninguém, tampouco assumir que detemos qualquer verdade absoluta. Contudo, nos comprometemos com um mundo mais justo, mais igualitário e plural. Essa é a nossa perspectiva como pessoas que pensam e atuam na educação. Sendo a educação um valor central, é fundamental refletir sobre o tipo de escola que desejamos criar. Pudemos constatar que a escola é parte de uma sociedade em que há extrema desigualdade de gênero; portanto, se não defender uma proposta pedagógica de intervenção nessas questões, ela somente reproduzirá injustiças, violências, discriminações, exclusões e marginalizações.

Sendo assim, se cada ser sensibilizar algumas pessoas ao seu redor já será uma ação significativa, contribui para o efeito multiplicador, para o eco que se propaga no coletivo. É papel da escola também acolher os diferentes, respeitar a diversidade, promover um ensino plural. Isso precisa estar presente nas pautas de reuniões, nos documentos oficiais das unidades, e, principalmente, nas práticas pedagógicas.

À vista disso, assim como sensibilizamos os sujeitos do grupo focal, pretendemos multiplicar essa ação para que mais equipes escolares se mobilizem e acolham práticas que respeitem a igualdade, seja por meio dos ambientes, das brincadeiras, dos brinquedos, das filas, dos presentes e afins.

Todas as instituições possuem suas turbulências, ora mais intensas ora mais brandas, entretanto, o trabalho coletivo, quando realizado com uma finalidade comum, assegura um bom desempenho independente das adversidades. Assim como ele é essencial para transformar as ações pedagógicas, para elaborar atividades que promovam conscientização, estudo e debate, em relação à igualdade de gênero, ao respeito à pluralidade e outras questões emergentes nas escolas.

A construção do conhecimento em conjunto, alicerçada no chão da escola, por meio do diálogo, é essencial para alcançar o propósito pretendido. É necessário retirar a literatura da estante ou das pastas do computador e absorvê-la; transformar a ideia de que a teoria é algo distante da prática, pois não é, elas caminham juntas. Uma situação muda a partir do momento que nós mudamos a forma de vê-la, é essencial discutir e aplicar os conceitos e bibliografias, estudá-los e adaptá-los de acordo com a realidade.

A partir da análise de tais registros compreendemos que o chão da escola ainda conserva preconceito e intolerância, entretanto, é um meio potente de transformação social que pode reverter essa realidade e promover a luta por igualdade de gênero e pelo respeito à diversidade. Como foi mencionado anteriormente, por meio dessa formação foi possível ressignificar o eu, assim, com uma interpretação de sentido transformada, essa sensibilização refletiu na prática pedagógica.

No que diz respeito às pessoas e às unidades escolares envolvidas, fez parte do nosso propósito promover o entendimento de que as construções histórico-sociais podem e devem ser transformadas, não é porque está posto que é imutável, elas foram produzidas, por isso podem ser desconstruídas ou reconstruídas.

Além disso, foi nosso intuito colaborar com profissionais da educação, em relação à sensibilização referente às questões do âmbito do estudo de gênero que, às vezes, passam despercebidas, mas precisam ser repensadas e alteradas.

A formação desenvolvida por essa pesquisa mobilizou um grupo, que pelo efeito multiplicador, estimulou as instituições em que trabalham a refletirem e repensarem suas ações, conforme era a finalidade do curso de extensão. Por meio do alcance dessa sensibilização, o estudo de gênero foi potencializado, houve uma movimentação em relação a capacitações, leitura e prática articulada à literatura da área, bem como ocorreu uma reprodução do que estavam estudando no curso em suas unidades, algo que ecoou na transformação das práticas.

Também é papel social da escola promover o desenvolvimento humano, não apenas no que se refere à aprendizagem dos conteúdos específicos das disciplinas, mas em relação a provocar a transformação da sociedade. Por intermédio dos debates na formação, foi reconhecida a necessidade de se incentivar o respeito à diversidade e à igualdade de gênero, por meio de recursos básicos que as unidades já possuem; com atividades e práticas pedagógicas que tem por objetivo combater o preconceito e a intolerância de qualquer natureza, assim como orientar os educandos nesses aspectos.

Em relação ao meu processo formativo, que envolve ser aluna, professora e pesquisadora, o estudo contribuiu em sentidos diversos vistos por diferentes frentes. À título de exemplo, compreender melhor as atribuições da direção e da coordenação que estão saturadas com relatórios, papelada e, por vezes, quando não conseguem se dedicar a outras atividades que propiciam formação e diálogo pensando na prática pedagógica não é por desleixo, é por sobrecarga.

Em contexto semelhante se encontra o corpo docente, com aulas que giram em torno de avaliações impostas, tendo que alterná-las entre revisão, correção e aplicação; além de cobranças internas e externas; o tempo que conseguem dedicar ao processo de ensino e aprendizagem, ao desenvolvimento do educando é escasso. Isto posto, é evidente que é trabalhoso mudar o ambiente, a forma como ocupam o tempo e o espaço de trabalho, por isso, ressaltamos ao longo da investigação a importância e a produtividade do trabalho coletivo.

Articulando essas circunstâncias ao estudo de gênero no campo da educação que é a essência primordial dessa pesquisa, destacamos, a partir desse contexto turbulento, a

necessidade de resgatar a relevância da prática fundamentada pela teoria, bem como a urgência de desmascarar as condições culturais estabelecidas, como por exemplo a figura da mulher associada à maternidade e ao matrimônio, conseqüentemente, influenciando no papel da professora restrito ao cuidado.

Da mesma maneira, é elementar praticar o modo de trabalho coletivo para conseguir conduzir os processos burocráticos sem ser dominada por eles. Assim, é possível dedicar mais tempo para desenvolver formações e atividades que possibilitem diálogo e autoavaliação. Com essa interação, é possível analisar as práticas pedagógicas que estão sendo aplicadas e investigar se estão articuladas às teorias que acreditam, se tais ações reforçam o preconceito e segregam os gêneros ou promovem a igualdade, a tolerância e o respeito à diversidade.

Por conseguinte, a comunidade escolar se desenvolve por intermédio dessas invenções pedagógicas, com a sensibilização e com essas ações que transformam o contexto cultural determinado, de forma que não se realize apenas uma reprodução de práticas sem pensar a respeito delas, ou sem considerar em que e como impactam o ambiente e os sujeitos envolvidos.

Para finalizar, por enquanto, porque uma pesquisa nunca está pronta por completo, sempre há possibilidades de aprofundamentos e melhorias, o que de fato é o que se espera, é importante que existam portas entreabertas e janelas a serem visitadas, pois isso é sinônimo de desenvolvimento.

Ressalto a relevância do movimento feminista para os estudos de gênero de maneira abrangente, e em especial para esta pesquisa. Assim como, agradeço a todas as mulheres que participaram das lutas, dos embates, das guerras, tanto aquelas que contribuíram intelectualmente como na linha de frente, aquelas que foram mortas, silenciadas e violentadas. A luta continua e é por todas elas também, que sejamos todas Marielles – “quiseram te enterrar, mas não sabiam que eras semente”.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Vânia R. **Desamarrando o preconceito**: um estudo de gênero, a partir do dispositivo da fotolinguagem. 197p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.
- ALMEIDA, Tania Mara Campos de *et al.* A passos largos: meninas da periferia rumo à universidade e seus dilemas psicossociais. **Soc. estado**. Brasília, v. 35, n. 1, p. 101-134, jan. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922020000100101&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 jan. 2021. Epub May 29, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010006>.
- ALVES, Isabel Alonso; MEDEIROS, Heitor de. **Gênero e educação em contextos indígenas na Amazônia**: as relações que constituem a produção identitária das mulheres professoras Arara-Karo do Estado de Rondônia. *Interações* (Campo Grande), v. 17, n. 2, abr./jun. 2016. <https://doi.org/10.20435/1984042X2016209>.
- ANDRIOLI, Liria Angela. **Relações de Gênero e Educação**: um estudo sobre a presença da temática de gênero no currículo real da 7ª e 8ª séries de uma escola pública do município de Ijuí – RS. 131p. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Pedagogia (DEPE), da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2010.
- ASSIS, Júlia Steuernagel. Mas afinal, o que é empoderamento feminino? (Artigo) *In: Impact Hub Curitiba*. Disponível em: <https://impacthubcuritiba.com/empoderamento-feminino/>. Publicado em: 22 fev. 2017. Acesso em: 25 jan. 2021.
- BALTHAZAR, Gregory da Silva. Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e69557, 2020.
- BARBOSA, Jaqueline A. **Feminilidades na escola**: a teoria da prática e a discussão sobre gênero e desempenho escolar. 120p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BARON, Yaneth Duran. **Meninas da Guerrilha**: gênero e educação em situação de conflito armado na Colômbia. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação) - área de concentração em Educação Social, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2017.
- BITTENCOURT, Rosânia Maria Silvano. **Meninos e Meninas**: uma análise do Menino Maluquinho, o filme, sob o olhar do gênero. 149p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.
- BONFIM, Thais Resende Araújo Borges. **Relações de Gênero, Violência Escolar e Políticas Públicas de Educação**. 95p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2017.
- BORGES, Márcia Terezinha Trotta; BARBOSA, Regina Helena Simões. Confluindo gênero e educação popular por meio de uma pesquisa-ação para a abordagem do tabagismo feminino em contextos de vulnerabilidade social. **Interface** (Botucatu), v.17, n.46, p.601-14, jul./set. 2013.

BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.

CAMARGO, Wagner Xavier de. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e42816, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100705&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 jan. 2021. Epub Feb 08, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n142816>.

CAMILO, Vanessa Cristina Sossai. **Infância, Gênero e Educação Infantil**: percepções e ações na formação continuada dos educadores. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

CAMPOS, Patrícia Lemos. **Caderneta de saúde do(a) adolescente**: uma contribuição na educação para a sexualidade?. 163p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

CAPUTE, Magda E. Sayão. **A Dama dos diamantes negros e a educação em Vassouras**: Um estudo sobre o Instituto Profissional Masculino e Feminino Doutor Joaquim Teixeira Leite (1930-1959). 103p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, Alexandre Silva Bortolini. **Diversidade Sexual na Escola**: Currículo e Prática Pedagógica. 117p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista Modelos –FACOS/CNEC**, Osório/RS, v. 2, n. 1, p. 148 -152, ago. 2012.

CONTI, Daiane de Macedo Costa. 156p. **O Estado do Conhecimento sobre Gênero na Bibliografia Internacional**. Dissertação (Mestrado em Educação). Dissertação (Mestrado em Educação), Rio de Janeiro, 2013.

CORONEL, Márcia Cristiane Völz Klumb. Pesquisas sobre gênero e sindicalismo docente: o que dizem a respeito da participação sindical das mulheres? *In*: XXXVII Reunião Anual da ANPED, 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. v. 1. p. 1-13.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso da. **Gênero e educação nas escrevivências de Conceição Evaristo**: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e becos da memória. 215p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2016.

DEMENECH, Flaviana; PAULA, Flávia Anastácio de. Conceitos de cultura, desenvolvimento e aprendizado na teoria histórico-cultural: um estudo introdutório. *In*: IV SEPECEL - Ensino, Pesquisa e Extensão, CEL – Centro de Educação e Letras, UNIOESTE, 2009, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: CEL – Centro de Educação e Letras, UNIOESTE. Disponível em: http://www.foz.unioeste.br/~eventos/sepecel/artigos_sepecel_2009/Pedagogia/DEMENECH%20e%20PAULA%20artigo%20correto.pdf. Acesso em: 26 ago. 2020.

DIAS, Taís Ritter. **Ensino de arte e feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências**. 206p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas**. 324p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa Qualitativa em Educação – Fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação**. 2014. 333 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/254170>. Acesso em: 22 jul. 2020.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima.; KLUMB, Márcia Cristiane V. As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPEd de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Educação**, v.18, n.55, p.899-920, 2013.

FLORÊNCIO, Lourdes Rafaella Santos. **O reino da glória e a moral católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato-CE**. 163p. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra de Madeira. **Cultura e aprendizagem**. Goiânia: UCG, 2004. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/t0411.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo. (Orgs.). **Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, p. 9-49, 1996.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. *In*: **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. Trad.: Federico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p. 143-179.

GONÇALVES, Jacqueline Nascimento. **“Vocês acham que me corto por diversão?” Adolescentes e a prática da automutilação**. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GONINI, Fatima Aparecida Coelho. **A produção em sexualidade, gênero e educação sexual na ANPEd: estudo analítico-descritivo a partir do estado da arte como opção metodológica**. 223p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia – Caminhos e Desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Mulheres estão à frente da gestão escolar e da maior pesquisa estatística educacional do país**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/301E65U>. Acesso em: 07 jul. 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Processo de trabalho na escola: algumas categorias para análise. **Teoria & Educação**, n. 4, 1991.

LAURENTINO, Maria da Cruz Soares da Cunha. **Relações de gênero em práticas educativas no ensino médio: contribuições para uma Cultura de Paz**. 205f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LEITE, Fabiana de Lima. **Interseções entre educação, cinema e gênero: A experiência do Cineclube Sabotage na Escola Municipal Professora Alcida Torres**. 120p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdite Pereira. A importância do conceito de perezhivanie na constituição de agentes transformadores. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 35(4), 363-373, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400004>.

LIMA, Tatiane de Lucena. **Currículo, gênero e formação: uma compreensão densa dos atos de currículo do curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade da UFBA e suas implicações nas experiências formativas**. 207p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 77, p. 70-87, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742020000300070&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 jan. 2021. Epub Dec 14, 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v1i77p70-87>.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016. 142p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LURIA, Alexander Romanovich. **A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais**. In Curso de Psicologia Geral. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Disponível em: https://formacaodocente.files.wordpress.com/2012/09/a_atividade_consciente_do_homem_e_suas_raizes_historico-sociais_texto_2.pdf. Acesso em: 25 jul. 2020.

LUSA, Diana. **Anos Iniciais da Escolarização e Relações de Gênero**: representações de docentes sobre gênero. 102p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

MAGALHAES, José Hugo Gonçalves. Vygotsky e Moscovici sobre a Constituição do Sujeito. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 241-251, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472014000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.5327/Z1982-12472014000200013>.

MARTÍNEZ, Lina; SERNA, Natalia. Disparidades no início do caminho: brechas de gênero na escola primária. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e184081, 2018.

MARQUES, Eliana de Souza Alencar. Perejivânie (Vivências), afetos e sentidos na obra de Vigotski e na pesquisa em educação. *In*: XIII Educere, 2017, Curitiba. Formação De Professores: Contextos, Sentidos e Práticas. **Anais [...]** Curitiba: Pucpress Editora Universitaria Champagnat, 2017. V. 01. P. 6775-6786.

MARTINS, Lígia Márcia; CARVALHO, Saulo Rodrigues. Educação escolar e resistência: a (des)qualificação do ensino e a obnubilização da consciência. **Cadernos de Pesquisa em Educação**. Vitória, ES. a. 14, v. 19, n. 46, p. 68-88, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19330>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MARTINS, Marcelo Salvador. **As relações de gênero entre crianças nas brincadeiras**. 62p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento; SILVA, Adan Renê Pereira da. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. Resenha. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250014, 2020.

MARZOLA, Maria do Socorro Oliveira. **Gestão e gênero**: reflexões sobre o PCCTAE e mobilidade funcional de mulheres na UnB. 159 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MELO, Maria Celia Macedo Araújo. **Gênero e universidade**: a presença da mulher aluna nos Cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão. 108p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação Escolar**: paixão, pensamento e prática. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 5ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.

MIRANDA, Ariane Camila Tagiacolo. **Relações de Gênero na Escola e Violência Contra as Mulheres: A Construção Social e Cultural do masculino e feminino e sua reprodução na educação.** 156p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

MORAES, Adriana Zomer de. **Relações de gênero e a formação de engenheiras e engenheiros.** 119p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.

MORETTI, Vanessa. Dias.; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 477-485, 2011.

MOURA, Ana Regina de Oliveira Moura. **Educação Sexual e Gênero: um estudo da visão de professores/as do ensino fundamental I.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP, 2013.

MOURA, Marco Antônio **As vivências das mulheres educadoras de creches do município de Cuiabá na construção de emancipação e autonomia.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2010.

NASCIMENTO, Ana Paula Rodrigues do. **Da 'queixa' ao fracasso escolar: um estudo sobre a predominância do encaminhamento de meninos aos serviços de psicologia.** 104p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

NASCIUTTI, Fabiana Marques Barbosa. **Travessias: o grupo como fonte de desenvolvimento profissional.** 2017. 201 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330364>. Acesso em: 15 jul. 2020.

NOVOA P., Amparo; VÉLEZ C., Olga Consuelo. La Categoría KÉNOSIS. Una Lectura desde la Perspectiva de Género. **Theologica Xaveriana**, vol. 60, núm. 169, enero-junio, 2010, p. 159-190. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia.

OLIVEIRA, Andreia Fernandes. **Gênero e educação: uma análise da produção do GT 23: gênero, sexualidade e educação da ANPED.** 138p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

OLIVEIRA, Flavia Volta Cortes de. **Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero.** 81p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

OLIVEIRA, João Manuel de. Como se faz o gênero na escola? - uma etnografia. Resenha. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(2): 727-743, maio-agosto/2013.

PARO, Vitor Henrique. O caráter político e administrativo das práticas cotidianas na escola pública. **Em Aberto**, Brasília, n. 53, p. 39-45, jan/mar, 1992.

PARO, Vitor Henrique. **A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública.** São Paulo, 1998.

PARO, Vitor Henrique. Estrutura da escola e educação como prática democrática. *In:* CORREA, Bianca. Cristina; GARCIA, Teise Oliveira. (Orgs.). **Políticas educacionais e organização do trabalho na escola.** São Paulo: Xamã, 2008, p. 11-38.

PARREIRA, Fátima Lúcia Dezopa. **Diálogos sobre sexualidade:** aproximações e distanciamentos nos discursos de licenciados/as de Ciências Biológicas bolsistas do PIBID/UFU. 169 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

PASTANA, Marcela. **Muito Prazer!?** discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas. 552p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

PAVANI, FABIANE BORGES. **O Programa Mais Educação Face aos desafios para viver as diversidades e enfrentar as desigualdades de raça e gênero na escola:** de como aprender a dizer a sua palavra. 169 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas. 2015.

PEREIRA, Maria Elisabete. *et al.* (Org.). **Gênero e diversidade na escola:** Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC. 2007.

PERSON, Cláudio Manoel. **Curso de Pedagogia e Educação Sexual em questão:** a visão de licenciandos/as. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP, 2016.

PESSOA, Tayane. **Os impactos do Programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) para a formação de Pedagogas(os):** o caso UFRJ. 117p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PIERO, Maria Flor Oliveira. **Violência Baseada Em Gênero Na Escola:** análise a partir de textos jornalísticos. 209p. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019.

PIRES, Carlos Manoel Pimenta. As mortificações da carne e o desejo exposto: controle sobre meninas em instituições católicas. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 735-750, jul./set. 2014.

PINO, Angel Sirgado. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 71, p.45-78, jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PINO, Angel Sirgado. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia**. USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 741-756, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400006&

lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400006>.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angélica; SIMAS, Vanessa França. Pesquisa Narrativa em Três Dimensões. In: VI CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2014, Rio de Janeiro, 2014. Anais [...]. Rio de Janeiro: CIPA, 2014, v. 6, p. 413-425.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é a mesma coisa:** análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ROCHA, Natalia Hosana Nunes. **Questões de gênero e sexualidade na escola:** discutindo políticas públicas e formação pedagógica. 60p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação. SEPesq, 2015. Centro Universitário Ritter dos Reis. **Anais** [...] Porto Alegre: UniRitter, 2015. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

SALVADOR, Raquel Borges. **O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e as Professoras:** reflexos na sala de aula. 188p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SANTOS, Fernanda Gabriela Soares dos. **Abrindo o livro das suas vidas:** trajetórias de formação de quatro professoras negras. 104p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SANTOS, Lilian. **Gênero e Educação Infantil:** o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SANTOS, Luciano Pereira dos. **Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola.** 154p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SANTOS, Tiago Zeferino dos. **Quando o “estranho” resolve se aproximar:** A presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

SENKEVICS, Adriano Souza. **Gênero, família e escola:** Socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo. 215p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Erineusa Maria da; FERREIRA, Eliza Bartolozzi. Os movimentos das professoras da educação básica na constituição das políticas de gênero na escola. **Educ. Pesqui.**, São Paulo,

v. 45, e200235, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100578&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 jan. 2021. Epub Sep 16, 2019. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945200235>.

SILVA, Jackeline Susann Souza da; GONZÁLEZ-GIL, Francisca. Acessibilidade, Gênero e Educação Superior: Indicativos Procedentes das Investigações Científicas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 4, p. 607–622, dez. 2017.

SILVA, Jesualdo da. **Gênero e Sexualidade no Ambiente Escolar**: concepções das diretoras frente a preconceitos e discriminações com estudantes LGBTT. 95p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

SILVA, Joyce Felix da; AGUIAR, Regina Meira. **A feminilização da gestão escolar**. s/d. Disponível em: <https://www.oswaldocruz.br/download/artigos/social16.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVA, Mayris de Paula. **Memórias de Mulheres de Movimentos Estudantis**: participação, gênero e educação. 149p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

SILVA, Ribbyson José de Farias Silva. **Quando a matéria tem gênero**: sobre masculinidades e feminilidades na docência em física no agreste de Pernambuco. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SILVEIRA, Jalusa Oliveira da. **Família e Educação**: um olhar sobre as relações entre o especialista e a mãe/cuidadora especial. 78p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SOMARIVA, João Fabrício Guimara. **A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física sob uma perspectiva de gênero**. 104p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *In*: VI Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Formação Docente para Educação Básica e Superior - VI ENFORSUP/I INTERFOR, 2015, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Ed. UnB, 2015, v. 1. p. 1-13. ISSN: 2445-5526.

SOUZA, Marcilene Mendes de. **Educação em sexualidade**: a Web Educação Sexual em ação. 82p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.

SPINK, Mary Jane Paris. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista PSICO**. v.31, n.1, jan./jul., Porto Alegre: 2000.

TATIT, Diana Ribeiro. **Aluno "difícil"**: por quê? Para quem?. 107p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.48.2013.tde-04112013-113030.

TEIXEIRA, Fabiane Lopes. **Gênero e diversidade na escola** - GDE: investigando narrativas de profissionais da educação sobre diversidade sexual e de gênero no espaço escolar. 2014. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.47.2009.tde-19032009-100357. Acesso em: 22 ago. 2020.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, 21(4), 757-779, 2010.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; RODRIGUES, Divino de Jesus da Silva (Org.). **Psicologia sócio-histórica e desigualdade social**: do pensamento à práxis. 1. ed. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>.

TRIMIÑO VELÁSQUEZ, Celina de Jesús. Gênero(s) e educação: Aproximações com o contexto da América Latina e do Caribe. **Rev.hist.educ.latinoam.**, Tunja, v. 17, n. 24, p. 55-72, Jan. 2015.

TRIVELATO, Ingrid Grace de Souza. **A questão de gênero no curso de ciências contábeis**: visão de docentes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP, 2017.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. (Artigo) *In*: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>. Publicado em: 27 nov. 2017. Acesso em: 31 ago. 2020.

VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Marília Pinto de; SCHILLING, Flávia; MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 525-545, abr./jun. 2011.

VIEIRA, Pedro Henrique. **Identidade de Gênero na Escola**: estigma e diversidade. 183p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Problemas de Psicología General. *In*: Lev Semenovich Vygotski. **Obras Escogidas**. Tomo II. Madri: Visor, 1993.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A alteração socialista. *In*: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **The Vygotsky Reader**, Oxford & Cambridge, Blackwell, 1994, p. 175-184.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A questão do meio em Pedologia. **Rev. Psicologia**. v.21, n.4, p.681-701, 2010 (tx original de 1933). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42022>. Acesso em: 22 jun. 2020.

XAVIER, Constantina Filha. Educação para a sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos. *In*: XAVIER, C. F. (Org.) **Educação para a sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

ZAGO, Juliana Aparecida. **Gênero e educação infantil**: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista. 194p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2016.

APÊNDICE 1 A

Curso de extensão

**Relações de Gênero
na Gestão Escolar**

Início 18/09/2019 às 19h

Serão 05 encontros, às quartas-feiras

Público alvo: profissionais da gestão escolar

Local: UNIMEP Taquaral

Inscrições: <https://bit.ly/2lyJ5cs>

Para mais informações: ana.franco@unimep.br

Curso gratuito com certificado



APÊNDICE 1 B



RELAÇÕES DE GÊNERO NA GESTÃO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS PARTILHADAS, NARRATIVAS VIVIDAS

Carga horária: 30 horas (15h presenciais e 15h de estudo dirigido)

Datas: 18/09, 25/09, 02/10, 09/10 e 16/10 (quartas-feiras)

Horário: das 19h às 21h30

Local: UNIMEP – Campus Taquaral (Piracicaba)

Público alvo: Diretoras(es), coordenadoras(es) e demais membros do grupo gestor de escolas de Educação Básica do setor público ou privado.

Os encontros serão organizados de forma a contemplar rodas de conversa, oficinas de criação artística e práticas de escrita narrativa. Partindo de tais experiências, serão propostas discussões, embasadas na leitura de produções acadêmicas da área, temáticas que se mostram fundamentais para a compreensão da relação entre gestão escolar e relações de gênero.

INSCRIÇÕES AQUI

Curso de extensão gratuito e com emissão de certificado.

Conteúdo programático:

- gênero como construção histórica, social, cultural, política e discursiva;
- interfaces entre educação, gênero, diversidade e igualdade étnico-racial, nos limiares da cultura, da sociedade e da identidade;
- atuação do gestor escolar e os atravessamentos relacionados às questões de gênero: dilemas da formação profissional e das práticas cotidianas;
- gênero e experiência de gestão: narrativas.

Corpo docente:

Luciana Haddad Ferreira (Nana) é pesquisadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado em Psicologia Educacional. Tem experiência em formação continuada de professores, educação estética e experiência e docência em Ensino Superior.

Ana Caroline Franco é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, sua pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Luciana Haddad Ferreira. Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela mesma instituição.

APÊNDICE 2

Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências partilhadas, narrativas vividas

O curso de extensão será para diretoras e diretores, coordenadoras e coordenadores e demais membros do grupo gestor de escolas de Educação Básica do setor público ou privado. Visando promover especificamente a relevância das seguintes temáticas: gênero e regime de precarização do trabalho docente; escola como espaço democrático e inclusivo de formação profissional; saberes do cotidiano e o convívio com a diferença; gestão e relações de gênero, violência e opressão.

1. Nome completo da(o) participante: *

2. E-mail: *

3. Telefone: *

4. Cidade em que reside: *

5. Unidade escolar de trabalho: *

6. Função em que atua: *

APÊNDICE 3 A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: *Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências partilhadas, narrativas vividas*

Pesquisadora Responsável: Ana Caroline Franco

Nome da(o) participante: _____

Data de nascimento: _____ **R.G.:** _____

Você está sendo convidada(o) para participar, como voluntária(o), do projeto de pesquisa de mestrado *Relações de Gênero na Gestão Escolar: experiências partilhadas, narrativas vividas*, de minha responsabilidade.

Leia cuidadosamente o que segue e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Após ser esclarecida(o) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Uma via impressa e assinada deverá ser entregue no primeiro dia do curso. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

Prezada(o) convidada(o) informações importantes:

1. O trabalho tem por objetivo identificar, contrastar e refletir a respeito das relações de gênero na experiência da coordenação e direção escolar, por meio do debate da historicidade do conceito de gênero no trabalho docente e suas aproximações com o contexto educacional na atualidade. Bem como, compartilhar narrativas e experiências de trabalho que remetam às questões de gênero, estudar e discutir as situações narradas, buscando uma perspectiva propositiva do trabalho da gestão no que se refere a temática e promover o estudo de literatura sobre o tema em tempo real, o curso ocorrerá simultâneo a pesquisa.

Pretende-se conhecer e experimentar as adversidades relacionadas a gênero vividas na gestão escolar, por isso os gestores escolares serão o objeto de pesquisa. Nossa escolha também se fundamenta no entendimento de que a escola e os profissionais da gestão em educação são agentes essenciais para romper com as relações verticalizadas e predefinidas em relação ao gênero, já que podem reconhecer e minuciar as diferenças e possibilidades de atuação social em um contexto mais democrático e justo, assim viabilizando atuação dos professores de diversas maneiras nas vivências do cotidiano escolar, tendo em vista a equidade.

Ao participar desse trabalho, contribuiremos para o debate sobre a importância da discussão de gênero nas escolas e como ele se manifesta de muitas maneiras e em diferentes contextos educacionais. Indo além do previsto e prescrito, sabemos que há muito o que ponderar acerca do que os corpos falam, as relações afetivas denunciam e as convenções sociais estipulam. Neste sentido, compreendemos que falar de gênero na escola é exercitar a cidadania para o reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres. Dentre as relações possíveis, pretende-se criar um espaço de conversa acerca das questões de gênero que perpassam a gestão escolar.

APÊNDICE 3 B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

2. A sua participação nesta pesquisa consistirá em participar dos 5 encontros (1 por semana) previstos no curso de extensão para o qual você está inscrita(o). Cada encontro tem duração de 3 aulas e ocorrerá na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), das 19h às 21h30.

3. Os encontros serão organizados de forma a contemplar rodas de conversa, oficinas de criação artística e práticas de escrita narrativa. Além das experiências mencionadas, serão propostas discussões, embasadas na leitura de produções acadêmicas da área, temáticas que se mostram fundamentais para a compreensão da relação entre gestão escolar e relações de gênero. Todo o material produzido ao longo dos encontros é considerado fruto da investigação realizada e pode ser utilizado, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa. As falas audiogravadas, produções escritas, fotografias e quaisquer outros materiais de registro poderão ser objeto de análise e os resultados poderão ser posteriormente publicados.

4. Durante a execução da pesquisa há a possibilidade de ocorrer algum desconforto, no entanto, caso aceite fazer parte do grupo, farei o possível para que se sinta sempre confortável e muito bem assistida(o). A qualquer momento você poderá consultar o material produzido e tem total liberdade para retirar algo que de alguma forma não seja aceitável para você. Além disso, ressalta-se que serão utilizadas somente informações necessárias para realizar a pesquisa, bem como será permitido que consulte o material antes da publicação. Não serão expostos textos ou imagens sem prévio consentimento.

5. Não haverá nenhuma despesa ao participar da pesquisa e você poderá deixar de participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer prejuízo por isso. Do mesmo modo, é preciso estar ciente de que não há nenhum valor econômico a receber por sua participação.

6. Seu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Para que possa ser identificada(o) como participante da pesquisa, usaremos o codinome, apelido ou sigla de sua livre escolha.

Registre aqui como gostaria de ser chamada(o): _____

7. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Ana Caroline Franco (pesquisadora responsável), através do número de telefone: (19) 99421.4852 ou e-mail: ana.franco@unimep.br.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informada(o) e concordo em participar, como voluntária(o), do projeto de pesquisa acima descrito.

Piracicaba, ____ de _____ de 20____.

Assinatura _____	Assinatura _____
Nome _____	Nome _____
CPF _____	CPF _____
RG _____	RG _____
